

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

CLEITON RIBEIRO E OLIVEIRA

**TOMEI A LIBERDADE DE FAZER ESTE ESTUDO: A
MULTIFUNCIONALIDADE DO VERBO *TOMAR* EM UMA AMOSTRA DE
FALA DA CIDADE DE GOIÁS-GO**

GOIÁS

2018

CLEITON RIBEIRO E OLIVEIRA

**TOMEI A LIBERDADE DE FAZER ESTE ESTUDO: A
MULTIFUNCIONALIDADE DO VERBO *TOMAR* EM UMA AMOSTRA DE
FALA DA CIDADE DE GOIÁS-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira (UEG/POSLLI)

Coorientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (UEG/POSLLI)

GOIÁS

2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

O482t Oliveira, Cleiton Ribeiro e.
Tomei a liberdade de fazer este estudo : a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da cidade de Goiás-GO [manuscrito] / Cleiton Ribeiro e Oliveira. – Goiás, GO, 2018.
143f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira.
Coorientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2018.

1. Linguística funcional – uso. 2. Gramática de construções.
3. Verbo tomar. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'36(817.3)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marília Silva Vieira
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Presidente)

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP – Câmpus São José do Rio Preto
(Membro Externo)

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Membro Interno)

*A Luís Gomes de Oliveira (in memoriam);
A Amzil Inácio (in memoriam) que, tivesse a chance,
teria dançado mais uma vez.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de dizer obrigado aos meus pais, Luiz e Aparecida, pelo amor incondicional em tempos difíceis, por terem me ensinado a arte de perseverar e, acima de tudo, por terem me acompanhado em cada passo dessa jornada e de tantas outras. Se eu consegui conquistar tudo o que já conquistei, foi por ter duas pessoas incríveis com as quais eu sempre pude contar e das quais ouvi inúmeras vezes um “você consegue!” e nunca sequer ouvi um “não”; agradeço a esses dois que sempre acreditaram em mim e que tem tanta parte nessa conquista quanto eu.

Ao Henrique, meu irmão, que tentou entender as loucuras que eu falava mesmo não sendo da sua área e que nenhuma vez sequer duvidou que era possível fazê-las.

À professora Marília, meus sinceros agradecimentos: por ter me guiado durante esse processo obscuro; ter sido luz onde havia escuridão; ter aguentado todos os meus enjoos e ataques de ansiedade e ter cuidado de mim com um carinho maternal.

À Déborah, professora e amiga de longa data, pelas caminhadas que orientavam e pelas orientações que me fizeram caminhar; à professora Vânia, agradeço pelo carinho e pelos conselhos singelos, e para quem sou Cleyton com ípsilon. Às professoras, Déborah e Vânia, que me contagiaram pelo gosto de estudar funcionalismo e me ajudaram a escrever as primeiras palavras do que viria a ser este estudo.

Aos professores Eleone e Sebastião, meus sinceros agradecimentos: pelo cuidado que tiveram com minhas palavras, com meu texto e comigo. Foram preciosas considerações e inestimável aprendizado.

Quero agradecer aos meus primos por entenderem esse momento de reclusão, esse momento que não consegui existir fora das páginas deste texto. Em especial, obrigado Giovanna, por ter me mostrado que o amor incondicional existe fora da figura materna; Júnior, obrigado pelos convites, muito bem-vindos por sinal, para que eu pudesse sair um pouco de casa e espairar; Lina, obrigado pela preocupação, pelo interesse pelo meu trabalho e pelas ligações de mais de hora que me ajudaram a desabafar; Gabriel, obrigado por dividir

comigo o amor pelos jogos eletrônicos e obrigado por ser companhia verdadeira em dias de tempestade.

Aos pequeninos, Thaísa e Theo, Kauã e Andressa, Guilherme, Carol e Kamilla, Letícia, Isabely e Isadora, que de certo modo sempre serão pequeninos, obrigado por trazerem paz, serenidade e alegria aos meus dias mais turbulentos.

Aos meus tios e tias, obrigado por entenderem a distância nesses últimos meses e, principalmente, obrigado por sempre perguntarem como eu estava, de certa forma, isso fazia que nos meus dias ruins eu ficasse melhor.

À minha família FISK, meus sinceros agradecimentos: à Vilma, por ter reconhecido em mim um profissional da Letras e ter me propiciado oportunidades para sempre aprender mais; À Marília, pela amizade sincera, pelos momentos de desabafo e por acreditar que eu podia vencer; À Maria Augusta, quem eu tive a oportunidade de reencontrar e reviver meus momentos de infância. À toda equipe, obrigado por me aturarem quando nem eu mesmo conseguia me aturar.

À família Coopecigo, muito obrigado. Rosi, agradeço pelos momentos de jogar papo fora, às vezes era só o que eu precisava, obrigado também pelos puxões de orelha seguidos de afagos; Rosania, agradeço pela percepção, pela preocupação e pelo carinho, só o fato de você perceber o peso nos meus ombros fazia com que o fardo ficasse mais leve. Gilmar, obrigado pelos momentos de descontração, pelas risadas e desculpe-me pelo portão. Hélio, obrigado por acreditar em mim desde que eu era pequenino e você me ensinava a filosofar. À toda equipe, obrigado por me acompanharem e me apoiarem nessa jornada.

Agradeço também à família POSLLI, Michely, obrigado por sempre ouvir sobre cada pequena vitória e se alegrar, obrigado por ser tão solícita e desculpe-me pelo trabalho que você teve por ficar me trocando de pasta; Aos professores do programa, agradeço pelo cuidado que tiveram conosco nesse momento de aprendizado; Aos colegas de curso, em especial Núbia, Jacqueline e Luciana, obrigado pelo companheirismo e por dividirem comigo a orientação.

À família que escolhi pela vida, aos amigos que sempre estiveram presentes, obrigado pelo suporte, por sofrerem e vibrarem com cada decisão tomada e por terem fé em mim, mesmo quando eu mesmo não via razão para ter.

Obrigado a todos por entenderem minha ausência nesses últimos tempos.
Obrigado, acima de tudo, por terem continuado a meu lado mesmo quando estive distante.

Esta conquista compartilho com todos vocês.

*O mar rolou uma onda.
Na onda veio uma alga.
Na alga achei uma concha.
Dentro da concha teu nome.*

*Pisei descalço na areia
toda vestida de algas.
Tomei o mar entre os dedos.
Ondas peguei com as mãos.
O mar me levou com ele. [...]
(Variação, Cora Coralina)*

RESUMO

OLIVEIRA, CLEITON RIBEIRO e. *Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-GO*. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

Esta dissertação descreve o uso de *tomar* na Cidade de Goiás, a fim de averiguar possíveis fatores cognitivos e funcionais que possam motivar a multifuncionalidade desse verbo. As teorias que alicerçam este estudo defendem que a língua está a serviço da comunicação e que a estrutura linguística é emergente do uso. A Linguística Funcional Centrada no Uso, com os pressupostos de Bybee (2007; 2010; 2015), Furtado da Cunha et. al. (2013), Givón (2011), Neves (2002; 2011) e Tomasello (2008; 2009), possibilitou analisar os aspectos cognitivos que norteiam os diferentes usos do verbo em estudo; a Gramática de Construções, de Goldberg (1995; 2006), e a estruturação de redes conceituais e hierárquicas de Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2015) permitiram analisar a língua como um esquema cognitivo interligado, organizado por meio de redes. A Sociolinguística, com as contribuições de Labov (1972; 1994) e Bortoni-Ricardo (1985), concedeu o rigor metodológico para a coleta de dados desta pesquisa. A partir das ocorrências extraídas, constatou-se que, dentre as quatro categorias: *verbo pleno*, *verbo estendido*, *verbo suporte* e *expressão cristalizada*, os cidadãos vilaboenses, na fala (dados obtidos do Projeto Fala Goiana), têm privilegiado os usos das categorias *suporte* e *estendido*. Uma possível explicação reside no fato de que as categorias *pleno* e *expressão cristalizada* são utilizadas em um contexto de uso mais restrito: o verbo pleno é altamente lexical e codifica sempre a mesma acepção. A expressão cristalizada, por sua vez, tem componentes altamente entrincheirados e também codifica sempre a mesma acepção. Em contrapartida, as categorias *suporte* e *estendido* podem ser empregadas em contextos diversos e, dependendo do sintagma nominal que acompanha o verbo, tendem a assumir acepções diversas. A análise dos dados permitiu perceber que a multifuncionalidade de *tomar* pode estar associada ao fato de que o verbo apresenta um traço semântico comum a todas as categorias, *aproximação corporal*, além de ter ligação com outros fenômenos de mudança linguística, como o não uso do pronome reflexivo e a tendência ao uso de perífrases para redução de formas flexionais (economia linguística). Tal evidência fortalece a premissa de que a língua é formada por redes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Categorização; Verbo *Tomar*.

ABSTRACT

This work describes the use of *tomar* in Goiás City, in order to ascertain possible cognitive and functional factors that may motivate the multifunctionality of this verb. The theories that support this study assume that language is at the service of communication and that the linguistic structure emerges from the use. The Usage-Based Linguistics with the assumptions of Bybee (2007; 2010; 2015), Furtado da Cunha et. al. (2013), Givón (2011), Neves (2002; 2011) and Tomasello (2008; 2009) enabled us to analyze the cognitive aspects that motivate the different uses of the verb analyzed; the Construction Grammar by Goldberg (1995; 2006), and the conceptual and hierarchical network elaboration by Traugott and Trousdale (2013) and Traugott (2015) allowed us to analyze the language as an interconnected cognitive scheme, organized through networks; Sociolinguistics, with the contributions of Bortoni-Ricardo (1985) and Labov (1972; 1994), has given us the methodological rigor for the data collection of this study. From the instances analyzed, we found out that, among four categories: full verb, verb extended, verb support and crystallized expression, the citizens of Goiás, in spoken language (data obtained from *Fala Goiana* Project), have privileged the uses of the *support* and *extended* categories. One possible explanation lies in the fact that the *full* and *crystallized expression* categories are used in a context of more restricted use: the full verb is highly lexical and always encodes the same meaning. The crystallized expression has highly entrenched components and also always encodes the same meaning. On the other hand, the *support* and *extended* categories can be used in different contexts and, depending on the noun phrase that accompanies the verb, can assume different meanings. The analysis of the data allowed us to realize that the multifunctionality of the verb *tomar* is associated with the fact that the verb has a common semantic trace associated to all four categories, *body proximation*, and it also has links with other linguistic change phenomena, such as the disuse of the reflexive pronoun and the tendency to use periphrasis to reduce inflectional forms (linguistic economy), these strengthens the assumption that the language is formed by networks.

KEY-WORDS: Usage-Based Linguistics; Construction Grammar; Categozation; *Tomar*.

LISTA DE ABREVIações

ARG	Argumento
GC	Gramática de Construções
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
PREP	Preposição
SN	Sintagma Nominal
V	Verbo

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama do modelo de categorização de Platão-----	35
Figura 2: Diagrama do modelo de categorização de Wittgenstein -----	35
Figura 3: Diagrama da categorização do agrupamento de protótipo -----	37
Figura 4: Categorização do verbo <i>tomar</i> adaptado do modelo de protótipos de Givón -----	38
Figura 5: Perspectiva baseada em pontos espaciais -----	44
Figura 6: Perspectiva baseada em pontos temporais-----	45
Figura 7: Anatomia da Construção-----	56
Figura 8: Construção ditransitiva -----	57
Figura 9: Padrões ditransitivos: <i>to</i> e <i>for</i> -----	59
Figura 10: Gradiência de relações hierárquicas entre construções -----	66
Figura 11: Rede Conceitual -----	67
Figura 12: <i>Continuum</i> de transitividade do verbo <i>tomar</i> -----	84
Figura 13: Distância entre Goiás e Goiânia-----	88
Figura 14: Localização geográfica Cidade de Goiás -----	88
Figura 15: Rede construcional do verbo <i>tomar</i> -----	111

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição do verbo <i>tomar</i> nas quatro categorias -----	114
Tabela 2: Conjugação dos verbos <i>decidir-se</i> , <i>banhar-se</i> e <i>tomar decisão</i> e <i>tomar banho</i> -----	115

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Dimensões das construções-----	64
Quadro 2: Parâmetros de transitividade -----	82
Quadro 3: Distribuição dos informantes conforme os caracteres sociais-----	91
Quadro 4: <i>Tomar</i> como verbo pleno -----	98
Quadro 5: <i>Tomar</i> como verbo estendido -----	101
Quadro 6: Tomar como verbo suporte -----	102
Quadro 7: Tomar como verbo parte de expressão cristalizada-----	104
Quadro 8: Usos não previsíveis de <i>tomar</i> como verbo pleno -----	107
Quadro 9: Usos não previsíveis de <i>tomar</i> como verbo suporte -----	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 UMA VISÃO COGNITIVA E FUNCIONAL DA LÍNGUA	22
1.1 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM):	22
1.2 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	25
1.2.1 Mudança linguística	29
1.2.2 Categorização e prototipicidade	31
1.2.3 Iconicidade	40
1.2.4 Perspectivização	42
1.2.5 Informatividade	46
1.2.6 Analogia	47
1.2.7 Memória rica	52
1.3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	53
1.3.1 Princípios da proposta construcionista	54
1.3.2 A mudança linguística na perspectiva construcionista	61
2 O VERBO TOMAR E SUA MULTIFUNCIONALIDADE	71
2.1 O VERBO	71
2.1.1 A transitividade	79
2.1.2 A valência	84
2.2 A origem do verbo <i>tomar</i>	85
3 METODOLOGIA	87
3.1 A CIDADE DE GOIÁS	87
3.2 O <i>CORPUS</i>	89
3.3 A METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS SOCIOLINGUÍSTICA	93
4 ANÁLISE DOS DADOS	97
4.1 O VERBO <i>TOMAR</i> PLENO	97
4.2 O VERBO <i>TOMAR</i> ESTENDIDO	99
4.3 O VERBO <i>TOMAR</i> SUPORTE	101
4.4 O VERBO <i>TOMAR</i> EM EXPRESSÕES CRISTALIZADAS	104
4.5 USOS NÃO PREVISÍVEIS DO VERBO <i>TOMAR</i>	106
4.6 A REDE CONSTRUCIONAL DO VERBO <i>TOMAR</i>	109
4.7 TABULAÇÃO DOS DADOS	113

CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICES	129
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que se dedica a descrever a multifuncionalidade do verbo *tomar*, com o objetivo de: a) compreender e analisar as categorias formadas a partir do seu uso em contextos específicos; b) propor uma rede construcional para o verbo e investigar os fatores linguísticos que podem estar envolvidos nos diferentes usos do verbo.

Para atingir tais objetivos, adotamos a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a partir das contribuições de autores que se filiam a essa corrente teórica e defendem que as estruturas da língua são moldadas a partir do uso. Segundo a LFCU, existe uma retroalimentação, de modo que a gramática dá suporte ao uso e o uso modifica a gramática. Dessa forma, a língua pode ser vista como fluida, passível de mudanças, com uma gramática emergente. Para definir alguns pressupostos da LFCU, foram utilizadas as obras de Bybee (2007; 2015), Furtado da Cunha et al. (2013), Furtado da Cunha e Souza (2007), Givón (2001), Martelotta, Votre e Cezário (1996), Martelotta (2011), e Tomasello (2008; 2009).

Também constituem o arcabouço teórico deste trabalho os pressupostos da Gramática de Construções, cujos estudos defendem que a mente é holística, logo, diversos processos acontecem concomitantemente ao conceptualizarmos um evento no mundo. Outro ponto defendido pela Gramática de Construções é o fato de que língua se organiza por meio de redes e generalizações. Quando tem contato com diferentes formas, expressões ou padrões de língua, o falante consegue abstrair esquemas que podem ser utilizados para compreender o sistema e estruturá-lo. A base construcionista é formada, principalmente, pelos pressupostos de Goldberg (1995; 2006) e utilizamos os estudos de Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2015), para propor uma rede construcional para o verbo estudado.

Para realizar este estudo, foi adotado o rigor metodológico de coleta e seleção de dados da Sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 1985; LABOV, 1972; 1994).

Já existem, na literatura, alguns estudos que descrevem usos do verbo *tomar*. Santos (2011), por exemplo, investiga as diferentes acepções que esse verbo pode assumir, dependendo de seu contexto de uso. Jesus (2014) investiga

um possível processo de gramaticalização do verbo, o que, para a autora, justifica sua multifuncionalidade. No entanto, não se registra nenhum trabalho sobre o tema que considere os aspectos cognitivos que podem estar envolvidos na multifuncionalidade e na categorização de tal verbo.

Outro fator que ainda não foi explorado, e é um dos objetos deste trabalho, é a elaboração de uma rede que abarque as diferentes categorias de *tomar*: *pleno*, *estendido*, *suporte* e como *parte de uma expressão cristalizada*.

Como **pleno**, o verbo é autônomo e, apesar de recorrer aos argumentos para denotar o ato de *requerer posse*, traz no próprio verbo sua significação, como ilustra a ocorrência dada em (01):

(01) aí minha prima falô precisa tê medo não comade... num vô **tomá o serviço** da senhora não... falei num vai memo... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Quando **estendido**, o verbo perde parte de sua autonomia e passa a ser dependente de um grupo de sintagmas nominais para assumir uma acepção específica, como observado na ocorrência (02), de *ingerir*, sempre que for associado a um argumento passível de ser ingerido, o verbo assumirá essa significação:

(02) Foi. Aí depois que ele morreu eu peguei a **toma remédio** pra mim não volta à depressão (Fala Goiana, Feminino, 43 anos, grifo nosso)

É **suporte**, quando há um esvaziamento semântico do verbo e ele assume funções cada vez mais gramaticais. Mudando o sintagma nominal, mudamos a acepção do verbo. Além disso, o verbo suporte oferece a possibilidade de poder ser substituído por outro verbo pleno sem que haja prejuízo nas informações da oração, como pode ser visto na ocorrência (03):

(03) nem ia na igreja... num ia mais meu esposo aí eu resolvi **tomei uma decisão** i passei pra igreja de Cristo hoje graças a Deus eu sô crente não arrependo de sê crente gosto muito... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Quando o verbo integra uma **expressão cristalizada**, é possível observar um forte entrincheiramento entre o verbo e seus complementos e, por isso, não é possível nem desvincular os itens que integram a expressão, nem fazer a análise dos itens isoladamente, como mostra (04):

(04) Muita briga feia de homem ensopara de sangue a areia daquelas ruas descalçadas. Por nada, ninharia, **toma lá dá cá**, eram tiros, facadas, pancadaria. A impunidade era a lei vigente da terra. (Cora Coralina, 2012a, p. 94)¹

Ao proceder a essas definições, alguns questionamentos foram levantados: Quais fatores cognitivos e funcionais configurariam a multifuncionalidade do verbo *tomar*?; Como uma rede construcional poderia auxiliar a compreensão dos usos desse verbo?; Quais fenômenos linguísticos podem estar envolvidos na sua expansão categórica?

Diferentemente do trabalho realizado por Jesus (2014), que defende a ideia de que o verbo *tomar*, ao longo do tempo, foi gramaticalizado, nossa hipótese é que o item já entrou na Língua Portuguesa gramaticalizado, multifuncional, e que, por estar associado a uma necessidade cognitiva básica, *trazer um objeto para próximo de si*, o verbo vem se consolidando e tendo o alcance de seus usos expandido. Além disso, não descartamos a possibilidade de que outros fenômenos linguísticos possam ter contribuído para a multifuncionalidade do verbo *tomar*, uma vez que também defendemos que a língua se organiza em redes.

Para confirmar nossa hipótese e atingir os objetivos estipulados, selecionamos ocorrências do *corpus* composto pelo projeto do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás, “Fala Goiana”, que se dedica a investigar e descrever a variação linguística no português popular falado pelos residentes do estado de Goiás. O projeto baseia-se nos pressupostos de que a língua é fluida, dinâmica, inacabada e está sempre em processo de constituição,

¹ Utilizamos aqui uma ocorrência extraída de um dos livros de Cora Coralina, pois, nos inquéritos analisados, não houve usos do verbo *tomar* como parte de uma expressão cristalizada. No entanto, como sabemos dessa possibilidade de uso para o verbo, acreditamos que seja pertinente incluir tal categoria neste estudo.

portanto, passível de sofrer mudanças e variações, fenômenos estes que são mais frequentes na fala, objeto de estudo do projeto.

As ocorrências adotadas para desenvolver este trabalho são todas retiradas de inquéritos realizados na Cidade de Goiás, com informantes vilaboenses, residentes nessa cidade. Para garantir o balanceamento da amostra e evitar idiosincrasias, escolhemos inquéritos de informantes com o mesmo perfil social. Os inquéritos reúnem falantes com até 4 anos de escolaridade, homens e mulheres entre 25 e 75 anos, distribuídos em três grupos etários: dos 20 aos 35 anos; dos 36 aos 50 anos; e acima de 51 anos.

Optamos por utilizar o *corpus* do Fala Goiana para dar visibilidade a um projeto que vem se dedicando a coletar e analisar amostras de fala de uma região central do país, e nos restringimos a inquéritos da Cidade de Goiás por sermos também residentes dessa cidade e por ela se encontrar geograficamente em uma localização favorável para que as variações linguísticas sejam analisadas.

Por um lado, temos uma cidade com uma cultura conservadora, em que boa parte da população ainda vive da agricultura e da agropecuária local, o que pode configurar um ambiente de conservadorismo linguístico². Por outro lado, a cidade recebe um grande número de estudantes universitários e, por ser Patrimônio Histórico da Humanidade, recebe também muitos turistas. É preciso ressaltar que a cidade se encontra a 142 km de Goiânia, capital do estado, e há um fluxo constante de cidadãos vilaboenses que frequentam a capital, o que pode configurar um ambiente propício a inovações linguísticas.

Este trabalho foi organizado de modo a sistematizar, em primeiro plano, parâmetros mais gerais da língua e, em um segundo momento, os mais específicos. De acordo com essa dinâmica, esta dissertação está organizada conforme a descrição dos parágrafos seguintes.

² Como mostram Ribeiro e Lacerda (2013), os falantes de uma comunidade rural, por ser conservadorismo sociocultural, também possui conservadorismo linguístico, no entanto, ao se deslocarem para a uma comunidade sem o conservadorismo sociocultural, passam a estarem prontos para novas experiências culturais e novas formas de se expressar, quando retornam para a comunidade rural, por mais que o falante tenda a utilizar as formas conservadoras para se comunicar naquela comunidade, ele também utilizara as formas inovadoras em ambientes menos monitoradas, o que mostra que o conservadorismo e a inovação podem estar presentes na fala de um mesmo falante.

O primeiro capítulo apresenta os pressupostos cognitivos e funcionais adotados para a descrição do fenômeno em questão. Em um primeiro momento, determinamos nossa concepção de língua e alguns fatores que estão relacionados à mudança linguística, como *categorização*, *prototipicidade*, *iconicidade*, *perspectivização*, *informatividade*, *analogia* e *memória rica*. Em um segundo momento, apresentamos as diretrizes da Gramática de Construções e explicamos como essa vertente teórica concebe as mudanças ocorridas na língua.

O segundo capítulo decorre sobre o verbo *tomar* em uma perspectiva funcional e, em especial, analisa sua origem, a possibilidade de categorizá-lo como *pleno*, *estendido*, *suporte* e como *parte de uma expressão cristalizada*. Também são abordados a *transitividade*, a *valência* e a *estrutura argumental* e o *perfilamento de papéis semânticos*.

O terceiro capítulo explica a metodologia adotada para realizar este estudo, faz algumas considerações a respeito da constituição do *corpus* e apresenta e retoma as bases teóricas que serão utilizadas para analisar as ocorrências.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados de nossa investigação e a análise desses resultados, correlacionando os dados obtidos com as teorias apresentadas nos capítulos anteriores. Além disso, propomos uma rede construcional para o verbo *tomar*, seguindo os pressupostos da Gramática de Construções, e, no final, analisamos as ocorrências do verbo *tomar* como um todo, bem como as possíveis implicações que podemos fazer a partir desses dados.

Nas considerações finais, respondemos às perguntas feitas no começo desta pesquisa e propomos encaminhamentos para futuras pesquisas que se dediquem a uma perspectiva similar.

Capítulo 1

1. UMA VISÃO COGNITIVA E FUNCIONAL DA LÍNGUA

O capítulo inicial deste trabalho tem como objetivo introduzir a concepção de língua e gramática que adotamos em nossa pesquisa e análise. A gramática que estrutura a língua tem base cognitiva, de modo que os usos alimentam as estruturas linguísticas e, dessa forma, a gramática emerge dos usos. Sob essa perspectiva, analisaremos ocorrências do verbo *tomar* na fala de cidadãos vilaboenses, já que o verbo em questão tem assumido diferentes acepções, que podem estar ligadas a processos cognitivos.

Os pilares teóricos que fundamentam este trabalho são construídos a partir das discussões de Bagno (2012), Barros (2011; 2016), Bortoni-Ricardo (1985), Bybee (2007, 2015), Castilho (2016), Furtado da Cunha et al. (2013), Furtado da Cunha e Souza (2007), Goldberg (1995; 2006), Givón (2001), Hopper e Thompson (1980), Ilari e Basso (2014), Labov (1972; 1994), Martelotta, Votre e Cezário (1996), Martelotta (2011), Traugott e Trousdale (2013), Tomasello (2008) e Vieira (2016).

1.1 Concepção de língua(gem)

A necessidade de se comunicar, de se envolver e de envolver o outro em um evento comunicativo é parte da constituição do ser humano e, como uma particularidade cognitiva básica, está presente nas relações interacionais. Tomasello (2008) argumenta que o ser humano, mesmo em tempos pré-verbais, fazia uso dos gestos para expressar suas intenções e intervir nas ações de seus pares.

Os gestos já incorporavam uma forma de comunicação social, uma atividade cognitiva que exigia que ambos os indivíduos participantes do ato comunicacional entendessem a finalidade do gesto. O autor salienta que foram os gestos, providos de uma de cognição social, que motivaram a criação das línguas convencionais, sendo que a origem de um código exige uma forma de comunicação preexistente que seja tão rica quanto o código criado.

Um dos gestos apresentados pelo autor para exemplificar essa comunicação pré-verbal é o de apontar, usado como um ato comunicativo completo, ou seja, esse gesto, por si só, consegue transmitir uma mensagem completa. Na comunicação humana, ele normalmente assume o sentido básico de *direcionador de atenção* ou *gesto dêitico*. *Apontar* pode ser considerado como direcionador de atenção quando for utilizado para indicar para o interlocutor um item localizado no seu espaço perceptual imediato.

Esse gesto pode codificar diferentes mensagens, uma vez que seus usos são relativamente flexíveis. Por exemplo, se o indivíduo está em contato com tipos variados de frutas, ao apontar para uma específica, ele pode mostrar sua predileção ou o desejo de obter aquele item. Da mesma forma, se existe a necessidade de que o interlocutor encontre determinado objeto, o locutor precisa apenas apontar a direção do objeto e, dessa forma, direcionar a atenção do interlocutor para ele.

Tomasello (2009) defende que a ação de apontar, desassociada de um contexto, não significa nada; é necessário ter acesso ao contexto para entendermos qual o sentido do gesto. Além disso, o ponto central para compreender o significado do gesto é o conhecimento compartilhado pelos indivíduos, particularmente, no caso de apontar, é o que o autor chama de *intencionalidade compartilhada*, ou seja, ambos os envolvidos no evento comunicativo devem ter experienciado situações semelhantes nas quais o evento de apontar aconteceu.

Em todos esses casos de *apontar*, a comunicação tem início na necessidade de envolver o outro em um evento no mundo, a necessidade de que o outro coopere nesse evento. *Apontar* é apenas um exemplo básico de como isso ocorre.

Na verdade, quanto mais complexo o evento no qual o indivíduo está inserido, maior será a complexidade de código utilizado por ele. Dessa forma, pela necessidade de engajar o outro em eventos ainda mais complexos do que mostrar a predileção por um objeto e pela predisposição biológica do ser humano de desenvolver o aparelho fonador, a língua passa a ser associada aos gestos, uma vez que apenas os gestos não conseguiriam, por exemplo, argumentar para convencer. Sendo assim, é possível inferir, a partir de Tomasello (2008; 2009),

que é na interação com o outro e na necessidade de cooperação que se encontra a base para a comunicação e para o desenvolvimento dos sistemas linguísticos.

Para descrever a língua e seu sistema, Bybee (2010) utiliza a metáfora das dunas de areia. Para a autora, assim como a língua, as dunas exibem regularidades na forma e na estrutura, mas também apresentam variações, gradiência e capacidade de mudar. Assim como Goldberg (1995, 2006) afirmava, Bybee (2010) diz que, para entender o processo de formação da língua, é necessário ir além das formas de superfície e observar as circunstâncias que estão envolvidas na formação dos padrões analisados.

Bybee (2010) ainda reconhece que, embora as línguas se difiram, elas compartilham alguns princípios básicos na sua formação. A autora mostra que, mesmo que os enunciados sejam diferentes, existem resquícios reconhecíveis de uma estrutura semelhante. Esses princípios nos fazem pensar que existem fatores que moldam a língua que vão além da estrutura linguística, os quais Bybee (2010) denomina de processos de domínio geral que: “[...] seriam aqueles que podem se mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem” (BYBEE, 2016, p. 18).

Reconhecer esses processos como parte formadora da língua não é negar a importância da estrutura linguística no processo de mudança e formação da língua, mas sim, admitir que existem outros fatores, compartilhados pelos falantes de todas as línguas, que também operam nesse fenômeno. Bybee (2010) define a língua como um sistema adaptativo complexo, assim como as dunas de areia, com variações, gradiência e suscetível a mudanças provindas do tempo e de todas as forças que operam sobre elas.

Uma dessas forças que operam na formação da língua reside na necessidade do indivíduo de não apenas comunicar um evento de mundo, como também em envolver outro indivíduo em um desses eventos; até mesmo um único gesto, habilidade cognitiva social de interação básica, como *apontar*, é complexo o suficiente para transmitir mais de uma mensagem e que, para ser compreendido, depende do entendimento do seu contexto de produção.

Essa noção de que um único gesto pode ter diferentes sentidos, dependendo do contexto no qual ele é empregado, corrobora a noção de que uma palavra pode ter diferentes sentidos, a serem compreendidos em relação

ao contexto no qual ela é empregada, prerrogativa adotada pela Linguística Funcional Centrada no Uso.

1.2 Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional centrado no uso, doravante LFCU, tem como pressuposto básico a noção de que a língua é estruturada de acordo com as necessidades de quem a utiliza. Assim, as intenções que o falante tem, durante a estruturação do ato comunicacional, podem alterar a forma como ele estrutura a língua. Essa frente teórica que surge da união da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, considera cara a relação entre a forma e o significado e a noção de que a língua se constitui e é passível de ser compreendida desde que seja considerado seu uso real.

É possível perceber que a estruturação dos enunciados está altamente ligada às informações que o enunciador enseja comunicar, por exemplo, quando o enunciador dá ênfase prosódica a um elemento específico da oração, ou quando o topicaliza, colocando-o em primeiro plano, ele o faz por acreditar que tal elemento é mais importante que os demais, sendo ele a informação central da predicação.

O tópico sempre aparece no início da sentença e é ele que recebe a força informativa. Contudo, ele nem sempre é o sujeito da oração. Portanto, dependendo daquilo que o enunciador deseja comunicar, existem diferentes construções para um mesmo evento de mundo, como exemplificam as sentenças abaixo, que revelam estratégias diferentes de focalização dos constituintes sentenciais: em 1a, o enfoque recai sobre o sujeito “João”; em 1b, sobre o complemento locativo “à feira”; em 1c, sobre o advérbio de tempo “ontem”; e em 1d, sobre advérbio comitativo “com Maria”.

- 1a – João foi à feira ontem com Maria.
- 1b – À feira, João foi ontem com Maria.
- 1c – Ontem, João foi à feira com Maria.
- 1d – Com Maria, João foi à feira ontem.

Dessa forma, é necessário analisar não apenas o contexto da forma. Faz-se necessário observar o contexto de conteúdo, ou seja, é preciso ir além das

relações fonológicas, morfológicas e sintáticas e considerar também as relações semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Tal fato torna-se evidente quando salientamos que os mesmos constituintes, dispostos de formas diferentes de 1a a 1d, apresentam cargas informacionais distintas e suas distribuições na sentença revelam a informação central que o enunciador deseja comunicar.

A estruturação sintática, assim, é organizada pela necessidade de comunicar um evento. Logo, não apenas a estruturação, mas todas as relações gramaticais emergem do uso e são passíveis de sofrer influência de fatores externos à estrutura da língua. Alguns exemplos desses fatores são: a intenção comunicativa, a interação entre os participantes no evento, o grau de intimidade entre os participantes e o conhecimento compartilhado por eles, o que é confirmado por Barros (2016, p. 24):

[a]trelar a concepção de gramática ao uso e ao discurso implica assumir que também fazem parte do processo de linguagem duas dimensões básicas da formação humana e, exatamente, por isso, elas são constitutivas da gramática, a saber: i) a interação social; e ii) a cognição (BARROS, 2016, p. 24).

Assumir essa premissa para a formação da gramática é acreditar que a necessidade comunicativa e os objetivos que pretendemos alcançar refletem-se na forma como estruturamos a língua. A estratégia de polidez, por exemplo, depende, inclusive, da posição social ocupada pelos participantes do evento.

Como já discutido, Tomasello (2008) defende a ideia de que a gramática da língua é formada pela interação entre os indivíduos, a partir de eventos compartilhados e estruturações que são cognitivamente armazenadas. O conhecimento compartilhado é utilizado novamente quando uma situação similar ocorre. Assim, ao perceber, por exemplo, que dizendo *por favor*, uma estratégia de polidez, a obtenção de um item desejado é facilitada, na próxima ocasião em que o indivíduo desejar um item, é possível que ele recorra ao *por favor*, ou a uma forma similar para formular o enunciado.

Essa noção é reafirmada por Martelotta (2011), quando o autor defende que todas as relações cognitivas são perceptíveis na interação. Assim, não apenas as escolhas linguísticas, sintáticas e lexicais, fazem-se presentes, como também o conhecimento da cultura armazenado e compartilhado pelos

indivíduos, advindo de uma habilidade da mente de guardar e acessar experiências.

Essas experiências, segundo Langacker (2013), são responsáveis por como o indivíduo constrói os significados que emprega linguisticamente. De acordo com Goldberg (2006) e Bybee (2015), é a partir de um número suficiente de experiências semelhantes armazenadas que o indivíduo consegue reelaborar padrões existentes e gerar novos usos para formas existentes.

Sendo assim, como também defendem Furtado da Cunha et al. (2013), a gramática da língua emerge do uso do indivíduo e é adaptada por ele para atender suas necessidades comunicacionais. De acordo com aquilo que o indivíduo sente necessidade de comunicar, ele poderá recorrer a diferentes estratégias comunicativas, armazenadas a partir dos eventos experienciados por esse indivíduo, como mostra Langacker (2013).

Tal quadro torna-se evidente quando levamos em consideração, por exemplo, as diferentes acepções e as diferentes funções que o verbo *tomar* assume na fala vilaboense. Originariamente, o verbo *tomar* denotava a noção de *requerer a posse de algo*, como é possível observar na seguinte ocorrência³ (05):

(05) aí ele:::... ele num feis... ele vendeu... quem comprô dele ia fazê né... época de ano tinha passado da metade... **tomano** metade do meu terreno. Doc. Nossa... Inf. Aí eu num dexei... () falei qui:::... i vortô lá... não tem que/sê reto... falei então cê sorta um pedaço do qu'é seu... memo tanto... i pra podê... (Fala Goiana, Masculino, 72 anos, grifo nosso)

No entanto, é possível encontrar usos que não representam posse, como por exemplo em (06):

³ As transcrições do projeto Fala Goiana seguem as normas de transcrição do NURC – Projeto da Norma Urbana Culta do Estado de São Paulo – (Cf. KOCH, 2003). A transcrição ortográfica tenta reproduzir alguns aspectos da fala, como inferências, pausas, prosódia, entre outros fatores naturais ao uso da língua, por exemplo: ::: para prolongamento da sílaba; ... para hesitação; (), para trechos que não puderam ser compreendidos: [], para interferência; caixa alta, para ênfase. Optamos por manter, neste trabalho, as transcrições conforme estão disponíveis no banco de dados do projeto.

(06) meu avô contava caso de onça que:::.... eu... uma veis disse que tinha um poço assim...na mata só... só a onça que bebia água lá né? aí então um dia... os macaco juntô tudo lá... reuniu a turma e marrô ela na... na árvore né? e aí foi **tomá banho** no poço dela lá com ela oiano () ela veno tudo né? (Fala Goiana, Masculino, 25 anos, grifo nosso)

Nessa ocorrência, em *tomá banho*, percebemos que não apenas a acepção do verbo foi alterada, mas também a função que o verbo exerce já não é mesma. *Tomar banho* é utilizado no lugar de *banhar-se*. Assim, a noção de requerer posse está desbotada, embora ainda presente a noção de aproximação ao corpo; enquanto em *tomano metade do meu terreno* tínhamos um verbo pleno, em *tomar banho* temos um verbo suporte.

Ainda é possível encontrar outras acepções e funções para o verbo em estudo. A exemplo de *tomar* sendo utilizado como estendido⁴, temos a ocorrência (07):

(07) porque naum podia gumitá o remédio, chegava lá, ali no só gelo alí ô, me dá um guaraná di gelo ai qui eu... ai ele trazia o guaraná, eu **tomava o guaraná** pra podê cabá di estabilizá o remédio no meu estomago, graças a Deus, tô aqui, dano intrevista pro cê, um grandí, grandí estudioso (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)

O último uso catalogado, *parte de uma expressão cristalizada*, pode ser ilustrado com a expressão *toma lá, dá cá*, expressão que denota uma troca de favores.

Nas ocorrências apresentadas acima, é importante salientar que apenas a estrutura não seria o suficiente para analisar forma/função do verbo *tomar*. Até mesmo para realizar a análise, foi necessária a noção das possíveis acepções que o verbo poderia vir a assumir nos enunciados, o que fortalece os pressupostos de uma análise que considere fatores de ordem cognitiva e funcional, orientados pela LFCU.

Dado o exposto, a LFCU considera fatores de ordem cognitiva e social, que estão além da materialização linguística. Alguns dos fatores de ordem

⁴ A categoria *estendido* para *tomar* é proposta por Jesus (2014), que entende por verbos estendidos aqueles cujo sentido depende de um grupo SN específico para assumir determinado significado, como, por exemplo, verbo *tomar* + SN (ingerível) = *tomar água*, *tomar remédio*. Nesse caso, o verbo assume o mesmo significado compartilhado para todo o grupo de SNs, diferentemente do verbo suporte, categoria na qual o verbo assume significados particulares dependendo de um único SN.

cognitiva que são caros para o desenvolvimento deste estudo estão presentes, como mostram Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2015), em atividades que não se resumem ao campo linguístico: *categorização, prototipicidade, iconicidade, perspectivização, analogia e memória rica* estão presentes em todas as atividades humanas.

Essas concepções, associadas à noção de *informatividade*, são necessárias para mostrar algumas mudanças pelas quais passa o verbo *tomar*, como esses usos podem alterar a transitividade e a valência do verbo e como essas habilidades podem gerar mudanças na língua como um todo.

1.2.1 Mudança linguística

Bagno e Casseb-Galvão (2017) ressaltam que diversas correntes teóricas vêm se preocupando com as mudanças que ocorrem no sistema linguístico; o que difere uma corrente teórica da outra é a perspectiva adotada sobre como e o que muda. A LFCU, particularmente, lida com as mudanças formais e funcionais da língua. Além disso, os autores defendem que as mudanças são facilmente perceptíveis quando fazemos comparações de documentos de tempos diferentes ou de falantes de gerações diferentes.

A LFCU, ao postular que todo o sistema linguístico é moldado com base nos reais usos que o falante faz da língua e no reflexo que as necessidades do falante exercem sobre o todo da língua, defende que a gramática está viva e é alimentada pelo discurso. Furtado da Cunha et al. (2013) argumentam que existe um forte elo entre o discurso e a gramática. Para os autores, a gramática é uma estrutura que se encontra, até certo ponto, em constante fase de mutação e adaptação, o que reflete a instabilidade da construção do discurso e das diferentes necessidades do indivíduo.

É possível inferir que o sistema linguístico vai se adaptando às necessidades comunicativas do falante, ideia que vai ao encontro daquelas defendidas por Tomasello (2008) acerca da vivacidade da língua. O autor acredita que a língua acompanha o desenvolvimento do ser e se desenvolve junto a ele, sendo que, quanto mais complexos os eventos nos quais o ser se envolve durante o seu desenvolvimento, mais complexas são as estruturações

da língua utilizadas por ele. Nessa perspectiva, a língua é, filogeneticamente, propensa a variações e mudanças.

É importante ressaltar aqui que reconhecer a natureza adaptativo-funcional da língua e asseverar que a gramática seja emergente do uso não é negar a existência de regras que estruturam o discurso. Reconhecer que a língua se adapta às necessidades do falante, como mostra Martelotta (2011), é entender que, dentro dos diferentes contextos, é possível adaptar as regras gerais da língua para organizar seu discurso, de forma a atender as necessidades comunicacionais. Tal fato pode ser visto quando constatamos que, apesar de existir um padrão SVO para a língua portuguesa, o falante pode optar por construir uma estrutura marcada, topicalizada, para ressaltar a importância de um dos constituintes da sentença.

Também não negamos a existência de universais linguísticos, mas, como afirma Goldberg (2006), diferentemente do que era defendido pelo Gerativismo, os universais estão associados à noção de que, por termos experiências de mundo similares, é possível estruturar eventos linguísticos de modo similar.

No entanto, existem experiências particulares e necessidades de expressá-las linguisticamente. Nesse sentido, Sanders (2014) apresenta um compêndio de palavras que não são traduzíveis e precisam ser explicadas. O substantivo da língua malaia *pisanzapra*, por exemplo, refere-se ao tempo necessário para se comer uma banana. Sanders (2014) mostra que esse tempo pode variar, mas parece haver um consenso de que ele gire em torno de dois minutos. A autora ainda faz referência à crença de que fantasmas comedores de homens habitam as bananeiras durante o dia, o que reforça a necessidade de se registrar o tempo necessário para comer a fruta. Essas palavras são, portanto, altamente culturais e, além de retratar diferentes experiências de mundo, também demonstram diferentes perspectivas.

Outro ponto que contribui para essa noção de regularidade nas mudanças linguísticas é a ideia de que as mudanças têm a tendência de seguir uma mesma direção, fenômeno retratado, por exemplo, por estudos recentes de perspectiva funcional (FURTADO DA CUNHA et al, 2013; GONÇALVES, et al 2007; GOLDBERG, 2006; MARTELOTTA, VOTRE E CEZÁRIO, 1996; ROSÁRIO, 2015) que concebem as mudanças pelas quais alguns vocábulos passam como um resultado de gramaticalização.

Os estudos de Gonçalves et al (2007) mostram que a gramaticalização ocorre a partir da transformação de uma palavra de categoria lexical plena para uma categoria gramatical, sendo essa a noção clássica desse fenômeno. Vieira (2016) elabora o percurso percorrido pela gramaticalização das formas *aí*, *daí* e *então*. A princípio, essas três formas eram utilizadas com a função de advérbios espaço temporais; com o tempo, elas passam a ser utilizadas como referenciais da causalidade. Isso mostra que as formas *aí*, *daí* e *então* passaram a habitar não apenas a categoria de advérbio, como também a de sequenciador, uma categoria gramatical. Alguns anos depois da formulação geral a respeito da gramaticalização ser postulada, o processo de gramaticalização passou a englobar as mudanças de um item menos gramatical para mais gramatical como parte do seu processo.

Dentro dessas concepções acerca da gramaticalização, Martelotta, Votre e Cezário (1996) postulam também o processo chamado de *discursivização*. Além de entender a mudança de um item lexical para gramatical, ou menos gramatical para mais gramatical, os estudiosos defendem, de acordo com a discursivização, que um item que já tenha passado por um processo de gramaticalização assume, dentro da fala, a função de um marcador discursivo que reorganiza o discurso quando sua linearidade já está perdida. Silva (2013) mostra que o mesmo operador argumentativo *aí* assumiu diferentes funções dentro do discurso como, por exemplo, preenchedor de assunto, tendo seu valor dependente da ação.

Para os autores, o processo de discursivização tem início quando um item começa a ser utilizado em contextos que não eram considerados como previsíveis e o seu significado original começa a sofrer um desbotamento. Dessa modificação, surge uma nova função para uma forma já existente.

1.2.2 Categorização e prototipicidade

A categorização é uma habilidade cognitiva básica do ser humano e está presente em todas as experiências vividas. É a habilidade de formar categorias a responsável pela organização e pelo armazenamento das informações conceptualizadas do mundo.

Barros (2016, p. 39) mostra que esse processo é um reflexo, por exemplo, de como nos relacionamos com nosso meio, uma vez que organizamos o ambiente a nossa volta por meio de categorias:

[em] uma casa, por exemplo, os objetos são guardados conforme suas semelhanças funcionais. Em uma geladeira são guardados alimentos; no guarda-roupa, as roupas; objetos inerentes à higiene pessoal normalmente ficam no banheiro e não na cozinha (BARROS, 2016, p. 39).

Martelotta (2011), também a respeito da categorização, afirma que essa não seja uma habilidade associada apenas à memória. Para o autor, o ato de categorizar é dependente da cognição, dos contatos linguísticos do indivíduo, do meio no qual ele está inserido e dos aspectos socioculturais desse meio. Quando algum aspecto de todas essas instâncias é acionado, é possível que um elemento seja incluído em uma categoria sem que compartilhe de todos os traços definidores daquela categoria.

O autor faz uso do exemplo da categoria *árvore* para ilustrar essa ideia: existem diferentes tipos de árvore no mundo; suas formas, tamanhos e tipos são os mais variados, mas todas compartilham características semelhantes: possuem raízes, tronco, copa, galhos, folhagem, etc. Assim, o agrupamento dessas características possibilita criar uma categoria, de forma que um elemento que apresente as mesmas características dos exemplares já sistematizados, possa ser agrupado dentro dessa categoria.

Dado o exposto, é possível afirmar que, para que uma categoria seja criada, o indivíduo precisa ter contato com um número suficiente de itens que compartilhem características semelhantes. *Árvore*, por exemplo, tem raiz, tronco e copa com folhagem, o que permite que, ao reconhecer no *ipê*, na *mangueira* e no *pinheiro* essas características, o indivíduo consegue categorizar esses itens como *árvore*. Muito embora elas possuam características distintas, o *ipê* é uma árvore florífera; a *mangueira*, frutífera; e o *pinheiro* é uma árvore conífera.

O contato com uma vasta gama de árvores, especialmente de diferentes espécies, permite que o indivíduo realize outras ponderações acerca dessa categoria como, por exemplo, a de que existem diferentes árvores que apenas florescem: *ipê*, *flamboyant* e *chuva de ouro*; já outras dão frutos: *mangueiras*, *abacateiro*, *macieiras*, e algumas possuem a forma da copa peculiar de um cone,

como os pinheiros. Essas observações permitem que o indivíduo crie novas categorias com base naquelas já existentes.

Esse raciocínio pode explicar, talvez, os motivos pelos quais algumas crianças, ao terem contato com uma vaca, ou um cavalo, chame-os da mesma forma como chama o cachorro. Pela falta de contato com os outros animais, elas ainda não conseguiram formar outra categoria a não ser a do seu animal de estimação. Dessa forma, todos os animais que forem quadrúpedes e tiverem pelo, focinho e cauda serão colocados na mesma categoria do cão.

Essas assertivas comprovam a ideia de que a formação de categorias envolve não apenas a memória, como também aspectos cognitivos, perceptivos e linguísticos. É importante salientar que as categorias são abstratas e é por meio delas que o indivíduo consegue armazenar a quantidade de informações que armazena.

Para Bybee (2007), o processo de criar categorias é tão forte e tão frequente, que permeia diversos outros fenômenos da vida. A gramática, por exemplo, é construída à base da categorização. Esse pensamento a respeito da gramática é reforçado por Bybee (2010) quando a autora postula que a categorização é a semelhança ou correspondência de identidade que ocorre quando palavras, frases e suas partes componentes são reconhecidas e combinadas com representações armazenadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam unidades sonoras, morfemas, palavras, frases ou construções.

Linguisticamente, de acordo com Goldberg (2006), uma categoria é formada a partir da compilação de representações de uma expressão. De acordo com a semelhança entre as expressões, elas são compiladas juntas, formando uma categoria específica, e, conforme o aprendiz recebe um *input*, ele tenta categorizá-lo junto a padrões já existentes.

A autora ainda reconhece que, a partir de duas expressões similares, já é possível abstrair localmente uma estrutura argumental e começar a formulação de algum tipo de generalização baseada nessa categorização. Goldberg (2006) ressalta que a junção entre a Linguística e a Psicologia Cognitiva, que forma a Linguística Cognitiva que mais tarde integraria a LFCU, torna possível considerar a combinação de abstrações e do uso da língua. A Linguística Cognitiva

reconhece que, enquanto o aprendiz registra uma grande quantidade de expressões individuais de uma categoria, também discerne relações significativas entre as expressões, o que torna possível a formulação de uma categoria e de uma generalização.

Com essa perspectiva, a autora mostra que, devido a uma codificação seletiva, o que realmente é gravado não é uma memória totalmente especificada do contato que o aprendiz teve com a expressão, mas sim uma abstração parcial sobre esse contato. Ela ainda salienta que o conhecimento dos seres humanos se deteriora ao longo do tempo. Por conta disso, as representações tendem a ser mais abstratas que os estímulos reais recebidos, mas concretas o suficiente para serem acionadas durante o processo de reconhecimento do evento e marcantes o suficiente para serem armazenadas na memória.

No sistema linguístico, o indivíduo, por meio de características e funções específicas, consegue criar categorias distintas. Por exemplo, há duas categorias de palavras: as lexicais e as gramaticais. As primeiras são utilizadas para nomear e/ou qualificar eventos e entidades de diferentes ordens e são altamente conceituais; as gramaticais, por sua vez, não possuem conceitos específicos, uma vez que não conseguem, isoladamente, formular uma representação mental.

É interessante observar que os itens não são completamente estabilizados e presos a uma categoria específica. Assim como a língua, que é fluida, dinâmica, e possui gradiência, as categorias também são graduais: às vezes, um item que pertencia à categoria das palavras lexicais pode passar a pertencer à categoria das palavras gramaticais, ou palavras gramaticais podem passar a ser mais gramaticais.

Para determinar o melhor representante de uma categoria é importante nos atentarmos para a noção de *prototipicidade*, que pode ser mais bem entendida, como mostra Barros (2016), a partir dos diferentes modelos de categorização: o modelo clássico de Platão, o de Wittgenstein e o modelo do agrupamento dos protótipos (Givón, 1989, 2002).

Inicialmente, Givón (1989) estabelece que Platão e Aristóteles concebiam que, para pertencer a uma determinada categoria, um item deveria reunir todas as características estabelecidas por essa categoria. A ambiguidade e a gradação não entram nessas definições; a falta de alguma propriedade impede que o item

seja considerado como participante daquela categoria, como pode ser observado no diagrama a seguir:

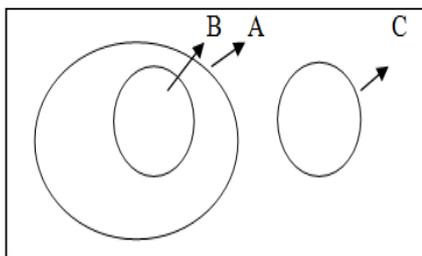


Figura 1 - Diagrama do modelo de categorização de Platão

(Fonte: Givón, 1989, p. 36)

Explicando o diagrama, Givón (1989) postula que A representa as características necessárias para que um item possa ser enquadrado dentro da categoria; B é uma subcategoria na qual os itens possuem as características exigidas por A e, sendo assim, pode ser enquadrado na categoria A; no entanto, C não possui as mesmas características e, portanto, não pode pertencer à categoria A.

Em oposição a esse modelo de Platão, Givón (1989) mostra o modelo elaborado por Wittgenstein, que considera que as categorias não são nem discretas nem absolutas, mas relativas ou dependentes do contexto. Dessa forma, as categorias são difusas e determinadas por um *continuum*. Associar um item a uma categoria pode ser uma questão de grau. Os itens que pertencem a uma categoria podem se relacionar com os membros de outra categoria por semelhança familiar, sendo assim representados pelo seguinte diagrama:

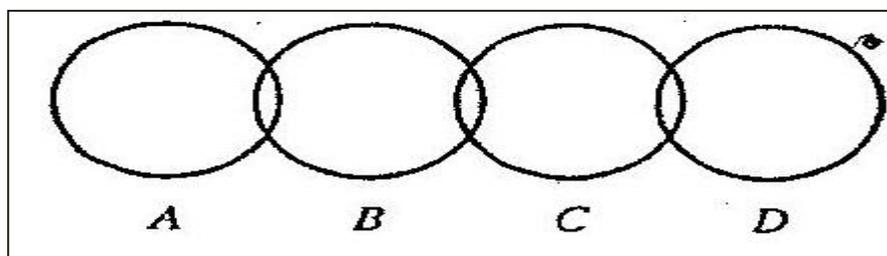


Figura 2 - Diagrama do modelo de categorização de Wittgenstein

(Fonte: Givón, 1989, p. 37)

Como pode ser observado, os itens que pertencem à categoria A podem se relacionar com os itens que pertencem à categoria B, que podem se relacionar

com os da categoria C, e, assim, sucessivamente. Entretanto, é importante ressaltar que a associação das categorias A e B e a das B e C podem considerar diferentes características.

Já o modelo de protótipos, apresentado por Givón (2002), considera que alguns fatores das duas abordagens – a de Platão e a de Wittgenstein – sejam importantes para a elaboração de um modelo que melhor represente o processo de eleição de um protótipo e a formação de uma categoria. O autor mostra que é importante considerar quatro propriedades básicas para os padrões de relações prototípicas:

a) os que apresentam **propriedades múltiplas**: itens que não são determinados por apenas um critério, mas que reúnem em si várias características que os tornam facilmente reconhecidos como representantes de uma categoria, mesmo que algumas características sejam centrais, algumas podem ser periféricas e compartilhadas com diferentes categorias;

b) os que são **prototipicamente selecionados**: itens que carregam o maior número de características que o consagram dentro de uma categoria, muito embora haja a possibilidade de que, em uma mesma categoria, outros itens com menos características possam ser enquadrados;

c) os que possuem uma **forte associação das características**: normalmente, os itens de uma mesma categoria natural tendem a compartilhar características semelhantes. Sendo assim, existe uma grande possibilidade de que apresentem diversas outras características daquela mesma categoria;

d) **agrupamento por meio da média categorial**: como consequência lógica referente à terceira propriedade, a formação de uma categoria tende a girar em torno de um item que possua diversas características, o item prototípico; já os itens periféricos, com características ambíguas e/ou isoladas, normalmente aparecem em uma quantidade menor dentro da categoria.

Para Givón (2002), as propriedades *a* e *b* representam o modelo de Wittgenstein para elaboração de categorias naturais que permitem um *continuum* categorial para a seleção de itens prototípicos. Por sua vez, as propriedades *c* e *d* representam o modelo de Platão para a elaboração de categorias naturais. Tais propriedades consideram que um item de uma categoria é facilmente distinguível da maioria dos de outra categoria, como mostra a seguinte figura:

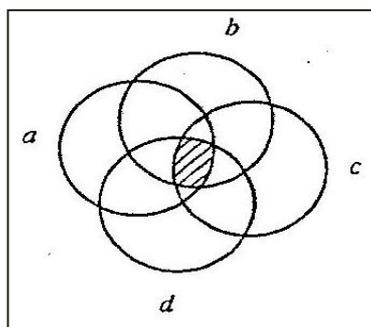


Figura 3 - Diagrama da categorização do agrupamento de protótipo
(Fonte: Givón, 1989, p. 39)

Esse modelo, como mostra o diagrama, permite que um item compartilhe características de múltiplas categorias, reforçando a ideia de que categoria é uma noção fluida e dinâmica. Assim, a barreira que separa uma da outra não é precisa e certa, o que indica que elas não são absolutas e que apresentam características semelhantes que podem ser associadas.

Barros (2016, p. 45) mostra que:

é pela flexibilidade categorial que o item lexical *azul*, classificado segundo a gramática tradicional como nome, por vezes é também um qualificador, como, por exemplo, em *O azul do céu é lindo*. Esse princípio reitera a flexibilidade e dinamicidade da língua e, por consequência, da gramática.

É esse pensamento de dinamicidade que permite entender que um mesmo item possa ser empregado de formas diversas para melhor atender as necessidades do falante, mas que essas mudanças não ocorram aleatoriamente. O verbo *tomar* é materializado linguisticamente de formas diferentes pelo indivíduo, formando, assim, diferentes categorias: **verbo pleno**, **verbo suporte**, **verbo estendido** e **verbo como parte de uma expressão cristalizada**⁵.

Ao analisar as diferentes categorias estabelecidas para o verbo pela perspectiva do modelo de protótipos apresentado por Givón (2002), é possível estabelecer o seguinte diagrama:

⁵ Para um melhor entendimento das diferentes categorias nas quais classificamos o verbo *tomar*, ver capítulo 3.

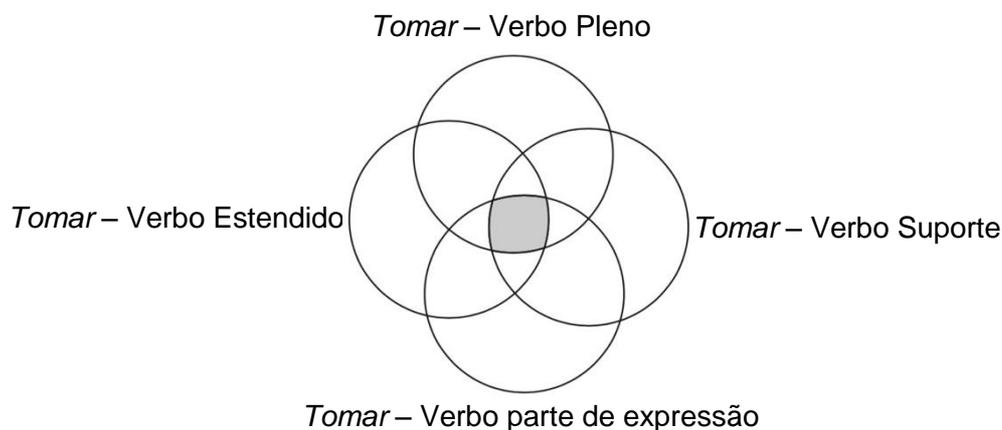


Figura 4 - Categorização do verbo *tomar* adaptado do modelo de protótipos de Givón (2002) (Fonte: Nossa autoria)

Nessa perspectiva, por mais que as funções que o verbo assuma sejam diferentes, existe um ponto de intersecção que liga todos esses usos: a noção de aproximação de um item ao corpo, ou seja, de que a ação ocorre no corpo, é passível de ser recuperada em todos os usos do verbo.

No trecho seguinte, o verbo é empregado como pleno. Nesse sentido, a acepção que assume é a de adquirir posse. Dessa forma, o traço de aproximação corporal é bem marcado, como pode ser observado na ocorrência (08):

(08)mas prima minha nós já brigô muito assim de brincaderinha mesmo, de ficá de mal... de **tomá um boneco** uma da otra já teve muito esses tipo de briga de escola não... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Já na ocorrência (09), temos o verbo empregado como suporte, compondo uma locução verbal. Nesse uso, a perífrase pode ser substituída por um verbo que resuma a ação expressa pela perífrase, como em *tomar banho – banhar-se*; a ação expressa aproxima a água do corpo e o ato de higienizar-se, refrescar-se ocorre no corpo.

(09)i lá pro fundo da carioca onde é o carioca né? que antigamente num era carioca ia pra lá... ia lá **toma baim** as veis quase morri lá tamém qua/do desse negoço... minha mãe tamém quase mim matô de taca tamém por causa disso (Fala Goiana, Masculino, 36 anos, grifo nosso)

Na ocorrência (10), o item é empregado como estendido (JESUS, 2014), aquele que, ao ser associado com diferentes SNs que compartilhem propriedades semânticas semelhantes, assume uma significação específica. Na ocorrência (10), o verbo *tomar* assume o valor de *ingerir*, nos dois trechos destacados. Embora apresentem características distintas, os dois SNs (comprimido e guaraná) fazem parte do grupo *ingeríveis* e, em ambos os casos, os dois itens são aproximados ao corpo, indicando ações que ocorrem no corpo.

(10)Eu só... era na Ozego lá em riba, o remédio era grati vinha di fora, eu **tomava a mão cheinha de comprimido** i saia correno pra num gumita, porque naum podia gumita o remédio, chegava lá, ali no só gelo alí ô, me dá um guaraná di gelo ai qui eu... ai ele trazia o guaraná, eu **tomava o guaraná** pra podê caba di estabiliza o remédio no meu estomago, graças a Deus, tô aqui, dano intrevista pro cê, um grandi, grandi estudioso (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)

Como parte de uma expressão cristalizada, o verbo assume significações que são mais fortemente motivadas pelo contexto e pode ser substituído por outro sem que haja alteração semântica. Nesse caso, o item normalmente não sofre flexão e a expressão não pode ser parafraseada na voz passiva. É o caso de *tomá lá, dá cá*. Ainda nesse caso, é possível perceber o corpo como referência. A diferença é que, ao usar o *lá*, a ação passa a ocorrer longe do corpo, mas, ao usar o locativo *cá*, a ação volta para o corpo.

É importante ressaltar que, mesmo dentro das categorias, existe uma gradação de algumas características que determinam qual item será o prototípico, o melhor representante da categoria. Furtado da Cunha et al (2013) determinam que, a partir de como percebemos o mundo a nossa volta, agrupamos itens que tenham características semelhantes e aquele que possuir o maior número necessário de características daquela categoria seria o seu membro prototípico.

De forma similar, temos uma infinidade de usos para o verbo *tomar* distribuídos dentro das categorias pleno, suporte, estendido e parte de uma expressão cristalizada. Nas duas ocorrências abaixo (11) e (12), o verbo é empregado como suporte:

(11) recramano sua saudade... se vois qué casá com outro... eu não pego suas vontade... eu subi naquele arto e somente pra ti enxergá pra **tomá amor** () as minha corage não dá... vô tocá minha viola... somente pra disfarçá... (Fala Goiana, Masculino, 72 anos, grifo nosso)

e

(12) O fazendero lá tinha chuvero, mais a casa do vaquero naum tinha chuvero, noi **tomava baim** no corgo (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)

No entanto, diferentemente de *tomar banho*, que pode ser substituído por *banhar-se* em um quase-mesmo-nível de significação, *tomar amor* não pode ser simplesmente substituído por *amar*, embora a ação seja essa. *Tomar amor* denota o processo de *passar a amar*, acepção que apenas o verbo *amar* não resume. Dessa forma, embora tenha algumas características de verbo suporte, *tomar amor* não pode ser visto como um protótipo dessa categoria. Nas análises realizadas neste trabalho, consideramos tanto os usos prototípicos quanto os marginais na constituição das categorias.

1.2.3 Iconicidade

A iconicidade dentro dos paradigmas funcionais, de acordo com Vieira (2016), está relacionada com o elo entre os planos da expressão e os planos do conteúdo. Esse elo é motivado pelas relações do ser com o mundo, da maneira como ele concebe e conceptualiza todos os eventos que ocorrem a sua volta. As estruturas linguísticas se adaptam às necessidades humanas, estabelecendo, assim, uma forte ligação entre a gramática e os componentes cognitivos ligados ao modo como representamos, linguisticamente, o mundo.

Segundo Wilson e Martelotta (2009), as representações linguísticas são icônicas, ou seja, representam uma relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos expressos por eles. Essa relação é tão forte, que é possível a criação de onomatopeias, palavras cuja estrutura sonora imita o som dos elementos que designa. As onomatopeias são bons exemplos para mostrar que os fatos da língua não são aleatórios, mas um reflexo das experiências que vivemos no mundo.

Givón (2001) mostra que até mesmo a estrutura de uma narrativa se organiza pela maneira como os eventos são experienciados no mundo. Narrar um banho, por exemplo, é estruturado, prototipicamente, na seguinte ordem: entramos no banheiro, retiramos nossas roupas e ligamos o chuveiro. No entanto, se for preciso que a água es quente antes de nos banharmos, pode ser que, após entrarmos no banheiro, a primeira coisa que faremos será ligar o chuveiro. Esse exemplo reforça a noção de que estruturamos a língua em consonância com nossas experiências de mundo.

Givón (1984) ainda mostra que existe uma motivação que nos leva a codificar o mundo como codificamos. Assim, adaptamos algumas estruturas da vida às estruturas linguísticas e, dessa forma, é possível afirmar que a sintaxe da língua é a representação de tudo que vivemos, o que vai contra a ideia de que os signos linguísticos sejam simplesmente arbitrários e confirma os pressupostos de que a gramática da língua emerge do uso que fazemos dela. Nesse sentido, Givón (2001) defende três subprincípios de iconicidade quanto às representações icônicas: **quantidade**, **proximidade** e **ordenação linear**.

O princípio de **quantidade** está relacionado ao material linguístico utilizado na codificação de um evento no mundo. Quanto maior a quantidade de conteúdo a ser codificado, maior será a quantidade de material linguístico: o cumprimento de despedida *tchau* tem pouco conteúdo e, por conseguinte, é codificado com pouco material linguístico. Já *te vejo mais tarde*, que, funcionalmente, pode ser empregado no mesmo momento, além da despedida, vem imbuído com a promessa de um encontro futuro. Sendo assim, apresenta mais conteúdo e, por isso, tem maior quantidade de material linguístico.

O princípio da **proximidade** está relacionado com contextos mais específicos. Assim, quanto maior for a integração conceitual, maior será sua integração morfossintática ou, como mostra Vieira (2016, p. 73), “o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto”. Como mostra Votre, Cesário e Martelotta (2008), quanto mais integrados dois eventos forem semanticamente, maior será a possibilidade que esses dois eventos sejam estruturados em uma única oração, por exemplo, o verbo *ouvir* em *Eu ouvi uma bomba explodir*, informa dois eventos que ocorrem simultaneamente e, por isso, são estruturados em uma única oração. *Ouvir* é verbo que codifica percepção auditiva; já em *Eu ouvi que a bomba explodiu*, os dois eventos não são simultâneos e, por isso, são

estruturados em uma oração subordinada, *ouvir* codifica evidencialidade (ficou sabendo por um terceiro).

A **ordenação linear** está relacionada à hierarquia da construção das orações. Normalmente, segundo Givón (2001), são as informações menos previsíveis ou mais importantes que são colocadas em primeiro plano, posição normalmente ocupada pelo sujeito. Além disso, Haiman (1983) discute a ideia de que há uma forte tendência de organização dos eventos narrativos em uma perspectiva cronológica. Narramos os fatos, como dissemos anteriormente, conforme eles acontecem no mundo.

Esses três pressupostos reafirmam a ideia de que a língua não é arbitrária, mas um reflexo de como nos relacionamos com o mundo. As estruturações, das mais básicas até as mais complexas, estão relacionadas com os princípios cognitivos de como concebemos o mundo, tanto é que, quanto mais complexo o evento experienciado, mais complexa será sua representação linguística.

1.2.4 Perspectivização

Uma das ideias centrais que orientam este trabalho é a de que existe uma forte relação entre a maneira como concebemos o mundo e o conceptualizamos e a maneira como organizamos e estruturamos essas conceptualizações. É por isso que se faz necessário discutir os diferentes jeitos com essa relação pode se configurar.

A perspectiva está relacionada aos diferentes olhares sobre um evento de mundo e a maneira como isso afeta a organização linguística para representação desse evento. Langacker (2008) mostra que o arranjo da visualização e da dinamicidade são dois importantes mecanismos cognitivos que afetam a conceptualização do mundo.

De acordo com os pressupostos de Langacker (2008), o arranjo da visualização consiste na relação entre quem vê e o que é visto, que se configura nas interações conversacionais do dia a dia, um evento no qual os participantes se encontram em um mesmo local, observam e descrevem a cena desse local. Logo, compartilham um mesmo ponto de vista por terem a mesma perspectiva do evento.

No exemplo *João beijou Maria*, Langacker (2008) mostra que, por ser um arranjo padrão da língua, as inferências que podem ser feitas sobre esse evento passam despercebidas aos falantes. É como se quiséssemos simplesmente informar que um garoto no mundo chamado *João* beijou uma garota no mundo chamada *Maria*; as implicaturas e os pontos de vista sobre esse evento, também padrões, passam despercebidos.

Por outro lado, quando retratamos o mesmo evento no modo imperativo, *beije-a*, é possível perceber o que não percebíamos antes: a configuração linguística não apenas descreve o evento, mas interfere no desenvolvimento do evento, mostra desejo de que alguma situação ocorra e, acima de tudo, traduz uma perspectiva diferente. Outros aspectos apresentados por Langacker (2008), que configuram diferentes perspectivas, envolvem: ordem das palavras, entonação, ausência de sujeito ou reordenação da posição do sujeito, até mesmo o morfema zero do verbo, que, no inglês, configura o modo imperativo, reflete as intenções do falante sobre o evento de mundo.

Um fator que pode alterar a perspectiva pela qual um evento é descrito é se o falante se encontra estático ou em movimento. Algumas construções linguísticas, inclusive, só são passíveis de acontecer pela perspectiva do falante em movimento, como mostra Langacker (2008), em *as árvores passavam apressadas a 90 milhas por hora*. Em teoria, tal construção só pode ocorrer quando o falante observa as árvores de um veículo em movimento e nunca por um falante estático, uma vez que as árvores não têm habilidade de mover-se pela floresta. Quem está em movimento é o falante.

Outro ponto que Langacker (2008) mostra estar relacionado à perspectivação são os dêiticos. A separação dos falantes no espaço ou tempo e a tentativa de localizar o interlocutor, como, por exemplo, em *está quente aqui*, revela exatamente a perspectiva de onde se fala, inclusive, se esse evento ocorre quando as duas pessoas envolvidas estão localizadas no mesmo espaço físico. Entretanto, em uma conversa telefônica, as perspectivas podem ser outras: *está quente aqui, mas deve estar frio onde você está*. Nesse sentido, a perspectiva é determinada apenas pelo falante.

Outro exemplo de diferenças, apresentado por Langacker (2008), entre espaço, tempo e a perspectiva que constrói linguisticamente o evento é a mensagem de uma secretária eletrônica. Normalmente, ela começaria com *eu*

não estou aqui agora; se a pessoa está no local, essa negação é contraditória, uma vez que a pessoa se encontra no local, mas, ao gravar a mensagem, o falante fazia alusão a um momento em que ele, possivelmente, não se encontraria no recinto.

O autor ainda defende que um dos fatores importantes para o arranjo do ponto de vista é o pressuposto *ponto de vantagem*. Em um arranjo padrão, o ponto de vantagem é o local em que ambos, locutor e interlocutor, estão situados; uma mesma situação pode ser observada e descrita a partir de diversos pontos de vantagem, o que leva o falante a formular diferentes construções.

Langacker (2008) mostra que algumas palavras e expressões em si já evocam o sentido de vantagem. As expressões *na frente* e *atrás* se baseiam na localização do falante e do evento para a construção do ponto de vantagem:

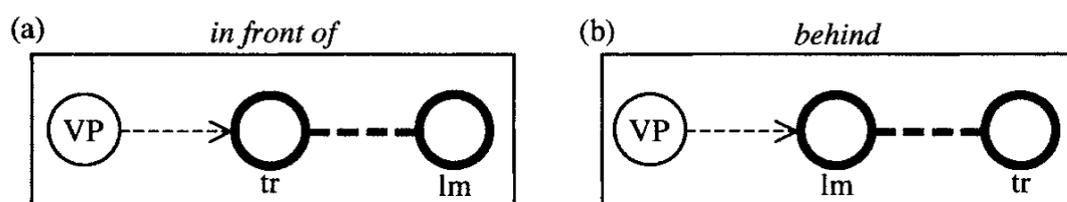


Figura 5 – Perspectiva baseada em pontos espaciais

(Fonte: LANGACKER, 2008, p. 76)

Langacker (2008) estabelece que VP marca o ponto de vantagem e a seta tracejada indica a linha de visão do falante; *tr* marca a trajetória, a direção pela qual a perspectiva é construída e, *lm*, o ponto referencial. Nos dois casos apresentados pelo autor, tanto em *a* quanto em *b*, o centro da elaboração linguística e o que causa o contraste semântico residem na escolha do *tr* e do *lm*, mas o evento descrito é o mesmo. Para ilustrar essa perspectiva, Langacker (2008) propõe que imaginemos uma cena com uma grande rocha e uma árvore. A maneira como descrevemos essa cena linguisticamente depende do ponto de vantagem escolhido. Dessa forma, a mesma cena pode ser descrita de diferentes pontos de vista. Langacker (2008) utiliza o seguinte esquema para ilustrar essa relação:

VP1 ---> (rocha)——(árvore) <--- VP2

A partir desse esquema, é possível dizer que: 1) se a rocha for escolhida como ponto de vantagem, como ponto focal da linha de visão, há duas possibilidades de construção: *a rocha está na frente da árvore* e *a árvore está atrás da rocha*; 2) se a árvore for escolhida como ponto de vantagem, as construções seriam outras: *a árvore está na frente da rocha* e *a rocha está atrás da árvore*. Langacker (2008) salienta que o ponto de vantagem não precisa ser, necessariamente, o exato local onde o falante se encontra, o local pode ser imaginado. Por mais abstrata que seja, a capacidade de adotar pontos de vantagem a partir de lugares fictícios possibilita que o falante elabore construções de outras perspectivas.

Outro ponto importante salientado pelo autor é a constituição do ponto de vantagem a partir da posição temporal na qual o falante se encontra.

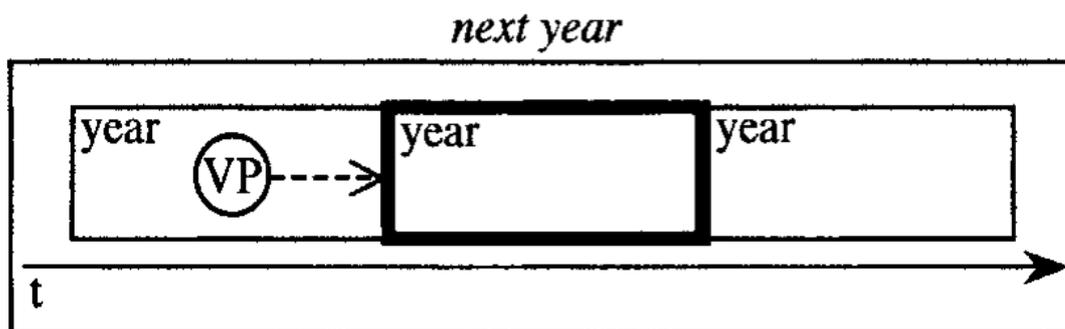


Figura 6 – Perspectiva baseada em pontos temporais (LANGACKER, 2008, p. 77)

A expressão *próximo ano/next year*, representada na figura acima, baseia-se na noção de que existe uma sucessão de anos, sendo que o ano seguinte se encontra diretamente após aquele que corresponde ao ponto de vantagem. Nesse sentido, em uma construção padrão, ele corresponde ao tempo de fala: *Próximo ano será cheio de surpresas*. Em outras elaborações, mesmo sendo o ponto de vantagem, pode ser que ele não corresponda ao exato momento da fala. Em *João acreditava que o próximo ano seria cheio de surpresas*, por exemplo, *próximo ano* corresponde ao ano seguinte àquele quando João passou a acreditar e não ao ano no qual a sentença foi produzida.

Langacker (2008) mostra que é a perspectiva adotada pelo falante que estabelece o sujeito ou o objeto de uma cena. Utilizando os pressupostos do autor, ao analisar a estruturação *João tomou as terras* e *As terras foram tomadas*, temos o mesmo evento do mundo descrito de formas particulares. No primeiro, *João* ocupa o plano central correspondente ao ponto de vantagem, enquanto, no segundo, a expressão *As terras* passa a ocupar a posição do plano central, muito embora o evento seja o mesmo.

Assim, o que se deseja informar ao outro é diferente e o que determina a escolha de como estruturamos esse evento está intimamente ligado ao que se deseja informar ao interlocutor e, mais do que isso, a como se deseja revelar nossa perspectiva sobre o evento.

1.2.5 Informatividade

Como postulado na seção anterior, o desejo de mostrar nosso ponto de vista nos motiva a organizar sentenças de maneiras específicas, tal como postulado pela informatividade e, como mostra Barros (2016), essas questões estão além da estrutura da forma do enunciado. A informatividade pauta-se na relação entre aqueles envolvidos no ato comunicativo. Além de mostrar nosso ponto de vista sobre determinado evento, selecionamos formas para informar apenas aquilo que convém ao nosso interlocutor. Sendo assim, a informatividade une a estrutura às funções pragmáticas e discursivo-funcionais e, de acordo com García (1996), isso determina, por exemplo, os elementos que configuram **figura** e **fundo**.

García (1996) concebe **figura** como sendo a parte central do enunciado, a parte que recebe mais enfoque, é única e obrigatória; já o **fundo** é plural, possui vários elementos que estão a serviço da figura e configura uma parte opcional para os enunciados. É válido ressaltar que, se um dos elementos que compõem o fundo receber destaque, ele pode deixar de ser fundo e passar a ser figura.

Segundo Langacker (2013), dependendo do que o falante quer informar, algumas partes do enunciado podem se tornar mais importantes e, normalmente, quando isso acontece, esse elemento precisa ser, de alguma forma, marcado. Retomando os exemplos de 1a a 1d, se o falante quiser reforçar a ideia de que

a ação ocorreu ontem, ele utilizará 1c – *Ontem, João foi à feira com Maria*, mas, se o enfoque dado for ao local onde João foi com Maria, ele provavelmente formulará o enunciado 1b – *À feira, João foi ontem com Maria*.

Cruse (2006) mostra que esse destaque não precisa ser, necessariamente, a mudança da ordem dos argumentos de um enunciado, ou a opção pela voz ativa ou passiva. O autor mostra que esse enfoque pode ocorrer por meio da ênfase prosódica de uma palavra. Dessa maneira, adaptando o exemplo de Cruse (2006) para relacioná-lo ao nosso, temos:

2a – João foi à feira ontem com Maria.
 2b – À feira, João foi ontem com Maria.
 2c – Ontem, João foi à feira com Maria.
 2d – Com Maria, João foi à feira ontem.

2a² – JOÃO foi à feira ontem com Maria.
 2b² – João foi À FEIRA ontem com Maria.
 2c² – João foi à feira ONTEM com Maria.
 2d² – João foi à feira ontem COM MARIA.

Teoricamente, os constituintes que receberam ênfase, escritos em caixa alta, recebem também o enfoque contextual e, da mesma forma como a reorganização dos argumentos, o enfoque faz com que a informação ressaltada se torne a figura da cena.

1.2.6 Analogia

Para Bybee (2015), o termo *analogia* tem dois sentidos, um mais específico e um mais geral: o mais específico está associado às mudanças no paradigma morfológico, enquanto o mais geral se aplica à sintaxe e analisa como expressões novas surgem a partir de expressões já existentes. Uma mudança morfológica com base na analogia analisa como uma palavra muda a partir de características semelhantes às existentes em outras palavras. Essas mudanças tendem a eliminar alternâncias ou estendê-las a itens lexicais.

A autora mostra que as mudanças que ocorrem nos sons tendem a afetar todos os itens propensos a produzir determinado som; já a mudança analógica acontece em um item de cada vez e não necessariamente afeta todos os itens lexicais e paradigmas morfológicos com a mesma condição de produção. Por

mais que possa parecer um processo irregular, a autora defende que as mudanças analógicas seguem uma unidirecionalidade.

O processo da analogia pode ocorrer de diversas formas. Bybee (2015) defende, por exemplo, que o resultado das formas alternativas de *dreamed* e *dreamt* é uma **analogia proporcional** ou analogia de quatro partes, ou seja, dois pares semelhantes são comparados. Em português, há os casos de criação de novos verbos que, normalmente, utilizam como base verbos da primeira conjugação, dessa forma: *arma : armar :: mochila : mochilar*. Nessa mesma perspectiva, se *seem : seemed*, provavelmente *dream* esteja para *dreamed* e não *dreamt*.

seem : seemed :: dream : dreamed

No entanto, o processo de analogia proporcional não considera os mecanismos cognitivos envolvidos nas mudanças. Além disso, dificilmente um item isolado afetará o sistema. A variação que ocorre em *dream*, segundo Bybee (2015), é baseada em um conjunto de itens que seguem a mesma forma: os verbos regulares, que recebem o sufixo *-ed* quando conjugados no passado, estrutura que está presente na língua como forma geral.

Bybee (2015) defende, então, que o processo sofrido por *dream* foi o de nivelamento analógico. Nesse processo, uma nova forma elimina a alternância existente em uma forma antiga. A autora dá o exemplo da mudança ocorrida para a formação de alguns verbos no passado:

Base/Presente	Passado e Particípio Passado	
[i:]	[ɛ]	
<i>keep</i>	<i>kept</i>	'manter'
<i>leave</i>	<i>left</i>	'partir, abandonar'
<i>sleep</i>	<i>slept</i>	'dormir'
<i>sweep</i>	<i>swept</i>	'varrer'
<i>feel</i>	<i>felt</i>	'sentir'
<i>kneel</i>	<i>kneelt</i>	'ajoelhar'
<i>mean</i>	<i>meant</i>	'significar'
<i>dream</i>	<i>dreamt</i>	'sonhar'

<i>creep</i>	<i>crept</i>	'arrastar-se'
<i>leap</i>	<i>leapt</i>	'pular'
<i>weep</i>	<i>wept</i>	'chorar'

Essa mudança geral que ocorre na alternância do som da base do verbo e do particípio do passado faz parte do *Great Vowel Shift* em que o som prolongado do Inglês médio sofreu um encurtamento quando o final do verbo é *-t*.

Bybee (2015) ainda mostra que é possível perceber, no inglês moderno, as formas *creeped*, *leaped*, embora não possam ser encaradas como mudanças, de *leapt* para *leaped*, o que caracteriza como nivelamento analógico; o que ocorre é que temos uma nova forma para o passado do verbo *leap* baseada nos verbos regulares.

Bybee (2015) diz que existe uma forte ligação entre a produtividade de um padrão e o número de itens afetados por ele: *type frequency* (*frequência de tipo*). No **Inglês Moderno**, 180 verbos têm alguma produtividade. A maior parte deles é formada com os alomorfes do sufixo *-ed* ([d], [t] and [ɪd]) e, dada a frequência, normalmente é esse padrão aplicado a novos verbos: *waltz/waltzed* (empréstimo linguístico) / *hammer/hammered* (derivação – verbo derivado de um substantivo).

No **Inglês Antigo** a produtividade não era *-ede* ou *-ode*, antiga forma do *-ed*. O padrão mais frequente era um sistema complexo de alternância de vogais em sete classes diferentes, o que dificultava a criação de novos verbos, e como existiam alguns verbos (verbos regulares) que formavam o passado pelo sufixo *-ede* e *-ode*, a formação de novos verbos por derivação e empréstimos era mais facilmente formada por esse padrão, uma vez que ele era mais simples.

Além dos verbos, os afixos derivacionais também competem por produtividade: *-ness* é produtivo hoje para formar substantivos no inglês. No Inglês Arcaico, havia a possibilidade de criar substantivos com *-ship*, *-hood* e *-dom*, mas, com o tempo, eles e se tornam menos frequentes e, conseqüentemente, *-ness* passa a ser mais produtivo.

Ao se questionar sobre como definir qual é a forma-base que pode dar origem a um novo item, Bybee (2015, p.102, tradução nossa) assegura que:

as formas de alta frequência são mais resistentes à mudança na base da estrutura de outras formas ou padrões, e mais prováveis de servir como base para tais mudanças em formas de frequência mais baixa (BYBEE, 2015, p.102).⁶

Isso ocorre porque cada uso de uma palavra ou construção fortalece sua representação na memória e faz com que ela seja mais facilmente acessada em futuros usos. Embora sejam necessários mais testes para afirmar isso, a frequência é, provavelmente, um dos fatores mais fortes para prever a direção do nivelamento.

Outro processo relacionado à analogia à qual Bybee (2015) faz referência é a extensão analógica. Nesse processo, a alternância passa a ocorrer dentro de um paradigma em que antes não ocorria. Existem circunstâncias para que a extensão ocorra: 1. uma na qual uma forma-base serve como alternância que carrega um significado distinto, que se espalha a outros itens lexicais; 2. uma que é uma alternância introduzida pela extensão do alomorfe de um afixo. Em ambos casos, a frequência do padrão é um forte determinante para a mudança.

Os de primeira ordem são aqueles que representam a alternância de vogais em *verbos irregulares* em **Inglês Antigo** como, por exemplo, em *swim swam swum/spin spun*, por expansão. Outros verbos são acrescentados à lista e isso previne que eles desapareçam, como, por exemplo, em *ring rang rung/dig dug*. É interessante observar que existem características similares nesses verbos: eles se separam em duas categorias, os que têm três formas diferentes e os que possuem apenas duas formas, sendo que o passado é substituído pelo particípio. Os verbos que apresentam três formas apresentam uma regularidade no quesito nasalização, muito embora os verbos que foram acrescentados à lista por extensão não necessariamente caracterizem o padrão de nasalização, sendo o formato fonológico, variável.

O segundo grupo de extensão envolve alternâncias entre sufixo de marcação de plural no Português Brasileiro que, normalmente, são formados por -s, mas, quando o singular termina em -ão; existem três formas de marcar o plural: -s, -ões e ãos. Como a frequência de marcar o plural com -ões é maior,

⁶ Citação original: "High-frequency forms are resistant to change on the basis of the structure of other forms or patterns, and more likely to serve as the basis of such change in low-frequency forms".

algumas palavras que receberiam a marca -ãos recebem -ões (cidadãos-cidadões), o que pode ser um processo de extensão. Assim, a marcação passa a existir em palavras em que antes não aparecia ou, como mostra Bybee (2015), é possível inferir que existem três alomorfes do afixo de plural que concorrem e co-ocorrem com a marcação -s. Se não fizéssemos essa consideração, estaríamos afirmando que existe uma tendência em utilizar -s e não as outras formas, o que não é o caso.

A suplementação, outro processo apresentado por Bybee (2015), refere-se a qualquer tipo de irregularidade sincrônica nas formas-base de um paradigma, embora seu significado original mais restrito seja utilizado para se referir a itens cuja base deriva de outros itens lexicais, como, por exemplo, *go*, cujo passado não era *went*. *Went* era passado de *wend*, mas, hoje, o passado de *go* é *went*, enquanto o passado de *wend* é *wended*.

Segundo a autora, esse processo normalmente ocorre em línguas flexionais que apresentam poucos casos de suplementação. É um processo frequente e há várias generalizações possíveis sobre as quais categorias podem ser expressas por formas supletivas.

Outro processo apresentado por Bybee (2015) é a reanálise analógica, reformulação de um item com base em outras formas ou em padrões existentes na língua, que acontece quando ocorre uma meta-análise. Assim, a algum material fonológico em uma sequência é atribuído um morfema ou palavra diferente: a alternância do artigo *a* e *an* fez com que algumas palavras perdessem o *n* inicial (*naperon* [French] – *napron* [ME]– *apron*) e outras adquirissem *n* (*ekename* – *nickname*).

Por fim, Bybee (2015) assevera que a mudança do som ocorre pela mudança nos hábitos articulatórios. Embora haja maior probabilidade de a mudança do som ocorrer inicialmente em palavras de alta frequência, é possível que a mudança aconteça em todas as palavras e é governada por fatores fonéticos.

A analogia está relacionada a um alto nível de cognição, envolve generalizações de estruturas de palavras que são morfologicamente complexas e afeta um paradigma por vez. Alguns paradigmas não são alterados e, quando paradigmas de alta frequência resistem à mudança, isso significa que podem ser facilmente acessados na memória.

1.2.7 Memória Rica

Como citado anteriormente, tanto os processos de categorização como os de analogia envolvem o acesso a itens que estão armazenados na memória. A partir de todas as interações que o ser estabelece com o mundo, dados informacionais são armazenados na memória e, em uma futura interação similar, são acionados. A memória rica é uma atividade cognitiva básica que compila informações a partir de experiências de mundo.

Nader et al (2000) afirmam que memória rica é a compilação mental de detalhes abstratizados das experiências que vivemos. Em termos de língua, isso envolve como se combinam diferentes sons para a formação de palavras, as palavras em si e seus diferentes significados, e as situações, o contexto que possibilita que essas palavras assumam diferentes significados. Além disso, como mostra Goldberg (2006), o indivíduo também compila mentalmente estruturas, padrões linguísticos completos e construções.

É importante salientar, como faz Nader et al (2000), que todas as experiências, sejam elas linguísticas ou não, afetam a forma como conceptualizamos e descrevemos o mundo, pois estruturam as representações cognitivas e impactam a estrutura neurológica.

Bybee (2010), sobre a relação entre memória rica e língua, defende que é graças à memória rica e à capacidade de formar generalizações (GOLDBERG, 2006) que conseguimos lidar com a forma complexa e sistemática de comunicação. A memória é responsável por armazenar informações complexas, como, por exemplo, determinadas expressões que assumem diferentes significados dependendo de seu contexto de uso. A generalização é responsável por armazenar abstrações da língua que permitem gerar um esquema funcional para formular categorias. Sem esses processos, não seria possível armazenar todos os elementos necessários à comunicação e à interação humana.

As definições expostas até aqui permitem afirmar que todos os processos de domínio cognitivo básico estão interligados. O processo de formar categorias a partir de um membro prototípico, a frequência com que os itens/estruturas são acionados na memória e se tornam favoráveis ou resistentes ao processo de analogia, a maneira pela qual organizamos nosso enunciado para interagir com

o outro estão associados a representações de situações similares armazenadas na memória.

A ênfase nos fatores cognitivos e interativos comprovam que a gramática confere sustentação ao uso, mas é o uso que molda a gramática, diretrizes também presentes na *Gramática de Construções*, teoria que contribui para a análise presente neste estudo e é retratada na próxima seção.

1.3 A Gramática de Construções

Esta seção dedica-se à teoria conhecida por *Gramática de Construções*, corrente que retrata a capacidade de processamento cognitivo que permite ao indivíduo a retenção de informações locais e, a partir delas, formulações de generalizações sobre o funcionamento da língua.

Conforme define Goldberg (2006), as construções estão presentes na língua em todos os níveis, desde os aspectos fonológicos e morfológicos até esquemas de estruturação complexos.

Além disso, a perspectiva construcionista também considera que a gramática de uma língua emerge da necessidade comunicativa do indivíduo e do uso que ele confere à língua, sendo que, ao se deparar com novas instâncias, por diversos processos cognitivos, como analogia, categorização/generalização, frequência, memória rica e convencionalização, temos novas possibilidades de representar essas instâncias com base em formas já existentes.

Um exemplo disso foi o provável processo por que passou a formulação da expressão *tomar ranço*⁷. A princípio, temos as formas *tomar amor* e *tomar ódio*, em cujos usos há as respectivas acepções: *passar a amar/ter amor por*, *passar a odiar/ter ódio por*. É de conhecimento do indivíduo que, quando a pessoa tem amor, ela se sente atraída; quando ela sente ódio, ela sente repulsa. Em contrapartida, aquilo que é rançoso causa repulsa. Dessa maneira, pode ser associado ao que é odioso e, como a forma existente é *tomar+SN*, o falante

⁷ A expressão *tomar ranço* é comumente utilizada nas redes sociais, como na postagem: *Nunca pensei que iria tomar ranço da Anitta Tomei ranço da Anitta*. Disponível em: <https://twitter.com/hemswortx>. Acesso: 28/11/2018

acaba elaborando *tomar ranço*, com a acepção de *passar a sentir repulsa, ter repulsa*.

Para a definição dos pressupostos da Gramática de Construções, utilizamos da teoria defendida por Goldberg (2006) e por Traugott e Trousdale (2013) para a constituição de redes.

1.3.1 Princípios da proposta construcionista

A Gramática de Construções está aliada aos estudos pertinentes da Linguística Funcional Centrada no Uso. Sendo assim, também conta tanto com os dogmas da Linguística Funcional, quanto com os da Linguística Cognitiva. Estudos que consideram a gramática da língua como emergentes do uso têm adotado essa perspectiva em suas análises.

Segundo Goldberg (2006), a teoria construcionista conta com algumas diretrizes semelhantes às do gerativismo chomskyano. Essas duas frentes teóricas se assemelham por considerarem a língua como um sistema cognitivo, afirmando que o ser humano tem a capacidade de estruturar diferentes enunciados a partir de combinações de estruturas já existentes. Por outro lado, se afastam, uma vez que a teoria construcionista considera a função semântica e discursiva da língua e não apenas a parte estrutural; questiona a premissa de uma gramática universal e seus componentes altamente biológicos.

Para Goldberg (2006), o que existem são universais linguísticos. Diferentes estruturas linguísticas convergem, pois as experiências de mundo mais básicas são semelhantes. No entanto, experiências distintas geram necessidades de estruturar a língua de forma diferente.

Goldberg (2006) reconhece um universalismo gramatical, mas não o agrega a fatores biológicos, e sim ao processamento cognitivo individual que é desenvolvido ontológica e filologicamente, a partir da observação dos *inputs* com os quais tem contato. A estudiosa salienta que universal na língua é a necessidade de expressar o mesmo tipo de mensagem, mas a forma como isso acontece pode variar. Logo, uma abordagem construcionista defende e investiga essa viabilidade de formas.

Além disso, Goldberg (2006) assegura que a língua comporta construções mais gerais, mas também comporta padrões semi-idiossincráticos e, por isso,

não são todas que podem ser consideradas universais. Aquelas que são regulares tendem a ocorrer com mais frequência e, por isso, são mais fáceis de serem aprendidas.

A língua, para a teoria construcionista, como mostra Langacker (1987), é constituída por uma rede de nós associados por suas características semelhantes. Nesse sentido, a proposta da Gramática de Construções concebe que todos os níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo-funcional) estão, de alguma forma, interconectados. É por isso que, para analisar um fenômeno da língua, é necessário observar o sistema em todos os níveis que o compõem.

Além disso, como defende Martelotta (2011), a proposta construcionista defende que não há uma distinção rígida entre o léxico e a gramática. A noção adotada nessa teoria é a de gradiência, de *continuum*, da mesma maneira que padrões esquemáticos organizam o uso, o uso reorganiza os padrões esquemáticos, pressuposto que será discutido na próxima seção.

Outro princípio que rege a Gramática de Construções é refutar a autonomia da sintaxe. Nesse sentido, Furtado da Cunha et al (2013) asseveram que a sintaxe está a favor do uso e é acionada para estruturar a língua. O uso, por sua vez, é influenciado por fatores externos à língua, que podem alterar a sintaxe. Desse modo, o que existe é um processo de retroalimentação: enquanto a sintaxe organiza o uso, o uso que o falante faz da língua organiza a sintaxe.

Segundo Goldberg (2006), é possível conceber qualquer padrão linguístico como uma construção. Para que isso ocorra, algum aspecto da sua forma ou função não pode ser completamente previsível a partir da análise das partes isoladas ou, até mesmo, das construções que já permeiam a língua. Além disso, até mesmo os padrões de estruturação de uma sentença da língua são passíveis de serem analisados em uma perspectiva construcional, uma vez que é a semântica e/ou informação sintática especificada pelo verbo que determina a forma e a interpretação dos padrões básicos.

Uma construção pode ser definida, na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), como o paramento de forma e significado: o elo entre essas duas instâncias é arbitrário e retoma a discussão proposta por Saussure sobre a arbitrariedade do signo. É importante ressaltar, contudo, que tal arbitrariedade

vem acompanhada da influência do espaço social e cultural que circunstanciam a língua.

Como relata Barros (2016), a construção representa um padrão esquemático que orienta o uso e por ele é alimentada. As construções são processos cognitivos estocados na mente e, de acordo com a necessidade comunicativa do falante, são acessados para a formulação dos enunciados. Sendo assim, é possível inferir, como faz a autora, que “os significados são construídos no momento do uso a partir da fusão entre forma e sentido”.

Croft e Cruse (2004, p. 258) apresentam uma estrutura simbólica para a anatomia de uma construção:

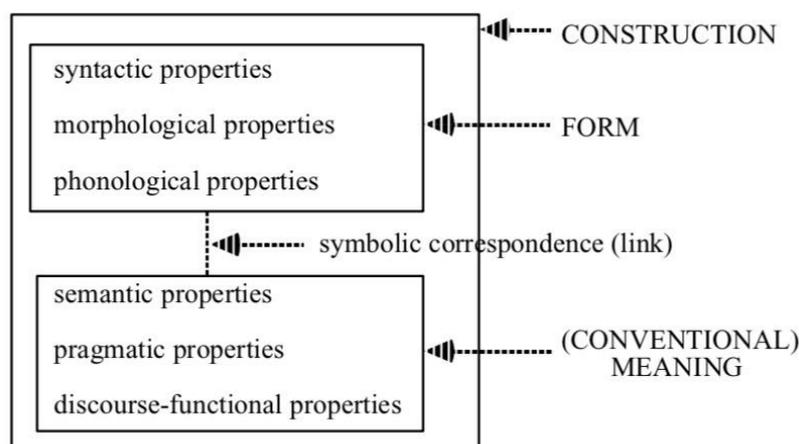


Figura 7 – Anatomia da Construção (Fonte: CROFT; CRUSE 2004, p. 258)

Os autores mostram que o parâmetro da forma e da função é, pelo menos, parcialmente arbitrário. Além disso, ressaltam que, por meio do elo simbólico de correspondência, as propriedades da forma e do significado convencional estão intimamente ligadas e têm relação direta na materialização da língua, ou seja, no uso. Croft e Cruse (2004) entendem significado convencional como a representação de todos os aspectos da função da construção, assim como as propriedades do discurso em que o enunciado é encontrado.

Goldberg (2006) afirma que as construções são aprendidas com base no *input*, nas experiências de mundo, e em mecanismos gerais de cognição, como a analogia. Além disso, a autora salienta a importância de reconhecer o conhecimento de itens específicos que existem junto às generalizações.

Ao absorver o conhecimento de construções específicas, é possível abstrair um padrão esquemático, uma generalização, que ocorre, por exemplo, quando gravamos informações sobre como um verbo em particular é utilizado em estruturas argumentais. Goldberg (2006) ressalva que a formulação de generalizações de um padrão para o verbo ocorre devido a três fatores: a) questões relacionadas à produtividade parcial das construções; b) evidência de que as crianças são conservadoras no uso de estruturas argumentais; c) a frequência com que verbos particulares apareçam em uma estrutura argumental específica influencia a compreensão do falante. Esses processos de formulação de generalização estão relacionados, comumente, ao contato com as formas de superfície.

Goldberg (2006) afirma que a forma de superfície não precisa especificar uma ordem de palavras em particular, nem mesmo categorias gramaticais, embora existam construções que especifiquem esses aspectos. Observemos as ditransitivas. Tais estruturas envolvem um predicado com três argumentos, *normalmente agente, paciente e tema*, mas isso não significa que esses papéis sejam estáticos. Eles são determinados pelos significados das construções. No caso apresentado pela autora, a predicação indica, informalmente, “dar”. Nessa situação específica, os papéis estabelecidos podem ser diferentes dependendo do verbo utilizado na construção.

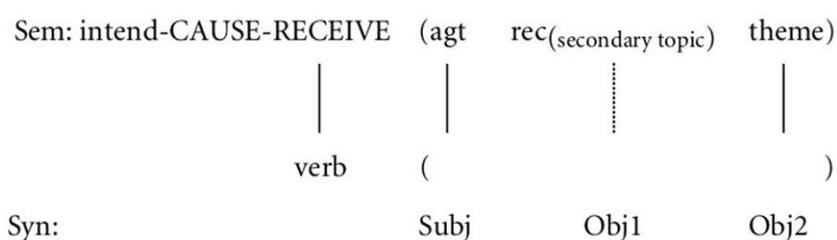


Figura 8 – Construção ditransitiva (GOLDBERG, 2006, p. 20)

Outro fator que Goldberg (2006) menciona é que os papéis estão intimamente ligados à semântica da construção. O papel perfilado e o argumento são vistos como unificados, como mostram as linhas da Figura 8, embora existam casos em que esse papel não seja pré-estabelecido pelo verbo em si, mas pela construção.

A autora destaca a importância de perceber que a referência à forma na definição abstrai-se de formas de superfície específicas que podem ser atribuídas a outras construções, ou seja, uma expressão normalmente envolve uma combinação de diferentes construções que podem ser combinadas livremente, desde que não estejam em conflito.

Essa possibilidade de amalgamar construções livremente, desde que não estejam em conflito, está relacionado com o potencial criativo infinito da língua, traço compartilhado com as teorias gerativistas. Mas a abordagem construcionista postula que o que gera as sentenças não é a gramática, e sim o falante, processo que pode ser visto na análise das construções ditransitivas.

Ainda sobre as construções ditransitivas, analisando possíveis paráfrases, Goldberg (2006) destaca que é possível notar que os *inputs* poderiam ser agrupados juntos, da mesma maneira que os *outputs* também poderiam ser agrupados, embora *inputs* e *outputs* não possam ser agrupados. Os *inputs* compartilham várias propriedades, mas são sistematicamente diferentes de suas paráfrases.

Mina bought a book for Mel. – Mina bought Mel a book.⁸
 Mina sent a book to Mel. – Mina sent Mel a book.⁹
 (GOLDBERG, 2006, p. 26)

Apesar de terem o mesmo padrão esquemático de construção, ambas são ditransitivas, formando, assim, um grupo em que existe uma separação entre as sentenças instanciadas por *to* e por *for*. A sentença estruturada com *to* apresenta um dativo. *Mel*, nessa construção, é o destinatário da ação; já a sentença estruturada por *for* indica que Mel é beneficiária da ação, apesar de também ser a receptora dela. A perspectiva proposta por Goldberg (1995) a respeito do perfilamento de papéis desempenhados pelos participantes de uma oração pode nos ajudar a entender melhor essa distinção.

Para Goldberg (1995), o verbo tem o poder de abrir espaços na estrutura argumental e de determinar o perfil dos argumentos que preencheram esses espaços. Com base nessa perspectiva, é possível determinar, por exemplo, que tanto o verbo *comprar* (*buy*) quanto o verbo *enviar* (*send*) podem acionar três

⁸ Mina comprou um livro para Mel – Mina comprou a Mel um livro (Tradução nossa.)

⁹ Mina enviou um livro para Mel – Mina enviou a Mel um livro. (Tradução nossa.)

participantes, no caso de *comprar*: o comprador, o item comprado, o receptor; no caso do *enviar*: o enviado, o item enviado, o receptor. Para as sentenças instanciadas por *to* e por *for*, no entanto, é possível perceber que, não só as preposições, mas também a topicalização tem poder de alterar o perfilamento dos participantes, sendo que somente em *Mina bought a book for Mel*, *Mel* pode ser expressamente interpretada como sendo receptora e beneficiária, o que não é expressamente determinado na paráfrase sem a preposição *for* *Mina bought Mel a book*, sentença na qual *Mel* assume o papel de receptora, o mesmo papel perfilado em *Mina sent a book to Mel* e em *Mina sent Mel a book*.

O perfilamento dos participantes reforça a ideia de que, apesar de o padrão esquemático ser o mesmo, as formas de superfície não podem ser agrupadas em um mesmo grupo, como pode ser observado na Figura 9:

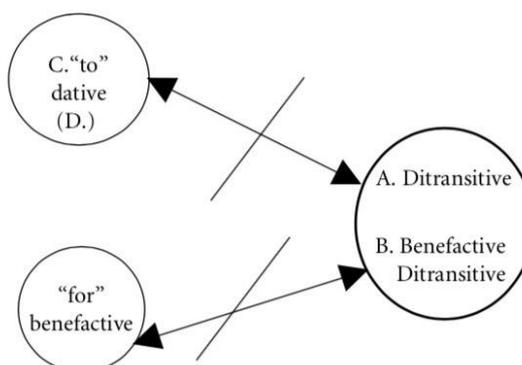


Figura 9: Padrões ditransitivos: *to* e *for* (Fonte: GOLDBERG, 2006, p. 26)

Além disso, como mostra a autora, a própria semântica do verbo pode impedir que as construções ditransitivas sejam vistas como universais. Os verbos: *give* (dar), *refuse* (recusar) ou *take* (tomar), por exemplo, podem ser empregados em construções ditransitivas e compartilham similaridades entre si e, por trazerem características específicas, são categorizados em grupos distintos.

A semântica do verbo também tem um papel importante quando analisamos a construção. Assim, é importante observar que um mesmo verbo pode apresentar padrões esquemáticos diferentes, dependendo do contexto no qual ele é empregado, sendo que alguns verbos, em diferentes contextos, podem assumir diferentes acepções.

Nessa perspectiva, conforme defende Goldberg (2006), é importante reconhecer as generalizações de superfície em torno da estrutura argumental, pois, assim, é possível reconhecer a existência de generalizações na língua. Em consonância com essa ideia, é igualmente importante admitir que o significado de uma sentença é mais do que o significado da construção da estrutura argumental usada para expressá-la. Ao analisar a sentença, faz-se necessário observar os verbos individuais, os argumentos e os contextos particulares. Ao fazer generalizações entre expressões diferentes e apontar as diferenças entre construções semelhantes, o analista precisa observar com cautela o verbo, uma vez que ele pode ser interpretado de forma diferente dependendo da ótica adotada.

No entanto, Goldberg (2006) adverte que a paráfrase em si não deve ser tomada como superior a outras expressões, uma vez que não é possível, por vezes, determinar casos de derivação e/ou construções independentes. Dessa forma, cada construção deve ser analisada isoladamente, mesmo na formação de generalizações, pois, ao descrever uma vasta quantidade de formas de superfície isoladas, é possível fazer generalizações mais amplas, sob a forma de construções de estrutura argumental.

É importante ressaltar que, para a Gramática de Construções, todos os processos inerentes à língua estão interconectados, já que, da mesma forma que existe a união entre a forma e o significado/função, há uma conexão entre os processos cognitivos. Desse modo, não há uma separação concreta entre os níveis da língua, o que existe é um *continuum* que envolve desde as menores unidades da língua até padrões complexos¹⁰. Essa assertiva, como defendem Traugott e Trousdale (2013), fortalece a ideia de que a língua é formada por redes interconectadas de construções e, dessa forma, quando algum aspecto dessa rede sofre alguma alteração, é provável que isso impacte outros pontos da rede. Essas alterações não ocorrem imediatamente, elas acontecem de modo escalar, em um *continuum*, e esse é um dos motivos que confirmam a ideia de que os níveis da língua são fluídos e gradientes e, dessa forma, as mudanças são possíveis.

¹⁰ O quadro 1 na página 64 mostra as possíveis dimensões de uma construção.

Pensando no verbo *tomar* especificamente, percebemos que uma abordagem construcional é necessária para a análise de usos das categorias que estabelecemos para compreender melhor o verbo em estudo.

Em suma, as categorias¹¹ analisadas neste trabalho podem ser vistas dentro de um *continuum*, que vai do [-esquemático] ao [+esquemático], do [-entrincheirado] ao [+entrincheirado], do [+composicional] ao [-composicional]. Essa perspectiva é alimentada pela teoria construcionista, quando postula que não há uma distinção rígida entre categorias lexicais e categorias gramaticais.

1.3.2 A mudança linguística na perspectiva construcionista

A teoria da Gramática de construções entende que a língua se constitui dentro de um *continuum* categorial, no qual não existe distinção rígida entre o lexical e o gramatical. Sendo assim, é possível que uma palavra passe a ser utilizada em contextos nos quais antes não era comum, podendo desempenhar uma nova função, sendo utilizada com um significado diferente, ou, às vezes, como pertencente a um novo nó na rede de usos do falante.

Para que possamos compreender o processo de mudança na perspectiva construcionista, é necessário discutir os conceitos de **rede** e **nó**, juntamente com termos **gramaticalização**, **construcionalização** e **mudança construcional**.

Alguns estudos de perspectiva funcional (MARTELOTTA, VOTRE e CEZÁRIO, 1996; GOLDBERG, 2006; GONÇALVES, et al, 2007; FURTADO DA CUNHA et al, 2013; ROSÁRIO, 2015) concebem essas mudanças pelas quais alguns vocábulos passam como um processo de gramaticalização, já que itens lexicais passam por uma transformação de lexical para gramatical ou de menos gramatical a mais gramatical.

Goldberg (2006) defende a abertura e ampliação do escopo dos estudos de gramaticalização como a mudança que acontece dentro de um *continuum* de construções, no qual não há uma distinção absoluta para o lexical e gramatical. Logo, é possível não apenas que uma palavra passe de uma categoria lexical para uma gramatical, como pode acontecer que uma palavra menos gramatical passe a ser mais gramatical.

¹¹ Os critérios para definir as categorias propostas para o verbo *tomar* são discutidos no Capítulo 3.

Essas duas vertentes, do lexical ao gramatical e do menos gramatical ao mais gramatical, estão presentes no que Traugott (2015) defende como construcionalização. Para a autora, a construcionalização é o processo de formação de uma nova construção, no qual a mudança ocorre por meio de uma neanálise formadora de um novo par de forma e significado, ou seja, a construcionalização acontece quando as duas faces da construção são alteradas, tanto a forma quanto o significado, e a nova construção passa a integrar um novo nó na rede construcional. Esse processo é acompanhado por mudanças graduais em esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Além disso, a autora apresenta a construcionalização gramatical, processo que também inclui os casos de formação de construções esquemáticas e, nessa perspectiva, todo o esquema é gramaticalizado, e não apenas o item.

Já a mudança construcional acontece quando apenas uma das faces da construção passa por variação, ou a forma ou o significado é alterado. Dessa forma, não há a formação de um novo nó na rede construcional, e sim a construção que passa a ser acoplada a um nó já existente.

Jesus (2014) defende que o verbo *tomar* vem passando por um processo de gramaticalização. Em um primeiro momento, o verbo era utilizado como *pleno*, era autônomo e não dependia dos argumentos que selecionava para estabelecer sua acepção. Em um segundo momento, o verbo começa a perder algumas de suas propriedades semânticas e adquire algumas funções gramaticais, dependendo, assim, dos argumentos que o acompanham para estabelecer sua acepção. Desse modo, o verbo passa a integrar as categorias de verbo *estendido* e *suporte*.

O fato é que, independentemente do tipo da mudança, Traugott (2015) salienta que ela deve ocorrer por meio de cinco micropassos: 1) **inovação**: o ouvinte interpreta um constructo e o analisa de modo diferente da análise do falante; 2) **reutilização**: o ouvinte que reanalisou o constructo se torna falante e reutiliza esse constructo com um novo significado; 3) **convencionalização**: ocorre quando há uma reanálise semântica e outros falantes concordam com a relação convencional entre a forma original e o novo significado; 4) **construcionalização**: quando ocorre reanálise semântica e morfossintática, uma nova construção é criada e entra na rede construcional; 5) **pós-**

construcionalização: pode ocorrer depois que a construção está formada e pode passar por processo de expansão, redução de forma e até desaparecimento.

Como um dos fatores que permite que a língua seja passível de sofrer mudanças é a gradiência e a fluidez das categorias, é importante discorrer sobre a gradiência existente na própria dimensão das construções: o **tamanho**, a **especificidade fonológica** e o **tipo de conceito**.

A respeito do tamanho, Traugott e Trousdale (2013) mostram que uma construção pode ser **atômica**, monomorfêmica, como os sufixos, ou palavras que não tenham afixo ou marcações flexionais; **complexa**, quando existe uma forte ligação entre os itens de uma expressão, o que faz com que não seja possível analisá-los isoladamente; e **intermediária**, quando apenas parte da expressão é passível de ser analisada isoladamente.

A especificidade fonológica analisa se uma construção é substantiva, esquemática ou intermediária. Traugott e Trousdale (2013) explicam que uma construção **substantiva** é completamente especificada fonologicamente como, por exemplo, itens lexicais ou expressões cristalizadas; são **esquemáticas** as construções que se formam a partir de abstrações e apresentem grau de esquematicidade, como a inversão do sujeito e verbo auxiliar para formação de perguntas no inglês; as construções que possuem uma parte substantiva e uma parte esquemática são consideradas **intermediárias**, por exemplo, o esquema de formação de palavras substantivo + *eiro*, (açougueiro).

Já o tipo de conceito, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve a classificação de uma construção como sendo de **conteúdo** (lexical) ou **procedural** (gramatical). São construções de conteúdo aquelas que podem ser utilizadas referencialmente, como os substantivos, verbos e adjetivos; as construções processuais são aquelas que sinalizam relações linguísticas, como a desinência verbal, demonstrativos e pronomes.

Os autores salientam que não existe uma divisão absoluta entre esses dois grupos. Além de ser uma divisão gradiente, é possível que haja mudanças de uma categoria a outra, como ocorre no processo de gramaticalização, quando um item lexical passa ser utilizado com valor procedural. Um exemplo dessa mudança é o uso do verbo *ir*, que hoje também é utilizado para marcar o futuro (procedural). As construções que apresentam tanto propriedades de conteúdo

quanto procedurais são intermediárias, como por exemplo, as construções-way, do inglês que, formadas por algum verbo+way, prototipicamente estabelecem o modo como um caminho foi realizado: *force his way through* (forçar seu caminho), *elbow his way through* (acotovelar para abrir caminho) e *giggle his way through* (rir pelo caminho). Como é possível observar, elas possuem conteúdo o suficiente para que consigamos distingui-las, mas possuem marcas de aspecto, o que está relacionado à sua propriedade procedural.

Para sumarizar, os autores apresentam o quadro abaixo e salientam que uma construção pode ser analisada considerando três dimensões: *tamanho*, *especificação fonológica e tipo de conceito* - vermelho, por exemplo, é atômico, substantivo e tem conteúdo; já a inversão sujeito-auxiliar é complexa, esquemática e procedural.

Quadro 1 – Dimensões das construções

Tamanho	Atômico <i>Vermelho (red)</i> , -s (marcador de plural e 3ª pessoa do singular)	Complexo <i>Mexer os pauzinhos, em cima de</i>	Intermediário <i>Fogueira (bonfire)</i>
Especificidade Fonológica	Substantiva <i>(dropout)</i> <i>abandono</i> , -dom (Sufixo formador de substantivo)	Esquemática N, SAI (inversão Suj./Aux.)	Intermediária <i>V-ment</i> (Sufixo formador de substantivo)
Conceito	Com conteúdo <i>Vermelho (red)</i> , N	Procedural -s, SAI	Intermediária <i>way-</i> construção

(Fonte: TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13, tradução nossa)

Nessa perspectiva, podemos determinar que as construções com o verbo *tomar* são variáveis. Na ocorrência abaixo, *tomar* é pleno:

(13) aí ele:::... ele num feis... ele vendeu... quem comprô dele ia fazê né...
época de ano tinha passado da metade... **tomano metade do meu terreno** (Fala Goiana, Masculino, 72 anos, grifo nosso)

O verbo é substantivo, pois é possível analisar os componentes da oração isoladamente, (*tomanov* + *metade do meu terreno*Objeto tomado); possui conteúdo, requerer posse; e, quanto ao tamanho, é intermediário quando flexionado.

Como verbo estendido, por assumir determinadas acepções quando relacionado a um grupo de sintagmas nominais com características semelhantes como, por exemplo, *tomar* + SN_{ingerível}, ainda que seja possível analisar cada item isoladamente, a construção passa a ser mais esquemática, continua sendo intermediária quanto ao tamanho e continua sendo de conteúdo, como pode ser observado na ocorrência (14):

(14) Aí depois que ele morreu eu peguei a **toma remédio** pra mim não volta a depressão. (Esntedido) (Fala Goiana, Feminino, 43 anos, grifo nosso)

Já o verbo suporte, que tem a característica de poder ser substituído por um verbo pleno que tenha a mesma acepção da perífrase *tomar*+SN como em *tomar banho* por *banhar-se*, também é mais esquemática do que o verbo *tomar* em sua forma plena; quanto ao tamanho e ao conceito, é intermediário e de conteúdo, como é possível observar na ocorrência (15):

(15) corrê atrás da criação, cunversá com os irmão, mandano minino **tomá banho**... mandano minino pintiá cabelo... meu sogro viu aquilo... e chegô na casa dele falô assim... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)

A expressão cristalizada é a mais complexa, uma vez que nenhum dos componentes pode ser analisado isoladamente, como ocorre em *toma lá, dá cá*, expressão na qual tanto os verbos *tomar* quanto *dar* e seus respectivos locativos *lá* e *cá* perderam parte de suas propriedades para formar um bloco significativo, indicando, nesse sentido, uma troca de favores, a retribuição de uma ação.

Para esta pesquisa, também se fazem importantes as noções de **esquematicidade**, **produtividade** e **composicionalidade**, principalmente por serem fatores intimamente ligados à noção de mudança na perspectiva construcional.

Esquematicidade é uma das propriedades da categorização e envolve abstração. Um esquema, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), é um grupo abstrato de construções postas juntas, de acordo com traços de similaridade referentes a seu significado e/ou sua função. Tanto construções de conteúdo quanto as processuais podem formar um esquema.

Langacker (2009) defende a ideia de que as redes construcionais são formadas ao se categorizarem construções. A capacidade cognitiva de

generalizar informações permite que o indivíduo forme grupos mais gerais ou mais específicos, mas que, de alguma forma, estejam relacionados.

Como citamos anteriormente, na subseção 1.2.3, o conceito de “árvore” é mais abstrato do que o de “árvores frutíferas” que, por sua vez, é mais abstrato do que o conceito de “macieiras”. Em perspectiva similar, o conceito de “verbo” é mais abstrato do que o de “verbos que expressam movimentos”.

Linguisticamente, como mostram Traugott e Trousdale (2013), os esquemas se organizam em níveis, sendo esquema o grupo mais abstrato e de nível mais alto. Dentro de um esquema, podemos encontrar diferentes subesquemas; subesquema é um nível mais baixo em relação ao esquema. É um grupo mais específico que pode abrigar diferentes grupos de microconstruções; uma microconstrução reúne diferentes *tokens* que apresentam a mesma função, ou significados similares; normalmente, os *tokens* reunidos no grupo de uma microconstrução podem ser utilizados em um mesmo contexto discursivo; *token* é o nível mais baixo de um esquema e é a representação do uso. A rede esquemática¹² dos quantificadores ilustra essa explicação:

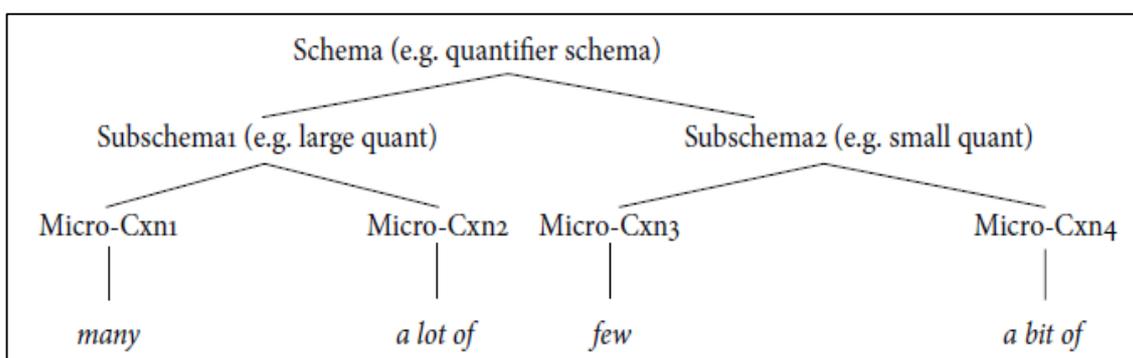


Figura 10 - Gradiência de relações hierárquicas entre construções
(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17)

É possível notar nessa rede um esquema maior e mais abstrato, que agrupa todos os tipos de quantificadores. Por ser mais abstrato e mais geral, encontra-se em um nível mais alto na hierarquia. Mais abaixo, encontramos dois subesquemas, ainda abstratos, por representarem apenas as características gerais utilizadas como critério para a criação do subesquema, mas com

¹² Uma rede esquemática para os usos do verbo *tomar* é proposta na Capítulo 3.

especificidades suficientes para formar dois grupos distintos. Um subesquema agrupa quantificadores que expressam grandes quantidades e o outro subesquema agrupa quantificadores que expressam pequena quantidade.

Na base da rede, encontramos diferentes microconstruções, que categorizam os constructos (*tokens*), agrupados por usos e funções específicos, sendo que os constructos de uma microconstrução, normalmente, não podem ser usados no mesmo contexto de uso de outro constructo com o mesmo valor.

Para a formação de uma rede esquemática, o falante deve ter contato com um número significativo de *input*. Assim, quanto maior for o contato do indivíduo com amostras do uso da língua, maior a chance de que uma abstração ocorra e forme um esquema. Para ilustrar esse processo de abstratização, Traugott e Trousdale (2013) utilizam o seguinte esquema:

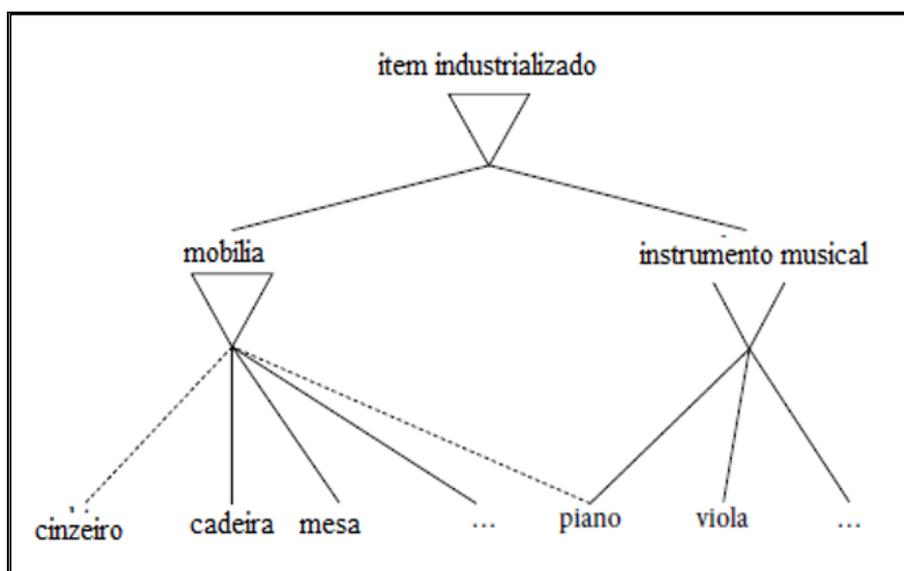


Figura 11 – Rede Conceitual (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17)

Observamos nesse esquema que, quanto mais alto na hierarquia, mais abstrato é o conceito; quanto mais baixo, mais concreto. Outra observação importante é que, quanto mais abstrato, maior a capacidade de reunir categorias de itens com conceito menos abstratos. A categoria *item industrializado*, por exemplo, é mais abstrata e, por isso, está situada em um nível mais alto no esquema. Ademais, é uma generalização do conceito dos itens que pertencem às categorias de nível mais baixo.

Tanto o conceito *mobília* quanto o conceito *instrumento musical* estão dentro da categoria *itens industrializados*, por compartilharem a característica de serem produzidos industrialmente. Diferem, contudo, devido à função que desempenham: à categoria *mobília*, pertencem os conceitos de itens de utilidade doméstica, enquanto, à categoria *instrumentos musicais*, pertencem os conceitos de itens que produzem sons.

De forma similar, a conceituação da categoria *mobília* é mais abstrata que o conceito dos itens *cadeira* e *mesa*, muito embora estes possam ser associados devido à função que compartilham.

Vale observar que as linhas cheias que ligam os conceitos de itens às categorias representam uma forte associação entre eles. Dessa forma, é possível afirmar que tanto o conceito *cadeira* quanto o conceito *mesa* são facilmente agrupados sob a categoria *mobília* por partilharem características semelhantes. No entanto, o conceito *cinzeiro*, por apresentar uma quantidade menor de características em relação aos itens centrais/prototípicos, é menos associado à categoria e, por não ser um representante forte, a linha pontilhada é utilizada.

Já o conceito de *piano* apresenta uma forte ligação com categoria *instrumento musical*, mas como às vezes é utilizado como uma peça de decoração, como não desempenha sua principal função, que é a de reproduzir sons, passa a ser associado a outros itens de utilidade doméstica e, por isso, é associado à categoria *mobília* por uma linha pontilhada. Isso mostra que um item pode participar de mais de uma categoria, dependendo do uso que atribuímos a ele. Outro fator válido é que, a partir do momento que concebemos *piano* como um item de *mobília*, outros instrumentos musicais podem passar a ser associados à categoria *mobília*. Hoje não é raro vermos violões e guitarras autografados colados na parede como peças de decoração, o que formaria outro nó na rede conceitual apresentada por Traugott e Trousdale (2013).

É importante observar que novos subesquemas podem ser criados ao longo do tempo. São os novos nós passíveis de surgir na rede construcional. Assim como novas microconstruções podem passar a fazer parte de um subesquema já existente, da mesma forma, subesquemas podem deixar de existir.

Para a formação da rede, Goldberg (2006) defende a ideia de que os falantes abstraem esquemas a partir do uso de várias microconstruções similares. No esquema das ditransitivas, por exemplo, a partir do contato com construções do tipo: *eu_{suj} dei_v um bolo_{obj1} a João_{obj2}*; *eu_{suj} enviei_v uma carta_{obj1} a meu amigo_{obj2}*; e *eu_{suj} passei_v o sal_{obj1} ao convidado_{obj2}*, o indivíduo consegue abstrair o esquema X dá Y a Z, do tipo: X CAUSA Y RECEBER Z.

Goldberg (2006, p. 7) também atenta que um mesmo verbo pode ser categorizado em diferentes subesquemas, por exemplo¹³:

He sliced the bread. (**transitiva**)

Pat sliced the carrots into the salad. (**movimento causado**)

Pat sliced Chris a piece of pie. (**ditransitiva**)

Emeril sliced and diced his way to stardom. (**construção-way**)

Pat sliced the box open. (**resultativa**)

Além do verbo que pode acionar diferentes esquemas, Goldberg (2006, p. 21) ainda diz que um mesmo evento comunicativo também tem essa propriedade. Ao enunciar *uma dúzia de rosas, Nina enviou a sua mãe!*, o falante aciona os esquemas de construções: ditransitivas, topicalização, sintagmas nominais, sintagmas verbais, determinante indefinido, plural, doze, rosa, Nina, enviar e mãe.

Outro ponto a ser ressaltado é a **produtividade** (ver Analogia 1.2.5) de uma construção ou de um esquema. Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2015) definem produtividade como sendo a probabilidade de que um item seja utilizado dentro de um contexto específico e está associada à frequência com que o item é utilizado. Quanto mais frequente, mais provável que o item seja empregado futuramente naquele contexto. Dessa forma, quando um item passa a ser utilizado em um novo contexto, é a sua produtividade e frequência de uso que podem indicar se a nova forma configurará apenas uma variação ou uma mudança.

Este trabalho também considera a **composicionalidade** como de grande valia quando se trata de construções e mudanças construcionais. Traugott e Trousdale (2013) entendem composicionalidade como sendo o grau de transparência do elo que une, não apenas a forma e o significado, mas todos os

¹³ Por não termos correspondentes no Português Brasileiro, optamos por não traduzir esses exemplos.

componentes de uma construção. A composicionalidade é a relação entre o significado das partes e o significado do todo.

Uma expressão é altamente composicional uma vez que existe uma forte relação entre os termos que a compõem. Os itens deixam de expressar suas ideias isoladamente, a fim de denotar uma ideia única, expressa pelo todo. Por exemplo, na expressão *toma lá, dá cá*, os verbos *tomar* e *dar* e os dêiticos *lá* e *cá*, perdem parte da sua acepção e formam um bloco significativo.

Sobre a estrutura sintática da língua, Traugott e Trousdale (2013, p.19, tradução nossa) citando Arbib (2012), afirmam que “o significado da linguagem não é inteiramente composicional, mas a linguagem tem composicionalidade no sentido de que a estrutura composicional de uma sentença muitas vezes fornece pistas para o significado do todo”. Nesse sentido, para aprender construções com *if*, do tipo:

If you're late, you won't be served/Se você está atrasado, você não será atendido.

Outras estruturas também devem ser analisadas e aprendidas isoladamente: estrutura do presente e a estrutura do futuro. Acima de tudo, porém, o indivíduo precisa abstrair que, quando combinadas por intermédio do *if*, o significado que a estrutura toda assume deixa de ser simplesmente de futuro e presente e passa a codificar uma relação de condicionalidade. Além do futuro com *will*, a condicional também pode ser formada por *can*, *may* e *imperativos*, mas não por outras formas. Sendo assim, há certa composicionalidade na estrutura, mesmo que em menor grau de uma expressão, como *toma lá, dá cá*, que não admite variação.

Observamos que, nos diferentes usos do verbo *tomar*, do seu uso *pleno* ao seu uso em *expressões cristalizadas*, uma das características marcantes é a redução da esquematicidade e o aumento da composicionalidade.

Para Langacker (2009), o entrincheiramento ocorre quando existe uma aproximação dos itens de uma determinada expressão e ela passa designar um significado específico, não aceitando que outros itens substituam outro daquela expressão. Não podemos, por exemplo, substituir *dá* por *recebe* para formar *toma lá, recebe cá*, sem que haja alteração semântica. Portanto, podemos dizer que a expressão *toma lá, dá cá* é altamente entrincheirada.

Capítulo 2

2. O VERBO TOMAR E SUA VERSATILIDADE

Neste capítulo, fazemos algumas observações a respeito do verbo *tomar* em uma perspectiva cognitiva funcional com uma proposta construcional. Embora defendamos, com base em Neves (2002), Hopper e Thompson (1980) e Furtado da Cunha et al. (2015), que a transitividade diz respeito à oração e não do verbo em si, enfatizamos que tal propriedade é considerada, pela tradição gramatical, como mostra Bechara (2009), como pertencente ao verbo. Discorreremos também sobre o conceito de valência verbal, ou seja, a relação entre o verbo e a quantidade de argumentos selecionados por ele.

2.1 O verbo

Seguindo os pressupostos de Ilari e Basso (2014), o verbo é uma das categorias pertencentes à classe de palavras abertas, isto é, palavras que, por diferentes processos, podem passar a existir na língua, uma vez que sua criação depende da maneira como o ser humano lida com o meio a sua volta e como conceptualiza e verbaliza suas experiências. Como a todo o momento estamos sujeitos a passar por novas experiências, também estamos propensos a adaptar a língua para melhor expressar nossas experiências.

Para Bagno (2012), para melhor classificar a categoria *verbo*, é preciso ter como base suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas. Castilho (2016) define verbo como sendo de origem:

Morfossintática: palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoa: *falássemos* = *fal-* + *-a-* + *-sse-* + *-mos*.

Semântica: o verbo expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos.

Discursiva: 'palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) que concorre para a constituição do gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos'. (CASTILHO, 2016, p.396)

Segundo Neves (2011, p. 25), são os verbos os responsáveis pela construção da predicação e neles reside o poder de selecionar os participantes necessários para representar um evento no mundo de forma completa. O predicado, por sua vez, “tem propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas”.

Já Ilari e Basso (2014) postulam que o verbo pode ser melhor caracterizado pelas funções que ele pode exercer em uma oração. A primeira é referente ao molde, *frame*, que o verbo aciona quando vamos construir uma sentença. Para que possamos construir uma oração completa, é necessário que todos os espaços acionados pelo verbo sejam preenchidos e consigam, assim, representar um evento no mundo.

Ilari e Basso (2014) apresentam que a segunda função do verbo está relacionada com a perspectiva construída a partir da semântica do verbo em si. Para os autores, os verbos *bater* e *apanhar* podem representar um mesmo evento de mundo a partir de pontos de vista diferentes, como pode ser observado no exemplo abaixo, em “[ele] apanhê da minha mãe”. Nesse trecho, *ele* é figura, tem função de sujeito e papel semântico de paciente, mas em “pra minha mãe batê”, *mãe* passa a ser figura, tem função de sujeito e o papel semântico de agente:

(16) Inf. **Apanhê** da minha mãe e de mim ainda qu/eu segurei ((risos)) minha mãe num tava dano conta de segurá ele mais aí eu segurei pra **minha mãe batê** que até hoje ele tem ra... ele conta essa história inda com fala que/sse dia ele ficô com raiva demais da conta s/ele pudesse pegá eu e batê ele batia (Fala Goiana, Feminino, 38 anos, grifo nosso)

Os autores também mostram que o verbo desempenha a função de localizar o interlocutor a respeito do que está sendo dito, sendo essa a terceira função apresentada. O verbo pode se relacionar às três pessoas do discurso: primeira, quando a pessoa que narra o evento coincide com a pessoa que atua no evento narrado; segunda, quando se faz referência ao interlocutor; e, terceira, quando a referência é uma pessoa diferente do locutor e do interlocutor.

A quarta função apresentada por Ilari e Basso (2014) também é dêitica, mas está associada às marcas do tempo que podemos encontrar na desinência. É importante salientar, contudo, que, por ser uma função dêitica, a desinência de tempo comunica ao falante se determinado evento de mundo ocorre anteriormente, concomitantemente ou posteriormente ao momento da fala. É com essa assertiva que, ao mencionarem os exemplos: *Mãe, eu já tive caxumba?* e *Mãe, você já viu meu boletim?* os autores asseguram que a noção de passado recente e passado remoto se faz pelo conhecimento de mundo dos indivíduos envolvidos na enunciação e não apenas pelo uso de desinências.

A quinta função de um verbo, para Ilari e Basso (2014), diz respeito à semântica do verbo e à sua relação com seus complementos, que podem codificar momentos distintos. Tal função é denominada, segundo os autores, como *Aktionsart*, “modo da ação” em tradução direta do alemão, o que mostra que algumas construções transmitem a ideia de uma ação pontual, enquanto outras denotam um fim previsível.

Outra função, a sexta, apresentada pelos autores, é a de que a desinência do verbo, além de marcar deiticamente a fala do interlocutor, também está relacionada ao aspecto do verbo, à capacidade de construir uma perspectiva a respeito do evento descrito. Os autores apresentam dois enunciados para elucidar essa função: 1) Quando eu cheguei em casa, os funcionários da prefeitura **varriam** a rua; 2) Quando eu cheguei em casa, os funcionários da prefeitura **varreram** a rua. No primeiro exemplo, o verbo em destaque indica que a ação de varrer a rua teve um início anterior à chegada; já no segundo evento, a ideia é de que a ação ocorre após a chegada.

Ilari e Basso (2014), ainda a respeito da desinência, defendem que podemos encontrar informações de caráter modal no verbo, sendo essa a sétima função. Segundo os autores, isso ocorre quando nos referimos a um evento em um mundo que não coincide com o nosso, um mundo imaginário, por exemplo, codificado por alguns usos do subjuntivo, como em: *Se eu fosse presidente da República, haveria um feriado por semana.*

Por fim, os autores apresentam a oitava função, a habilidade de ter como perspectiva um evento por meio das diferentes vozes que compõem o rol de possibilidades do português. Ao adotar uma voz passiva ou ativa para expressar um evento do mundo, o falante opta por pontos de vista diferentes sobre esse

acontecimento. Em *João partiu o bolo* e *O bolo foi partido por João*, o fato de topicalizar um item mostra qual informação é mais relevante para o indivíduo.

Como Ilari e Basso (2014) defendem, um olhar funcional para o verbo descreve-o para além de uma perspectiva tradicional, que faz pouco uso das características lexicais e prioriza a determinação dos verbos quanto à transitividade – transitivos e intransitivos e verbos de ligação -, sem contar que, como define Bagno (2012), a tradição tende a dizer que o verbo indica ação, estado ou processo.

Ao considerar o verbo e suas características lexicais e gramaticais, observam-se algumas definições que a perspectiva tradicional não aborda, principalmente quanto a verbos que assumem, dentro dos enunciados, funções próprias de itens gramaticais. Outro fator que não podemos deixar de mencionar é a estrutura argumental e o perfilamento dos argumentos, ambos determinados pelo verbo e sua semântica.

Goldberg (1995) defende que uma abordagem construcional para a estrutura argumental assume que os diferentes significados de um mesmo verbo em diferentes construções estão mais relacionados à construção do que ao próprio verbo em si. Por isso, é de extrema importância que analisemos a natureza dos elementos que são utilizados junto ao verbo e como esses elementos em conjunto contribuem para a formação do significado da construção. Uma abordagem segundo os pressupostos defendidos pela autora implica analisar tanto a estrutura semântica quanto a estrutura sintática dos componentes selecionados pelo verbo para descrever um evento de mundo, sendo a relação sintática e semântica dependente do verbo. Como pode ser observado, a seleção dos argumentos está intrinsecamente associada com a semântica do verbo, com o evento comunicativo e com o papel semântico dos complementos do verbo (GIVÓN, 2001).

Em uma situação prototípica, por exemplo, o verbo *cortar* exige dois argumentos. Sintaticamente, esses argumentos exercem os papéis de *sujeito* e de *objeto*; semanticamente, de *agente* e de *paciente*. O traço semântico do sujeito para ser *agente* reside nos traços [+humano] e [+animado], o de *paciente*, de *objeto processado*. Ainda é possível estabelecer, em uma oração do tipo *João cortou meu rosto*, a relação semântica de cortador e cortado. Um objeto afiado com capacidade de cortar também pode ser utilizado em uma oração do tipo A

faca cortou meu rosto, mesmo que não possua os traços semânticos [+humano] e [+animado] que configuram o agente da oração. As próprias características do objeto *faca* asseguram a possibilidade da oração. É interessante observar, no entanto, que em contextos específicos, como o caso da figura de linguagem *prosopopeia*, quando a um ser inanimado são atribuídas características humanas, orações do tipo *O vento cortou meu rosto* são possíveis.

Em se tratando de um verbo como *tomar*, que possui diferentes padrões de construção, tanto em suas relações gramaticais/sintáticas quanto lexicais/semânticas, vale adotar a perspectiva de Goldberg (1995, 2006) para analisar a forma de superfície e o perfilamento dos papéis semânticos que possibilitam o enquadramento do verbo estudado em diferentes categorias: **pleno**, **estendido**¹⁴, **suporte** e como **parte de uma expressão cristalizada**.

Os verbos considerados **plenos** são aqueles, segundo Ilari e Basso (2014), que apresentam um sentido lexical completo. Assim, mesmo se trocarmos os argumentos, sua acepção básica não é alterada. A definição de pleno, para Jesus (2014), é a de um verbo cujo sentido seja semelhante aos seus primeiros usos, isto é, antes de adentrar em um processo de gramaticalização, por meio do qual adquire propriedades gramaticais.

Segundo Castilho (2016), podemos considerar como verbos plenos os que são o núcleo de uma predicação, que selecionam os argumentos que estruturam o predicado e atribuem aos argumentos seus papéis temáticos.

Sendo assim, consideramos como verbos plenos aqueles que apresentam comportamento de uma palavra lexical; estabelecem a função de formar a predicação, já que é a partir do verbo que sabemos de quantos argumentos a predicação necessita e quais papéis temáticos serão atribuídos aos argumentos.

Tendo esse postulado sobre os verbos plenos, é necessário salientar aqui que essas mesmas características são encontradas nos verbos que consideramos como estendidos. Entendemos que os verbos considerados como **estendidos** são aqueles que, a partir de um grupo específico de argumentos, passam a assumir uma acepção diferente daquela de origem.

¹⁴ A proposta de categorização do verbo *tomar* como estendido encontra-se nos estudos de Jesus (2014).

O verbo *tomar*, como **estendido**, perde parte de suas propriedades semânticas e passa a ser dependente de um dos argumentos. Tal processo mostra um relativo ganho em esquematicidade, e o verbo passa a ser [-composicional], uma vez que existem restrições semânticas de seleção de argumentos para que o verbo assuma uma acepção específica.

Se consideramos os pressupostos de Heine (1993), esse processo pode ser considerado como o início de uma gramaticalização, uma vez que é possível verificar os seguintes parâmetros: **dessemantização** ou **desbotamento**; **extensão**; **decatégorização**; **redução fonética**.

A **dessemantização** ou **desbotamento** semântico ocorre quando há a perda ou a redução das propriedades semânticas de um item linguístico. O item perde parte de suas propriedades semânticas ao ser utilizado em um contexto diferente do seu contexto prototípico e pode apresentar perda de parte de suas funções.

A **extensão** é fruto da pragmática; o item linguístico adquire novas características, muito embora mantenha parte de sua acepção original, a partir do seu uso em contextos não prototípicos.

Das características do processo de **decatégorização**, é importante entender que ele ocorre quando a forma fonte-base perde parte de suas funções morfossintáticas de categorias maiores, como a dos substantivos e a dos verbos plenos, e passam a ter características de classes menores, como a dos verbos auxiliares, e, com isso, perde sua independência. Ao passar por esse processo, o item começa a depender do contexto no qual é usado e dos elementos que compõem esse contexto.

Por fim, a **redução fonética** acontece quando, a partir do aumento da frequência de uso, ocorre alguma alteração na substância fônica do item, seja por fusão às formas que o acompanham (coalescência), ou pela redução de sua forma fônica (condensação).

Heine (1993) propõe diferentes estágios nesse processo de gramaticalização, o que corrobora nossa premissa de que as mudanças ocorrem dentro de um *continuum*. O verbo estendido será aqui considerado como o primeiro estágio dessa mudança categorial para o verbo *tomar*. Nessa categoria, o verbo sofreu desbotamento e expansão, com uma alteração no seu significado, como veremos no capítulo 4.

O verbo **suporte**, para Fortunato (2009), aparece em construções nas quais o verbo é utilizado com um sintagma nominal e passa por esvaziamento semântico. Dessa forma, a semântica da construção passa a ser altamente dependente do sintagma nominal utilizado. Muito embora ainda fique a cargo do verbo a representação de modo, tempo, número, pessoa e aspecto, em construções com verbos suporte, o centro da significação não é o verbo em si, mas o sintagma nominal, mesmo que alguma propriedade semântica do verbo possa ser reconhecida na construção.

Neves (2011) diz que os verbos suportes são aqueles cuja própria acepção é esvaziada e, juntamente com seu complemento, passa a formar um bloco significativo que, normalmente, pode ser substituído por um outro verbo que denote o mesmo sentido da perífrase verbal.

A autora já postulava em 2002 algumas ideias a respeito da distinção entre uma construção com verbo suporte e uma que forma uma expressão cristalizada. Para a autora, a construção com verbo suporte acontece pela junção da propriedade semântica dos dois componentes (NEVES, 2002). Sendo assim, é possível perceber o papel de cada componente na construção; em uma expressão cristalizada, isso não acontece tão claramente, pois existe uma ligação tão forte entre os dois elementos, que eles não podem ser vistos separadamente; é mais complexo perceber as propriedades semânticas de cada um dos componentes, e, dessa forma, o complemento do verbo em uma expressão cristalizada não pode ser considerado um sintagma nominal.

Além disso, diferentemente de uma expressão cristalizada, Neves (2002) diz ser possível que o verbo suporte seja utilizado com a mesma equivalência semântica de um verbo simples. A expressão cristalizada, por sua vez, não tem autonomia suficiente para essa troca.

Desse modo, é possível inferir que uma **expressão cristalizada** apresenta duas características particulares: possui mais de um componente lexical, mas que assume a ideia de unidade semântica, sendo que o significado é construído a partir da junção dos elementos que compõem a expressão cristalizada; a não analisabilidade das partes para chegar ao significado do todo é consequência do entrincheiramento e da forte dependência entre componentes.

Logo, relacionando o verbo como componente de uma expressão cristalizada com uma construção com verbo suporte, é possível perceber que o esvaziamento semântico é maior em uma expressão cristalizada, ainda que não haja um esvaziamento total.

Tendo feito essas considerações a respeito das categorias para o verbo, podemos fazer algumas considerações:

- 1) Os verbos plenos tendem a ser os mais autônomos, principalmente por funcionarem sozinhos como centro da predicação e não dependerem de outro elemento do enunciado. Portanto, podemos dizer que eles têm características de compor construção [-esquemática], [+composicional], e [+lexical], pois as únicas restrições para realizar a construção são as relacionadas à semântica do verbo e aos papéis temáticos estabelecidos por ele.
- 2) Os verbos estendidos têm acepção dependente do sintagma nominal utilizado junto a eles, mas existe um grupo de sintagmas que evoca uma acepção comum; os verbos começam a passar por um processo de dessemantização, extensão e decategorização. Por ter sua acepção dependente do sintagma nominal, ele passa a compor construção [+esquemática], [+composicional] porque o verbo começa a perder parte de sua autonomia semântica e a ter seu sentido esvaziado.
- 3) O verbo suporte possui uma alta dependência do sintagma nominal que o acompanha, mas não há um grupo específico de sintagmas que permitem que o verbo assuma uma acepção comum. Mudando o sintagma, mudamos a acepção adquirida. Por isso, as características da construção com o verbo assume são: [+esquemática], [-composicional], principalmente pela relação de dependência do verbo com o sintagma nominal; e pelo seu esvaziamento semântico.
- 4) O verbo como parte de uma expressão cristalizada está completamente entrincheirado com a construção que ele forma, a qual as características de idiomatismo são altas e a ela é [+composicional], uma vez que nenhuma parte da construção tem autonomia; o verbo

em uma expressão cristalizada já passou por um esvaziamento semântico quase total.

Outra característica que precisamos observar quando analisamos as mudanças pelas quais um verbo pode passar é a transitividade e a valência, que discutiremos nas próximas seções.

2.1.1 A transitividade

Sob a visão tradicional defendida por Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2011), a transitividade é verbal: é olhando para o verbo isoladamente que podemos definir qual a transitividade de toda a oração. Nessa perspectiva, temos uma divisão dos verbos que são transitivos em diretos e/ou indiretos, ou intransitivos.

Para a tradição, são intransitivos os verbos que não necessitam de complemento para que o evento de mundo que eles representam seja compreendido completamente; já os transitivos diretos são os que requerem um complemento para descreverem um evento do mundo com a diferença sintática de que os diretos não são introduzidos por preposição, ao passo que os indiretos sim.

Logo, ao adotar as assertivas para transitividade de Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2011), temos uma definição binária para o verbo: ou ele é transitivo ou intransitivo, dependendo da presença ou da ausência de um complemento. É válido ressaltar que essa perspectiva considera os verbos com os seus usos mais prototípicos, plenos, e não leva em consideração a criatividade do falante e os múltiplos usos que ele pode conferir ao verbo.

Em consonância a isso, como mostra Bagno (2012), as definições gramaticais da tradição se baseiam em exemplos tirados da literatura clássica, cuja linguagem, típica da modalidade escrita, está distante do uso registrado na fala contemporânea, inclusive na variedade culta. Portanto, é possível dizer que uma perspectiva tradicional não constitui referencial apropriado para a descrição do uso. A esse respeito, consideremos as ocorrências do verbo *tomar* em (17) e (18).

(17) Agora pra dormi, eu durmo as custa de remédio. Essa noite mesmo eu levantei dez hora pra **toma remédio** mai eu num dormi. Tem que **tomá** se não num dorme não. (Fala Goiana, Feminino, 43 anos, grifo nosso)

(18) e todo mundo qué robá:::... qué fazê maldade... a nem... esses tempo mesmo... pegaram meu primo... e **tomo o dinheiro dele** (Fala Goiana, Feminino, 28 anos, grifo nosso)

Nas ocorrências acima, mesmo na perspectiva tradicional, podemos observar que o mesmo verbo *tomar* apresenta padrão de transitividade distinto: em *toma remédio*, o verbo pode ser considerado transitivo direto, por ser utilizado junto a um complemento direto; *tomá* também pode ser considerado um verbo transitivo direto ao considerar o objeto nulo que completa o sentido do verbo; já em *tomo o dinheiro dele*, o verbo pode ser considerado transitivo direto e indireto, pelo uso de dois complementos, um ligado diretamente ao verbo e outro ligado por preposição. É possível perceber que não só a transitividade é diferente, mas a acepção do verbo também sofre alterações de acordo com o contexto, sendo que, em *toma remédio*, temos a acepção de ingerir algo, mas em *tomo o dinheiro dele*, o verbo passa representar uma transferência de posse.

Tais ocorrências reforçam a necessidade de se observar todos os elementos que compõem o contexto de uso; o enunciado deve ser considerado como um todo, pois, se nos atentarmos a apenas um dos elementos, podemos nos incorrer em análises equivocadas.

Adotamos, assim, a perspectiva de que a transitividade não reside apenas no verbo, mas na relação que ele estabelece com todos os argumentos da oração, concepção sustentada pelos estudos funcionalistas, sobretudo os de Furtado da Cunha e Souza (2007) e de Hopper e Thompson (1980), os quais defendem a ideia de que a transitividade é propriedade oracional e gradiente. Assim, a transitividade é vista em um *continuum* e sua constituição depende dos vários aspectos de forma e de significado que compõem o enunciado.

Para Furtado da Cunha e Souza (2007), não é possível dizer que um verbo é intransitivo, pois sua origem latina, *transitivus*, implica movimento, algo que transita, e ao dizer que um verbo é intransitivo, estamos postulando que o significado do verbo não se estende para outros elementos que compõem o enunciado.

Ao analisar o item *morrer*, fica claro que o verbo estende seu significado para outros elementos do enunciado. Quando empregado, por exemplo, em *João morreu*, notamos que o sujeito é altamente afetado pelo verbo, o que nos permite dizer que parte da acepção do verbo passou para o sujeito. É ainda possível dizer que, no enunciado: *João morre de amores*, o afetamento do sujeito é menor e, dessa forma, também é menor sua transitividade. Com base no exposto, podemos dizer, então, que um mesmo verbo pode ser empregado em um contexto [+transitivo] ou [-transitivo]. Para reconhecer isso, é necessário que consideremos todos os elementos que constituem o enunciado.

Furtado da Cunha et al (2015) definem, ainda, que a transitividade está ligada também a questões pragmáticas. Ao priorizar uma informação e topicalizá-la, por exemplo, ou ao optar por não informar um item, os padrões de transitividade são alterados.

Os autores ao adotar a perspectiva de Hopper e Thompson para analisar os casos de transitividade, defendem que não existem verbos que sejam completamente intransitivos, pois até mesmo verbos que denotam fenômenos da natureza podem ser empregados em situações nas quais complementos são necessários, como em *Está chovendo sangue*. Além disso, mesmo nos casos de verbos que não expressem argumentos, sua semântica incide sobre o próprio verbo e sobre os planos discursivos nos quais o verbo é empregado.

Hopper e Thompson (1980) elaboraram um quadro com dez parâmetros que ajudam a entender a gradiência da transitividade. Por convergirem com a perspectiva deste trabalho, serão esses os parâmetros adotados para a presente pesquisa.

Quadro 2: Parâmetros da transitividade

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
1.Participantes	dois ou mais	Um
2.Cinese	Ação	não-ação
3.Aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
4.Pontualidade do verbo	Pontual	não-pontual
5.Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6.Polaridade da oração	afirmativa	Negativa
7.Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8.Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9.Afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10.Individuação do objeto	individuado	não-individuado

(Fonte: Hopper e Thompson, 1980, p. 252)

Barros (2011, p. 74-75) faz uma interessante consideração a respeito dos parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson. A autora explica que:

I. a transferência de uma ação ocorre de um *participante* para outro, o que caracteriza uma alta transitividade; II. apenas verbos que indicam ações, que é a *cinese*, podem caracterizar transferência, e não verbos de estado; III. as ações são transferidas de modo mais pleno quando seu *aspecto* é perfectivo ou télico, uma vez que descrevem um evento concluído, totalmente realizado, acabado; IV. ações que apresentam uma clara distinção entre início, meio e fim são mais contínuas, e o efeito é menos marcado e, portanto, menos *pontual* em seus pacientes; V. a ação *intencional* causa um efeito mais nítido sobre o paciente; VI. cláusulas que admitem a *polaridade* afirmativa e negativa indicam pela primeira forma que a transferência aconteceu; VII. a *modalidade*, *realis* e *irrealis*, indica que um evento de fato aconteceu ou que ele é uma possibilidade ou hipótese; VIII. a *agentividade* diz respeito à capacidade de o participante, sujeito, efetuar a transferência de uma ação, sendo alta a transitividade neste caso, e baixa no contrário; IX. quanto mais um paciente é *afetado* por uma ação, maior o grau de transferência da ação; X. uma ação é mais eficazmente transferida a um paciente *individualizado*, ou seja,

mais humano, animado, concreto, singular, contável, definido.

Tendo em mente essa perspectiva, é possível, a partir da análise de alguns exemplos prototípicos, ponderar sobre a mudança da transitividade do verbo *tomar* dentro do *continuum*: pleno, estendido, suporte e cristalizado.¹⁵

Maria tomou as bonecas da irmã (Pleno)
 João tomou água (Estendido)
 Maria tomou banho (Suporte)
 Toma lá dá cá (Expressão cristalizada)

Ao ser utilizado como pleno, o verbo *tomar* seleciona três participantes: 1) quem toma; 2) o que é tomado e 3) de quem se toma. O evento descrito tem as seguintes características: perfectivo, pontual, intencional; está na afirmativa, o que implica que a transferência de posse ocorreu; não é uma situação hipotética; o sujeito tem o papel temático de agente, o paciente é afetado, sujeito e paciente são individuados. Dessa forma, tal evento pode ser considerado como altamente transitivo, no exemplo dado.

Quando utilizado como estendido, o verbo seleciona apenas dois argumentos; existe transferência do argumento 2 ao argumento 1, a ação também é perfectiva, pontual, intencional e está na afirmativa, o evento também não é hipotético. O sujeito tem o papel de agente e os traços de [+ animado], [+ humano], mas, apesar de o paciente ser afetado, ele não é individuado. Sendo assim, em relação ao verbo pleno, o verbo estendido é menos transitivo.

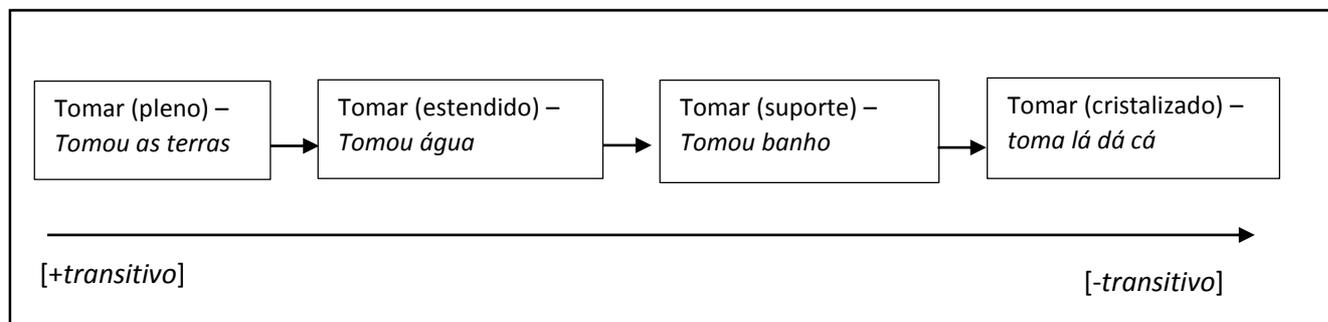
O verbo suporte, por sua vez, requer apenas um argumento: *tomar banho* não pode ser analisado isoladamente e, por isso, *banho* não será considerado como argumento. O evento descrito é perfectivo, pontual e real, mas não há objeto para ser afetado ou individuado. Isso implica que o verbo suporte é menos transitivo que o estendido e é ainda menos transitivo que o pleno.

Por fim, ao ser utilizado em uma expressão cristalizada, o verbo não requer nem sujeito nem objeto. Além disso, o verbo não possui força predicativa e, por isso, essa expressão cristalizada apresenta menor grau de transitividade em relação aos exemplos apresentados.

¹⁵ A categorização do verbo *tomar* é feita nos tópicos 4.1 – pleno; 4.2 – estendido; 4.3 – suporte; 4.4 – expressão cristalizada.

Levando em consideração a gradiência transitiva proposta por Hopper e Thompson (1980), é possível esboçar o seguinte esquema para os casos prototípicos apresentados anteriormente:

Figura 12: *Continuum* de transitividade do verbo *tomar*



(Fonte: nossa autoria)

A transitividade para a Gramática de Construções, como defende Goldberg (1995, 2006), está presente na organização da oração, as relações semânticas e sintáticas perfiladas pelos argumentos são influenciadas pelo padrão de transitividade associado ao padrão da estrutura argumental do verbo.

Haja vista nossas considerações sobre transitividade, é necessário analisar uma noção também relacionada à transitividade. Na próxima seção, brevemente discutiremos a noção de valência verbal.

2.1.2 A valência

A valência verbal pode ser entendida, segundo Bagno (2012) e Ilari e Basso (2014), como uma relação entre os verbos e seus argumentos. Para os autores, é o verbo que seleciona os argumentos de uma oração e, por isso, determina a quantidade de argumentos e a natureza dos argumentos possíveis para serem utilizados junto a ele. A valência verbal está, assim, associada à quantidade de argumentos passíveis de serem utilizados junto ao verbo para descrever um evento de mundo completo.

Assumindo esse postulado, podemos descrever que o verbo *tomar* pode ser utilizado com diferentes valências:

Valência 1: *Maria tomou banho (Suporte)*
 Arg1 + (verbo+SN)

Valência 2: *João tomou água (Estendido)*
 Arg1 + verbo + Arg2

Valência 3: *Maria tomou as bonecas da irmã (Pleno)*
 Arg1 + verbo + Arg2 + Arg3

É importante ressaltar que consideramos *tomar banho* como valência 1 pelo fato de *banho* ser parte do sentido do verbo *tomar* e, cognitivamente, ser visto como um único bloco significativo e, por isso, o único argumento acionado é *Maria*.

Seguindo essa ideia, podemos inferir que o verbo *tomar* pode ser utilizado não apenas em diferentes níveis de transitividade, como também com diferentes valências, o que reforça a necessidade de categorizar seus diferentes usos em grupos diferentes, o que será feito nas próximas seções.

2.2 A origem do verbo *tomar*

Nascentes (1955) discute a origem do verbo *tomar* em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. O autor utiliza-se de outras pesquisas etimológicas e chega à conclusão que não há um consenso sobre a origem desse verbo em particular. Há especulações de que ele tenha origem no verbete saxão *tômain*, cuja origem é peninsular, sendo utilizado desde sempre na literatura. Nascentes (1955) ainda aponta que sua origem poderia ter raízes na onomatopeia *tum(o)*, com ideia de queda.

Também há considerações em Vasconcellos (1901), que remontam a uma possível origem saxã do verbo *tomar*. Ao investigar o significado de *tômain*, no germânico arcaico, encontramos a seguinte possibilidade: “*tôman*: leer, **frei machen**. an. *toema leeren*; as. *tômjan frei machen, los machen*; m. engl. *têmin*, n. engl. *teem aus dem Nord*. (FLICK, FALCK e TORP, 1909, p.165, grifo nosso). Nesse sentido, em tradução nossa, o termo em destaque seria equivalente a *liberta-se*, tomar a liberdade, mas parece incerto acreditar que seja essa realmente a origem do verbo em estudo.

O Dicionário de verbos do Português Medieval (DVPM), projeto da Universidade Nova de Lisboa que registra o uso das palavras do português nos séculos 12, 13-14, registraram 361 ocorrências do verbo *tomar*.

Ao analisar os usos¹⁶ do verbo nesses dados do DVPM (1999), é notório que, desde o século XII, o verbo *tomar* vem sendo utilizado em diferentes categorias no português, o que não nos possibilitou averiguar a possível origem germânica do verbo. Contudo, como ele é utilizado em diferentes contextos, o que o torna passível de ser categorizado em diferentes grupos, é interessante observar as características peculiares que possibilitam essa categorização em: *pleno, estendido, suporte* e como *parte de uma expressão cristalizada*.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a comunidade linguística escolhida para integrar o *corpus*, explicamos como selecionamos as amostras e os critérios adotados para fazer a estratificação dos dados. Além disso, apontamos alguns dos fatores que consideramos importantes para a análise do nosso objeto, sobretudo para a categorização das ocorrências encontrada.

¹⁶ Os diferentes usos do verbo *tomar* nos séculos XII e XIII encontram-se nos anexos deste trabalho.

Capítulo 3

3. METODOLOGIA

Este capítulo dedica-se a discorrer brevemente sobre os dados de fala da Cidade de Goiás, conhecida como Vila Boa de Goiás e Goiás Velho, dados a partir dos quais esta pesquisa faz sua investigação. Discorreremos, principalmente, sobre a metodologia de coleta de dados do “Projeto Fala Goiana”, vinculado à Universidade Federal de Goiás, o qual tem como objetivo principal documentar e analisar a variedade falada goiana do Português. Esse projeto considera os aspectos sociais e culturais que podem impactar fenômenos gerais de mudança linguística. Além disso, fazemos algumas considerações a respeito dos aspectos teóricos que permeiam nossa análise.

Primeiramente, discorreremos sobre a Cidade de Goiás e, em seguida, detalhamos a composição do *corpus*, a metodologia utilizada para constituí-lo e os critérios que foram utilizados para analisar as ocorrências. Posteriormente, explanamos alguns critérios importantes relacionados ao rigor metodológico da Sociolinguística. Por fim, salientamos alguns aspectos teóricos que serão caros para a descrição e para a análise das ocorrências.

3.1 A Cidade de Goiás

A Cidade de Goiás, antiga capital do estado homônimo, foi fundada no ciclo do ouro e mantém a arquitetura do período colonial, característica que fez com que a Cidade fosse agraciada pela Unesco com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

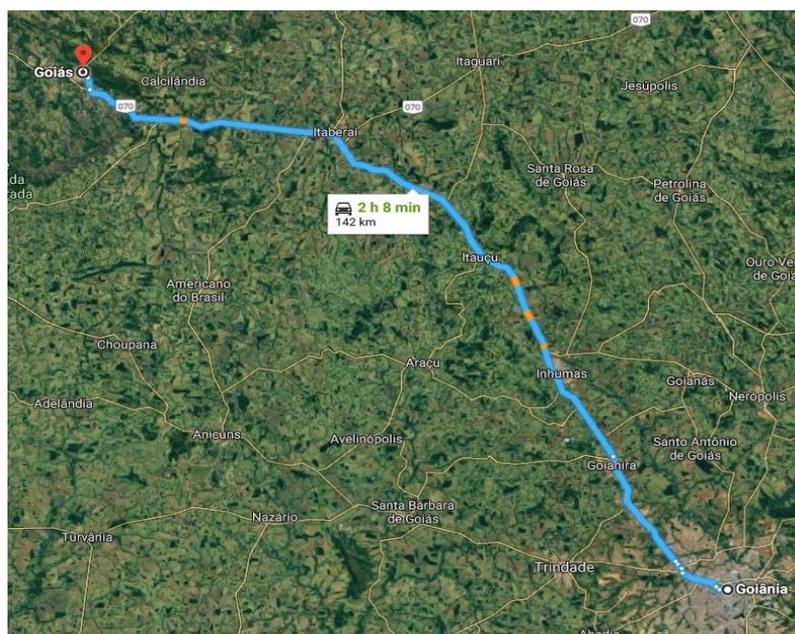
A Cidade de Goiás está situado no centro-oeste do estado, a 142 km da atual capital do estado, Goiânia, como se pode observar nas figuras 13 e 14:

Figura 13: Localização geográfica da Cidade de Goiás



(Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu)¹⁷

Figura 14: Distância entre Goiás e Goiânia



(Fonte: Google Maps)

Esses dois fatores, a proximidade com a capital e o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, atraem um grande fluxo de turistas à cidade. Outro fator interessante é que a cidade, interiorana, abriga várias famílias que vivem da agricultura e da pecuária, havendo assim, forte presença da população das

¹⁷ Mapa disponível no site: <http://cerratense.com.br/floreshistoria.html>

zonas rurais. Por esses motivos, a Cidade de Goiás pode ser considerada como *rurbana*, que, segundo Bortoni-Ricardo (1985), é uma cidade em que se observam fenômenos linguísticos típicos das variedades urbana e rural.

A localização da cidade, sua cultura, e seu título de Patrimônio Cultural da Humanidade fazem dela um centro de encontro de diferentes variedades da língua portuguesa, o que contribui para dinamicidade da língua e fomenta as inovações. Tais fatores fazem da Cidade de Goiás um lugar interessante para se estudar seu linguajar e, em nosso caso, a multifuncionalidade do verbo *tomar*.

Outro fator que contribuiu para a escolha dessa comunidade de fala, em específico, foi o “Projeto Fala Goiana”. Logo, ao analisar os usos do verbo *tomar* na fala dos cidadãos vilaboenses, este trabalho contribui para dar mais visibilidade ao projeto e contribuir para a expansão de seu banco de dados.

3.2 O corpus

As gravações que compõem o *corpus* foram retiradas do banco de dados do Projeto Português Contemporâneo Falado em Goiás - “Fala goiana”. O projeto Fala Goiana¹⁸ é vinculado ao Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) da Universidade Federal de Goiás, ambos sob a coordenação da Professora Vânia Cristina Casseb-Galvão. A perspectiva adotada pelo projeto é consoante à adotada para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo a de que a língua é dinâmica, fluida e passível de variações e mudanças. O objetivo geral do grupo é documentar e fazer análise do português falado em Goiás, levando em conta a formação social e cultural das comunidades de fala envolvidas no projeto, visando documentar as variações e as mudanças linguísticas.

Para que isso seja possível, o projeto tem a intenção de compor um conjunto significativo de dados de fala, coletados a partir de entrevistas, para caracterizar a variedade do português falada no estado de Goiás. Além disso, o projeto pretende promover generalizações a respeito do estágio vigente do Português falado na região central do território brasileiro, mas especialmente no Estado de Goiás.

¹⁸ Maiores informações sobre o projeto podem ser encontradas nos sites: <https://gef-ufg.webnode.com> e <https://gef.letras.ufg.br>

O projeto também observa os processos de mudança em curso e os já implementados na variante goiana, considerando tanto o aparato da forma quanto o da função. Por isso, o Fala Goiana analisa a mudança desde a organização morfossintática e lexical até a organização discursiva.

O *corpus* do projeto é constituído por vinte e quatro entrevistas, com cidadãos residentes na Cidade de Goiás e na cidade de Goiânia, mas é importante salientar que, para compor uma amostra representativa da fala vilaboense, todas as entrevistas selecionadas foram realizadas com pessoas nativas da Cidade de Goiás.

Para a constituição do *corpus* do Fala Goiana, os inquéritos foram elaborados de acordo com os parâmetros de coleta de dados labovianos da Sociolinguística Variacionista. As entrevistas, por exemplo, foram realizadas nas casas dos informantes, em um ambiente em que eles pudessem estar confortáveis para utilizarem o vernáculo. Foram gravadas e transcritas entrevistas do tipo DID, diálogo entre informante e documentador. Nos apêndices deste trabalho é possível encontrar a transcrição dos trechos nos quais encontramos ocorrências com o verbo *tomar*. As transcrições foram feitas com base nas normas do Projeto NURC, desenvolvido por Castilho e Preti (1987).

O roteiro das entrevistas também segue os pressupostos de Labov (1972), a fim de que fosse possível coletar amostras de fala mais próximas do uso cotidiano. Dentre outras perguntas, os falantes foram interrogados a respeito de experiências pessoais. Além disso, foi pedido que os falantes relatassem suas rotinas. Conforme mostra Silva (2005, p. 65):

Os módulos de perguntas partiram de dados pessoais do informante (sua história), jogos e brincadeiras da infância, brigas, namoro, encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, saúde, amigos, turmas, serviços públicos, lugares onde morou, crime das ruas, as diferenças percebidas na cidade de Goiás antes de ela se tornar Patrimônio Histórico da Humanidade e depois de receber o título, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade.

O perfil social dos participantes das pesquisas que compõem o banco de dados compreende: sexo (masculino e feminino - não foram, ainda, consideradas questões de gênero para coleta de dados); escolaridade (entre

zero e quatro anos de estudo) - o projeto Fala Goiana considera que desta forma é possível analisar a fala sem a interferência da norma padrão nos dados coletados; faixa etária: foram entrevistados falantes entre vinte e setenta e cinco anos.

Para compor o *corpus* desta pesquisa, selecionamos doze entrevistas com o mesmo perfil social, incluindo a escolaridade de não mais de quatro anos de estudos. Para a sistematização dos dados, as entrevistas foram divididas em três grupos: o primeiro grupo etário é constituído por informantes entre 20 e 35 anos; o segundo grupo etário é constituído por informantes entre 36 e 50 anos; e o terceiro grupo etário é composto por informantes com mais de 51 anos. Foram selecionados dois representantes de cada grupo para compor o *corpus* analisado, totalizando 12 inquéritos, como pode ser visto no seguinte quadro:

Quadro 3: Distribuição dos informantes conforme os caracteres sociais

Variáveis	Faixa etária	Sexo
Grupos		
G1: 4 informantes	de 20 a 35 anos	2M/2F
G2: 4 informantes	de 36 a 50 anos	2M/2F
G3: 4 informantes	acima de 51 anos	2M/2F

(Fonte: Nossa autoria)

Para compor o *corpus*, de acordo a metodologia sociolinguística, foi necessário realizar uma entrevista¹⁹ para acrescentar ao banco de dados do Fala Goiana. Tal fato se deu porque o número de representantes do perfil homem de terceira faixa etária estava incompleto.

A entrevista foi gravada com base nos pressupostos labovianos. Para que o entrevistado se sentisse mais confortável durante o processo, ele foi abordado previamente e informado acerca dos procedimentos para a entrevista. Além disso, foi assegurado ao participante que sua identidade seria resguardada e que, a qualquer momento, o participante poderia solicitar que sua fala fosse retirada da amostra.

¹⁹ As entrevistas do Fala Goiana, em sua maioria, foram realizadas há quinze anos, por isso escolhemos um entrevistado de 75 anos, que, há, 15 anos, já integrava a terceira faixa etária.

O informante foi entrevistado na sala de sua casa, no horário estabelecido por ele. Antes de começarmos a gravar, conversamos brevemente sobre a vida do falante, para que pudéssemos preencher ficha de identificação do informante. Após, aproximadamente 30 minutos de diálogo, começamos a gravação, cuja temática girou em torno da vida do participante, sua rotina na Cidade de Goiás e suas conquistas. A entrevista teve duração de 40 minutos e foi transcrita, posteriormente, com base nos critérios adotados pelo projeto Fala Goiana.

É válido ressaltar que utilizamos as variáveis sociais apenas para constituição do *corpus*. Não realizamos o cruzamos dos usos mais frequentes com as variáveis sociais.

Depois de selecionadas as entrevistas, recorreremos às teorias de Givón (2002) para que pudéssemos, a partir de seu modelo de categorização de protótipos, elaborar as categorias nas quais as ocorrências com o verbo *tomar* podem ser enquadradas. Recorreremos também às teorias de Goldberg (1995; 2006), acerca do perfilamento dos papéis semântico dos argumentos e da estrutura argumental para que, ao analisarmos os traços semânticos semelhantes das ocorrências, fosse possível elaborar a forma de superfície das categorias estabelecidas.

Para avaliar a semântica dos diferentes usos e de sua origem, utilizamos dicionários etimológicos (VASCONCELOS, 1901; NASCENTES, 1995) e o Dicionário de verbos do Português Medieval (XAVIER, VICENTE, CRISPIM, 1999). Fazemos uso de dados históricos apenas para averiguar se o verbo *tomar* é multifuncional desde seus primeiros usos. Esta pesquisa é de caráter sincrônico e não busca comparação com dados históricos, a não ser para observar se o enquadramento do verbo em análise já era possível nos séculos passados.

Após analisar os usos do verbo *tomar*, sua semântica e sua estrutura argumental, elaboramos uma rede esquemática, partindo da rede conceitual e da rede esquemática de Traugott e Trousdale (2013), em que é possível observar a gradiência de relações hierárquicas entre as construções, desde os *tokens*, usos reais, até as estruturas de superfície.

Tendo feito essas considerações, a próxima seção retrata a metodologia da pesquisa sociolinguística e alguns de seus postulados teóricos, a fim de

esclarecer alguns pontos sobre a metodologia adotada para este trabalho e, principalmente, para definirmos o caráter metodológico deste estudo.

3.3 A metodologia de coleta de dados sociolinguística

Tavares e Görski (2015) definem que as pesquisas que se intitulam sociofuncionais são alicerçadas no diálogo entre as duas teorias, o Funcionalismo norte-americano, ou mais recentemente conhecido como Linguística Funcional Centrado no Uso, e a Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), ou Sociolinguística Laboviana. Da primeira, se aproveita o quadro teórico-metodológico e da segunda, as considerações de uma língua que esteja à serviço do processo comunicativo e, dessa forma, as variações podem ser consideradas como reflexo do uso.

No entanto, a junção dessas duas vertentes não significa que serão adotados pressupostos de uma e da outra. De fato, o que realmente ocorre é um diálogo entre as duas teorias e, desse diálogo, surge uma nova possibilidade de olhar o mesmo fenômeno por diferentes prismas, que se complementam.

Vieira (2016) salienta que o Funcionalismo vê na frequência de uso uma peça essencial do paradigma de manutenção da língua, sendo ela, inclusive, fenômeno altamente associado com os processos de analogia. É a frequência que determina a forma base para desencadear um processo analógico, pois quanto mais frequente um item, mais facilmente ele será acessado; para a Sociolinguística Variacionista, a frequência é um dos fatores pelos quais pode-se medir, estaticamente, a implementação de uma variação linguística, sendo que, quanto mais frequente é uma variante, mais implementada no sistema ela está.

É importante salientar, como fazem Bagno e Casseb-Galvão (2017), que a interface sociolinguística não se resume apenas a uma metodologia de pesquisa quantitativa que está a serviço para pesquisas de outras correntes teóricas como o funcionalismo e o gerativismo, muito pelo contrário, a sociolinguística constitui-se um modelo de análise linguística de caráter rigoroso de averiguação de dados, que considera que a língua não vive fora de seus usuários e, por isso mesmo, a língua não muda abruptamente.

Se a Sociolinguística Variacionista em si não pode ser considerada como uma simples metodologia de verificação de dados e é dela que derivam os pressupostos constituintes do Sociofuncionalismo, é possível inferir que não seja somente essa parte metodológica a que foi incorporada nessa nova vertente teórica.

A Sociolinguística Variacionista contribuiu em diversos aspectos para as pesquisas funcionalistas, um deles, segundo May (2009), leva em consideração que as mudanças linguísticas são provenientes de mais fatores do que a pressão da organização interna da língua, questões sociais e estilísticas também influem nessas mudanças. Meyerhoff (2006) mostra ainda que as variações podem ser influenciadas também pelo gênero dos falantes, pelas suas redes sociais, pelo contato com outras línguas e, até mesmo, por estratégias de polidez. Sendo assim, todas as experiências linguísticas e o contato dos falantes com o meio têm potencial para afetar a língua.

Sendo assim, como mostra Vieira (2016, p.88-89), com base nos estudos de Tavares e Görski (2015), os estudos

feitos em uma perspectiva sociofuncionalista costumam seguir passos de análise que podem ser, grosso modo, assim sintetizados: (i) identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional; (ii) operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que desempenhem uma mesma função dentro de um domínio funcional; (iii) testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas; (iv) detalhamento de cada grupo de fatores buscando captar mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações; (v) interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício de: (a) perda de espaço de uma das variantes, (b) generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (c) especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio).

A estudiosa ainda ressalta que uma abordagem sociofuncionalista permite um olhar sobre variação linguística mais refinado, pois há um grande rigor na análise do controle dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam a variação.

Após considerar o trabalho e a contribuição do Sociofuncionalismo, cabe-nos dizer que o desenvolvimento desta pesquisa não se enquadra em uma vertente sociofuncional. Ao desenvolvermos este trabalho, analisamos o nosso objeto com algumas contribuições da sociolinguística, sobretudo sobre os pressupostos de Labov (1972, 1974) para a constituição do *corpus*, mas não nos atemos aos fatores sociais que podem influenciar a elaboração do falar dos usuários.

Mesmo utilizando esses pressupostos, o trabalho não pode ser enquadrado como sociofuncional por não se tratar de uma pesquisa que aborde o epicentro do objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista, ou seja, não verificamos duas formas de dizer a mesma coisa, duas variantes com o mesmo valor de verdade.

Para a Sociolinguística Variacionista, segundo Labov (1972, 1974), só é possível analisar a língua a partir do seu contexto sociocultural, pois os fatores externos à língua, e não só os internos, podem alterar o percurso da língua.

Segundo Lucchesi (2005, p.66),

esse modelo visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

Sendo assim, conforme o ser tem novas experiências, novos contextos surgem e isso reflete como o indivíduo lida com a língua, por conseguinte, não é estranho que duas formas com mesmo valor semântico ou com mesma função, como mostra Vieira (2016), surjam, a essas duas formas que tendem a competir, damos o nome de variantes.

As variantes costumam coexistir durante um tempo e, devido a diversos fatores, a frequência inclusive, uma delas passa a ter mais prestígio suplantando a outra, que pode ou assumir um outro valor semântico/funcional ou cair em desuso.

Nossa pesquisa analisa a versatilidade do verbo *tomar* na fala e na escrita de cidadãos vilaboenses: o que temos é uma mesma forma utilizada de diferentes maneiras que não competem uma com a outra, não possuem o mesmo valor semântico e nem o mesmo valor funcional. Também não avaliamos o peso relativo do uso e o caráter quantitativo é utilizado apenas para a composição do *corpus*.

Sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso verificamos quais fatores cognitivos e linguísticos propiciaram que o verbo viesse a ser tão versátil; da Sociolinguística, nos aproveitamos apenas de sua metodologia rigorosa da coleta e da sistematização dos dados.

O capítulo seguinte discute a origem do verbo *tomar* e sua multifuncionalidade, com ênfase em sua categorização em *pleno*, *estendido*, *suporte* e *como parte de uma expressão cristalizada*, bem como a formulação de uma rede esquemática para seus usos. Também são discutidos a transitividade, a valência verbal, a estrutura argumental e o perfilamento dos papéis semânticos.

Capítulo 4

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem o intuito de apresentar as ocorrências do verbo *tomar* nos doze inquéritos do projeto *Fala Goiana*. Na análise das ocorrências, fazemos alguns apontamentos acerca da origem do verbo *tomar* e da sua possível classificação em quatro diferentes categorias: pleno, estendido, suporte e como *parte de uma expressão cristalizada*. Em seguida, apresentamos alguns usos inusitados que requerem um olhar mais atencioso para que possamos fazer uma categorização que seja apropriada ao uso. Depois, propomos, seguindo os pressupostos apresentados nos capítulos 1 e 2, uma rede construcional para o verbo *tomar*. Por fim, apresentamos algumas considerações a respeito das ocorrências encontradas.

4.1 O verbo *tomar* pleno

Vasconcellos (1901, p. 165) considera as seguintes acepções para *tomar*:

Tomar, v. tr. (sax. tōmian). Pegar, segurar, sustentar, agarrar. Apprehender, capturar: A guarda fiscal conseguiu *tomar* esta noite três almudes de álcool que alguns contrabandistas tentavam subtrair aos direitos. Adoptar, aceitar; receber. Colher, apanhar, etc. Beber. Dirigir-se, seguir por.

É possível notar que, em todas essas definições, existe um traço semântico de aproximação de um referente a qual o corpo é ponto central da aproximação e de requerer a posse de algo ou apropriar-se dele. Essa noção já era encontrada nos dados apresentado no dicionário do DVPM²⁰ (1999) nos séculos XII e XIII:

²⁰ Como o Dicionário de verbos do Português Medieval, organizado por M.F. Xavier; G. Vicente e M.L. Crispim, em 1999, encontra-se disponível para consulta online, não é possível creditar-lhe as páginas.

2 tomar, receber, apropriar-se: alguém toma alg de/a alguém. [- SN SP] sub(re)dicta; esto he mesmo de qual quer que **toma** algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestytujr a seus herdeyros, e sse cõ outra entẽçon o **tomar** peca mortalmẽte; duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese ./ nom curaram de lhe **tomar** nada E asy o mandaram com tudo

Como essa é a característica principal do verbo *tomar*, ao que parece, um traço semântico compartilhado por todos os usos, de aproximação do corpo, consideraremos que esse seja seu uso básico, além de contar com a independência do verbo em relação aos sintagmas nominais que o complementam. Sob essa perspectiva, a construção tem as características [-esquemático], [+composicional] e o verbo é autônomo. Aqui, adota-se a acepção de *apropriar-se de algo* como o sentido pleno do verbo.

Foi possível, no *corpus* analisado, encontrar a seguinte acepção do verbo *tomar* como verbo pleno:

Quadro 4: *Tomar* como verbo pleno

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR					
	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
Pleno	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Objeto possuído]	de	SN [Possuidor]	Apropriar-se
Ocorrência	aí minha prima falô “precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não”... falei “num vai memo”... (Fala Goiana, Feminino, 28 anos, grifo nosso)					

(Fonte: Nossa autoria)

Notamos que a valência do uso pleno do verbo é alta, podendo chegar à valência 3. A estrutura de superfície que o verbo exige para descrever um evento de mundo completo requer três argumentos, um com função sintática de sujeito e dois com função sintática de objeto. O papel semântico perfilado pelo sujeito é sempre de apropriador, já os papéis perfilados pelos objetos são os de objeto

possuído e de possuidor. Como pleno, o verbo também exige a preposição *de* para se ligar ao SN₁.

4.2 O verbo *tomar* estendido

O verbo estendido assume uma acepção diferente daquela apresentada em sua forma plena, mas conserva pelo menos um traço semântico do verbo pleno. Além disso, para que tenhamos uma acepção diferente, é necessário que o verbo seja utilizado junto a um sintagma nominal pertencente a um grupo específico, como ocorre em:

(19) mais passô:::... cabô o susto... **tomei uma água** ((risos)) (Feminino, 28 anos, grifo nosso),

(20) falei irmã Regina eu num guento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha [...] **toma remédio** pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da ora de durmi... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

e

(21) e eu fui lá tremeno de medo corri fui lá no João Francisco falei papai mamãe tá chamano pa í amoçá ele falô peraí só um poquim... aí tá ele **tomô seu último gole** dele lá i eu vim tremeno... aí chegô lá meu irmão falô papai Mazim furô a minha bola... (Masculino, 33 anos, grifo nosso)

Nos excertos acima, o verbo assume uma acepção diferente da forma plena. Ao ser utilizado junto a SN que normalmente é alvo de ingestão por parte do agente, o verbo adquire o valor de ingerir. É importante salientar que, mesmo que troquemos o objeto do verbo por outro de mesmo campo semântico, ou campo semântico similar, o verbo não sofre alteração semântica.

Contudo, é possível que ele volte a apresentar seu sentido pleno, dependendo do contexto no qual ele é utilizado, como, por exemplo, em: *João tomou o remédio da Maria*. Nesse exemplo, como o verbo pode assumir duas diferentes acepções, o de requerer posse ou de ingerir, o sentido geral passa a ser ambíguo, uma vez que não sabemos se João apropriou-se do remédio de Maria ou ingeriu um remédio que era de Maria.

Nos nossos dados, encontramos as seguintes ocorrências para o verbo estendido com maior frequência:

Quadro 5 – Tomar como verbo estendido

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR					
	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
Estendido	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Objeto ingerido]	de	SN [fonte]	Ingerir
Ocorrência	eu fui um caboco assim, antes d'eu casá, i depois qui eu casei, eu nunca sentei, numa mesa assim pá participar duma bebida, nunca, nunca sentei num bar assim, pá tomar uma cerveja , pareci que eu tenho vergonha, sabe (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	tinha dia qu/eu vomitava tanto... mais tanto... qu/eu pensava qu/eu ia morrê... i::: tomano remédio... tomano remédio... juntano só remédio casero né... qu/eu tomava... qu/eu num gos... num sô muito chegada de i em hospital... (Fala Goiana, Feminino, 28 anos, grifo nosso)					
Estendido	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Sentimento]	De/Em	SN [Fonte]	Passar a sentir
Ocorrência	socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né? aí depois disso ele tomo medo... ele ficô com medo... a gente ficô com medo foi lá na () isso aqui num é pra nós não... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	Eu gostava do meus ex-noivo, mais depois ele passou a bebe chega lá em casa bebo. Aí eu peguei e tomei raiva dele. Eu cabei mais o casamento foi por isso. (Fala Goiana, Feminino, 43 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	É num aceitava... ele já tomô confiança em mim... ele já viu que podia confiá e aquilo ali num esqueno de trazê sempre o pensamento firme em... em Deus... Fala Goiana, Masculino, 30 anos, grifo nosso)					

	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
Estendido	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Tipo de pancada]	de	SN [Golpeador]	Agredir fisicamente
Ocorrência	não... do meu pai eu nunca tomei um tapa... Doc.: - Não... ? Inf.: - Não... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	e eu gostava demais de istilingui... mais cum esse istilingui memo eu tomei uma taca... mais foi daques boa... (Fala Goiana, Masculino, 36 anos)					

(Fonte: Nossa autoria)

É possível perceber que apesar de terem uma estrutura de superfície semelhante, os papéis perfilados pelos argumentos são diferentes, o sujeito, por exemplo, deixou de designar um *apropriador* para designar um *experienciador*, *ingeridor*, sem contar que há a possibilidade de o uso ter valência dois, havendo a possibilidade de a realização de um terceiro argumento não ocorrer, como aconteceu em *tomei uma taca* e *tomar uma cerveja*. Essas características peculiares fazem com que não seja possível incluir essas ocorrências na mesma categoria do verbo pleno.

4.3 O verbo *tomar* suporte

Diferentemente do verbo estendido, que pode se relacionar a diferentes classes semânticas de SN tendo uma acepção comum para o grupo de SN específico, os verbos suportes estão fortemente entrincheirados com seus complementos, o que torna impossível considerar os dois elementos isoladamente, já que não há um grupo específico de SN que codificará uma acepção comum a eles. No caso do suporte, o verbo assume uma acepção específica por SN. Ao trocar o SN que completa o sentido do verbo, a acepção do verbo é alterada.

Além da relação de dependência entre o verbo e o sintagma nominal, outra característica dos verbos suportes é que eles podem ser substituídos por um verbo pleno que tenha um valor semântico semelhante, como pode ser

observado no excerto abaixo, no qual *toma grade cuydado* poderia ser substituído por *cuidar*:

E porê sandeu he o homẽ pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma grande cuydado** de auer morada sollepne cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamêtos notauees. (DVPM, 1999, grifo nosso)

Encontramos os seguintes usos para o verbo tomar suporte:

Quadro 6 – Tomar como verbo suporte

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR					
	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		
Suporte	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Decidir-se		
Ocorrência	nem ia na igreja... num ia mais meu esposo aí eu resolvi tomei uma decisão i passei pra igreja de Cristo hoje graças a Deus eu sô crente não arrependo de sê crente gosto muito... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	de	SN [paciente]	Cuidar
Ocorrência	ela ficava muito internada no hospital direto... direto internada e aqui ficava tomando conta de mim dava banho ni mim ela falava qu/ele pentiava meu cabelo né? (Fala Goiana, Feminino, 33 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		
	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Precaver-se		
Ocorrência	a irmã entregô uma profecia pra mim... qu/era pra mim tomá muito cuidado ... que ia contencê um acidente comigo... aí eu num sei... se eu fiquei preocupada com isso... (Fala Goiana, Feminino, 48 anos)					

Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Ventilar-se, arrefecer-se
Ocorrência	um existe isso mais uai... se menino ficá na frente de hospital... sai cum ele doido no carro aí tomano vente caiqué maneira... e antigamente num podia... quando nós desceu... minha mãe desceu de resguardo... de mim... eu vim muito bem empacotada... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos)			
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Banhar-se
Ocorrência	corrê atrás da criação, cunversá com os irmão, mandano minino tomá banho ... mandano minino pintiá cabelo... meu sogro viu aquilo... e chegô na casa dele falô assim... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)			
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido
	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Emancipar-se, libertar-se
Ocorrência	eu paguei bem antes do prazo... e terminei de pagá o quichute e aí eu fui tomano uma independência já trabalhava... já ganhava um dinhêro aí comecei a trabalhá pr/outro... (Fala Goiana, Masculino, 30 anos)			

(Fonte: Nossa autoria)

Percebemos, a partir das ocorrências acima, que a forma de superfície do verbo *tomar* como sendo suporte já possui algumas diferenças quando relacionada aos usos como verbo pleno e verbo estendido. Como verbo suporte, a valência verbal, em sua maioria, é 1. Há a presença de apenas um argumento, sendo que, como o SN₂ funciona como parte integrante do verbo, ele não será considerado como argumento; a função do SN₁ em posição de sujeito é desempenha o papel de agente e de experienciador, enquanto o SN₂ que completa o sentido do verbo passa a ter a função de centro da predicação, tanto que a perífrase *tomar+SN* pode ser substituída por um verbo pleno relacionado ao SN₂.

Conforme já salientamos, diferentemente dos verbos estendidos, que possuem um grupo de SNs que compartilham entre si uma relação semântica passível de ser associada com a acepção do verbo, caso do grupo SN_{ingeríveis}, que acionam o sentido de *ingerir*, quando retratamos os verbos suportes, não há um grupo de SN que acionam uma acepção comum para o verbo *tomar*. Dessa forma, cada uma das ocorrências deve ser considerada como uma construção singular, mesmo compartilhando algumas características semelhantes.

É interessante notar que boa parte dos verbos plenos que substituem as perífrases com o verbo *tomar* tem a característica de serem utilizados com o verbo reflexivo. Essa discussão será retomada nas considerações finais.

4.4 O verbo *tomar* em expressões cristalizadas

Os verbos que constituem expressões cristalizadas são vistos como um bloco significativo. Assim, não há a possibilidade de desassociar os SNs que compõem a expressão e não há possibilidade de substituir a expressão por um outro verbo de mesmo valor semântico.

Os verbos em expressões cristalizadas são altamente composicionais e não podemos trocar o seu complemento sem prejuízo de significação. O excerto a seguir é um exemplo prototípico de verbo em expressão cristalizada:

Quadro 7 – Tomar como verbo parte de expressão cristalizada

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR				
	V	Locativo	V	Locativo	Sentido
Cristalizada	<i>Tomar</i>	Lá	<i>Dar</i>	cá	Retribuir ação
Ocorrência	Muita briga feia de homem ensopara de sangue a areia daquelas ruas descalçadas. Por nada, ninharia, toma lá dá cá , eram tiros, facadas, pancadaria. A impunidade era a lei vigente da terra. (Cora Coralina, 2012, p.94, grifo nosso)				

(Fonte: Nossa autoria)

Nessa construção, a forma de superfície é diferente das demais, inclusive, ela é a única que exige locativo e verbo. Não há a presença de SN em função de sujeito ou de objeto, dessa maneira, não há o perfilamento dos papéis semânticos desses argumentos. O entrincheiramento entre os componentes é tão forte, que isso faz com que não seja possível trocar nenhum dos elementos que compõem a construção.

Conforme apresentamos nesta seção, o verbo *tomar* é empregado com diferentes valores semânticos, mas nunca o esvaziamento ocorre de forma completa. Todos os desdobramentos que o verbo assume carregam em si o traço semântico de aproximação corporal, como pode ser observado nas ocorrências abaixo:

(22) mas prima minha nós já brigô muito assim de brincaderinha mesmo de ficá de mal... de **tomá um boneco** uma dá otra já teve muito esses tipo de briga de escola não... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)

(23) aqui pro carretão... aí que eu criei as fiarada... sete fio eu criei aqui no carretão... tudo na roça... nunca cunheceu médico... nunca nunca nunca nunca nunca... **tomei um comprimido**... pra gravidez nem parto nem nada de médico... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)

(24) i lá pro fundo da carioca onde é o carioca né? que antigamente num era carioca ia pra lá... ia lá **toma baim** as veis quase morri lá tamém qua/do desse negoço... minha mãe tamém quase mim matô de taca tamém por causa disso (Fala Goiana, Masculino, 36 anos, grifo nosso)

A ocorrência (22) apresenta um verbo pleno com o sentido de apropriar-se e denota a transferência de posse. Dessa forma, temos: Arg1_{agente} + V + Ag2_{SN possuído} + Prep. *de* + Ag3_{SN possuidor}, o objeto possuído é aproximado do corpo do referente Arg1.

A ocorrência (23) apresenta um verbo estendido. Embora não expresse a transferência de posse de um objeto, existe o resíduo do traço de aproximação do corpo, com a estrutura de superfície Arg1_{agente} + V + Ag2_{obj ingerível}, que representa o ato de aproximar o objeto ingerível do agente; inclusive, é no corpo do agente que a ação acontece.

A ocorrência (24) apresenta um verbo suporte, com a forma de superfície $\text{Arg1}_{\text{agente}} + [\text{V} + \text{SN}_{\text{banho}}]$. O evento descrito também mantém o traço de aproximação corporal, sendo que a ação acontece no corpo do agente, tanto é que o verbo pleno que substitui a perífrase *tomar banho* é utilizado em sua forma reflexiva, *banhar-se*.

Na expressão cristalizada *toma lá, dá cá*, é possível dizer que a ação infere sobre diferentes corpos. Como o sentido da construção é a de reciprocidade, o evento codifica uma ação que acontece fora do agente, mas volta para ele. O traço semântico dessa construção é mais opaco, mas a presença dos locativos permite perceber o movimento de aproximação e de afastamento que a construção codifica.

A pesquisa de Silva (2012) pode justificar esse traço de aproximação do corpo na formação de construções com o verbo *tomar*. O autor defende que o corpo provê substância para várias construções linguísticas. A formação de diversas metáforas, por exemplo, contém parte do corpo como um de seus componentes, como acontece em: *colocar a boca no trombone, o pé da mesa está quebrado; a boca do fogão está entupida*. No caso do verbo *tomar*, parece haver esse traço semântico que une os diferentes usos, mesmo em categorias diferentes e com graus diferentes de transparência.

Essa premissa indica que há alguma ligação entre todos esses usos e que é possível formar uma rede, segundo a proposta construcionista, que ilustre os usos de *tomar*, como feito na seção 4.3. Na próxima seção, apresentamos alguns usos que merecem destaque.

4.5 Usos não previsíveis do verbo *tomar*

Durante a análise das ocorrências selecionadas, foram encontrados dois usos que merecem ressalva. O primeiro encontra-se no quadro 8 e é referente a à categoria pleno:

Quadro 8: Usos não previsíveis de *tomar* como verbo pleno

	Forma e sentido dos complementos de TOMAR
--	---

Usos do tomar	SN	V	SN	Prep	V	Sentido
Pleno	SN [Apropriador]	<i>Tomar</i>	SN [Objeto possuído][empregado anaforicamente]	para	beber	Apropriar-se
Ocorrência	<p>Isso... some tudim... igual rumá feijão () fica só o feijão... era isso que nós fazia... e otra coisa interessante tamém conteceu na minha infância qu/eu corria légua e légua pra abri portera... assim que começo o carretero... aí es dava um dinheiro... acha que era um... cruzero... ô um sei lá o que...</p> <p>Doc. () era cruzero mesmo</p> <p>Inf. Acho qu/era cruzero... aí es dava... í meu pai tomava [o dinheiro] pra bebê pinga... aí nosso Deus... mais é... foi legal</p> <p>Doc. Cê abria a portera?</p> <p>Inf. É... fe... abria e fechava... qu/es num des... pra es num descê... e quase () sei qu/era dinheiro... agora... acho qu/era pôco...() pergutava moço quanto que vale esse dinheiro né? não::: dô pro meu pai... mais pai é confiança da gente né? (Fala Goiana, Feminino, 48 anos, grifo nosso)</p>					

(Fonte: Nossa autoria)

A princípio, ao analisar a ocorrência, poderíamos dizer que o verbo foi empregado como um verbo auxiliar, principalmente pelo uso da sequência estrutural *verbo+preposição+verbo infinitivo*. No entanto, ao considerarmos o contexto que propiciou esse uso, é possível perceber a presença de um objeto nulo na sequência argumentativa. O assunto que permeia o diálogo é dinheiro, mais especificamente, cruzeiro, dinheiro que era ganho pelo entrevistado e que o pai *tomava* dele para que pudesse beber. Nesse contexto temos *verbo+objeto nulo+preposição+verbo infinitivo*, sendo que a preposição indica a finalidade da ação de requerer posse e o argumento do verbo *tomar* pode ser recuperado anaforicamente no contexto, cruzeiro.

A ocorrência no quadro 8 reforça a ideia de que é preciso considerar todo o contexto de uso do verbo para avaliar em qual categoria ele pode se encaixar. Também é necessário salientar que nem sempre as categorias são bem

definidas. A distinção entre uma e outra é discreta, como pode ser observado na ocorrência no quadro 9.

Quadro 9 – Usos não previsíveis de *tomar como* verbo suporte

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR			
	SN	V	SN	Sentido
Suporte	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Decidir-se
Ocorrência	É...porque eu tomei um passo viu?... um passo grande porque:: É... porque sem Deus nós num somos ninguém mesmo né?... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)			

(Fonte: Nossa autoria)

Na ocorrência acima, temos uma estrutura típica de verbo *suporte*. O SN que acompanha o verbo funciona como centro de predicação, *um passo*. É possível substituir o SN por outro sem que haja alteração da semântica da perífrase, *tomar um passo*, no contexto apresentado, poderia ser substituído por *tomar uma decisão*, que, por sua vez, pode ser substituída pelo verbo pleno *decidir-se*. Tal ocorrência foi classificada, portanto, como suporte.

Outro ponto peculiar a respeito dessa ocorrência é o forte entrenchamento dos elementos que compõem a construção *tomar um passo*. Diferentemente do verbo estendido, que permite a troca de SN com traços semânticos semelhantes, a construção *tomar um passo* não permite que isso ocorra. Nem mesmo o artigo indefinido pode ser alterado, embora possamos utilizar um qualificador, *um grande passo*, o artigo é mantido. Esse forte entrenchamento pode ser um indício de cristalização da construção.

Como mostra Givón (1989), é possível que, ao realizar a categorização por agrupamento de protótipo, um item possa ter traços de diferentes categorias. Sua categorização, no entanto, é realizada com base em um item prototípico da categoria com que mais compartilhe características. Tendo feitas essas afirmações, é possível afirmar que a construção *tomar um passo*, apesar de ter

traços de outras categorias, melhor se enquadra em *suporte*, com a qual compartilha, inclusive, a estrutura argumental.

Após nossas considerações a respeito da categorização do verbo *tomar*, na próxima seção, será proposta uma rede construcional para esse verbo com base nas categorias propostas e no traço semântico presente em seus usos.

4.6 A rede construcional do verbo *tomar*

Ressaltamos, na última seção, que um mesmo verbo pode descrever diferentes eventos de mundo e pode ser empregado com diferentes funções no enunciado, mas que, por um grau de semelhança de usos, é possível formular diferentes categorias para ele.

Aliado ao que já foi postulado sobre o processo de formar categorias, é interessante postular que, para Goldberg (2006), uma categoria é formada a partir da compilação de representações de uma expressão. De acordo com a semelhança entre as expressões, elas são compiladas juntas e, conforme o aprendiz recebe um *input*, ele tenta categorizá-lo junto a padrões já existentes.

Sob essa perspectiva, a autora define que, devido a uma codificação seletiva, o que realmente é gravado não é uma memória totalmente especificada do contato que o aprendiz teve com a expressão, mas sim uma abstração parcial sobre esse contato. Ela ainda aponta que o conhecimento dos seres humanos se deteriora ao longo do tempo. Por conta disso, as representações tendem a ser mais abstratas que estímulos reais recebidos, mas concretas o suficiente para serem acionadas durante o processo de reconhecimento do evento.

Goldberg (2006) reconhece que, a partir de duas expressões similares, já é possível abstrair localmente uma estrutura argumental e começar a formulação de algum tipo de generalização baseada nessa categorização.

A autora cita Anderson (1991) para mostrar que exemplares são agrupados em *clusters* (conjuntos). Cada *cluster* tem um padrão específico que determina que tipo de expressão pode ser enquadrada ali, um miniprotótipo. Esse miniprotótipo é acionado ao ter contato com uma nova expressão e determina se é possível adicionar a nova expressão em um *cluster* já existente, ou se é necessário criar um novo. Esse *cluster* tem um tamanho variável representado pela quantidade de expressões capturadas pelo aprendiz.

Pensando no verbo *tomar*, é possível formular quatro *clusters*:

- 1- Verbo pleno: é o único que, obrigatoriamente, requerer três argumentos, envolve a transferência de posse, pode ser combinado com diversos elementos, desde que o agente seja individuado, o paciente seja afetado e o objeto seja alvo de transferência de um paciente a um agente;
- 2- Verbo estendido: relacionado a um grupo específico de SNs com características semânticas semelhantes para assumir uma acepção comum a eles; por exemplo, geralmente, ao combiná-los com um sintagma que seja um sentimento-X, começa a significar *passar a sentir-X*;
- 3- Verbo suporte: não há um grupo específico de SNs que codifiquem um significado, as construções devem ser analisadas de forma individual, normalmente, a perífrase pode ser substituída por um verbo pleno de mesmo valor semântico do SN;
- 4- Expressão cristalizada: alta noção de composicionalidade; não pode ser substituído por outro verbo, não é possível trocar nenhum de seus componentes e representa uma forma singular de descrever aquele significado, sendo altamente idiomática.

Goldberg (2006) ressalta que a junção entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva torna possível considerar a combinação de abstrações e uma nova vertente para a concepção de língua, que se baseia no uso e nas necessidades comunicacionais de seus usuários. A Linguística Cognitiva reconhece que, enquanto o aprendiz registra uma grande quantidade de expressões individuais de uma categoria, também discerne relações significativas entre as expressões, o que torna possível a formulação de uma categoria e de uma generalização.

Conforme apresenta Goldberg (2006), o aprendizado de uma língua envolve as memórias que o indivíduo possui dos eventos dos quais participa; a gramática do indivíduo é parcialmente geral.

Esses *clusters* podem ser equiparados aos *nós* da rede apresentados por Traugott e Trousdale (2013), em particular, às microconstruções. A partir de uma

abstratização, ao considerar os *tokens*, os usos em si, formula-se um padrão esquemático para os usos do verbo *tomar*. Seguindo o postulado de Traugott e Trousdale (2013) a respeito da constituição de um esquema, sugere-se a seguinte rede para o verbo analisado:

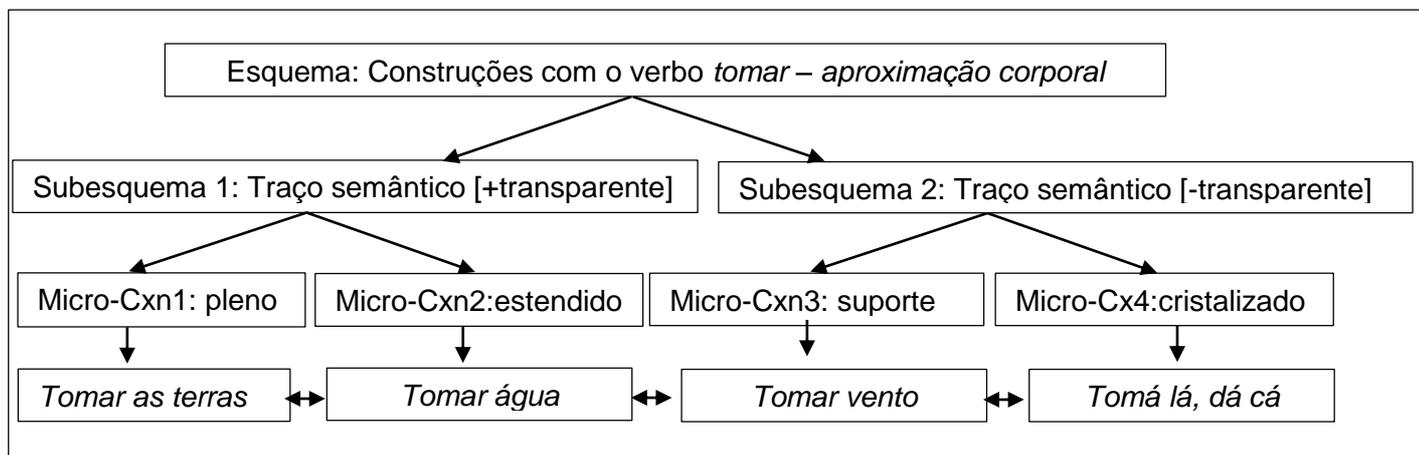


Figura 15– Rede construcional do verbo *tomar* (Fonte: Nossa autoria)

Percebemos que existe uma relação semântica de aproximação corporal que impera nas relações da representação de eventos com o verbo *tomar*. Apesar de ocorrer de forma [+transparente] e [-transparente], esse traço se mantém presente em todas as ocorrências analisadas, sendo que, quando a ação não ocorre no próprio corpo do agente, ela aproxima um SN a outro.

O traço semântico de *aproximação corporal* é claramente mais forte quando o verbo é empregado em seu sentido pleno. Ao ser utilizado com o sentido de requerer a posse de um objeto, a ação descrita aproxima o referente do SN com função de sujeito e o SN_{objeto possuído}. Esse mesmo traço se mantém forte nos verbos estendidos, principalmente quando o sentido que ele assume é o de *ingerir*.

O movimento que fazemos para iniciar o ato de ingerir algo já denota que aproximamos algo do nosso corpo; quando o sentido assumido pelo verbo é o de *passar a sentir* ou *agredir fisicamente*, o traço semântico começa a ficar desbotado, a ação não necessariamente aproxima algo do corpo, mas ocorre no próprio corpo. Quando há uma agressão física o tipo de agressão ocorre no corpo, quando surge um sentimento, sentimos seus efeitos no corpo.

Quando empregado como suporte, é possível determinar que o traço semântico é [-transparente], o que fica claro quando substituímos o verbo

suporte pelo pleno equivalente e nos deparamos com verbos empregados com um pronome reflexivo, como, por exemplo, em *tomar banho/banhar-se*, *tomar vento/ventilar-se*, *tomar cuidado/cuidar-se*. Nesses casos, o emprego do reflexivo pode ser um indício de que o verbo por si só não expressa a relação de aproximação corporal, traço estabelecido pelo pronome reflexivo. De qualquer maneira, mesmo que mais desbotado e dispendendo um maior esforço cognitivo, ainda é possível analisar o traço semântico de aproximação corporal nas construções formadas com o verbo *tomar* com função suporte.

Para que possamos acessar esse traço semântico na categoria verbo cristalizado, é necessário que analisemos toda a construção. Na expressão *toma lá, dá cá*, o verbo *tomar*, ao ser empregado juntamente com o locativo *lá*, indica o afastamento do corpo, mas, ao utilizar o verbo *dar* junto ao locativo *cá*, a ação volta para o corpo. Esse movimento de ir e vir é estabelecido mais fortemente pelos locativos, não pelos verbos empregados, o que torna o traço semântico no verbo [-transparente].

Apesar desse traço que une todos os usos do verbo *tomar*, existem peculiaridades o suficiente para enquadrá-los em categorias diferentes, seja pelo nível de esquematicidade e composicionalidade, seja pela transitividade e valência, ou pelo papel semântico perfilado por cada elemento das construções.

As setas de ponta dupla que ligam os *tokens* estão associadas à memória rica; usos que são frequentes tendem a motivar um padrão prototípico que seja utilizado para formar novas expressões. Nesse sentido, todas as vezes que existir a necessidade de descrever um evento no qual haja a noção de aproximação do corpo, existe a possibilidade de que o indivíduo descreva esse novo evento com o verbo *tomar*. Como exemplo, temos a expressão *tomar ranço* – trazer o ranço para próximo do referente, que, possivelmente, embora seja necessária uma pesquisa, foi formado a partir da analogia com as expressões do tipo: *tomar gosto* e *tomar ódio*.

Dessa forma, é possível dizer que todos os usos do verbo *tomar* encontrados no cópuz, por mais diferentes que sejam, fortalecem sua rede esquemática, sendo que a frequência faz com que ele seja ativado cognitivamente com mais frequência.

Esse processo pode ser reconhecido, como mostra Traugott (2015), como analogização, um mecanismo de mudança que surge de alinhamentos e de uma

correspondência entre forma e função que não existiam antes. Sendo assim, se tomarmos como base o verbo *pleno*, as outras instâncias, *estendido*, *suporte* e *expressão cristalizada*, são formadas a partir do processo de analogia instanciado pelo esquema construcional.

Isso ocorre porque o verbo pleno é aquele que tem o traço semântico de aproximação corporal mais saliente, mais transparente. Dessa forma, ao se deparar com um evento de mundo em que essa aproximação aconteça, é provável que o indivíduo utilize o verbo *pleno* como base para representar esse evento. Bybee (2003) mostra que quando diferentes componentes de mesma classe semântica começam a ser empregados como complementos de um verbo específico, isso viabiliza que outros complementos comecem a ser utilizados também, configurando novos usos em um processo de expansão.

Bybee (2010) cita caso similar de formação de novas construções com base semântica. É o caso da construção do espanhol *quedarse+adjetivo*. A autora cita Wilson (2009) para mostrar o desenvolvimento dessa expressão, que, inicialmente, resultava em *quedarse solo*, o equivalente a ser deixado sozinho, quando todos os outros se foram, ficar sem. Esse mesmo traço semântico é mantido, hoje, em outras construções com *quedarse* e a partícula *sin* que significa *sem*, como, por exemplo, em *quedarse sin heredero* (ficou sem herdeiro), *quedarse en pluma* (ficou sem caneta). Houve o aumento da frequência *token*, diferentes complementos do mesmo grupo passam a ser utilizados, a princípio, só adjetivos, com o tempo, outras classes são admitidas e outros usos são possibilitados, aumentando a frequência *type*.

Para analisar essa afirmação relacionada ao verbo *tomar*, precisamos averiguar quais são os usos mais recorrentes desse verbo, o que pode estar aumentando a frequência *token* e possibilitando o aumento de frequência *type*, como demonstrado na próxima seção.

4.7. Tabulação dos dados

Ao total, foram analisadas 77 ocorrências do verbo, como pode ser observado na tabela 1:

Tabela 1 – Distribuição do verbo *tomar* nas quatro categorias

Categorias	Ocorrências	%
Verbo estendido	41	53.25%
Verbo suporte	27	35.06%
Verbo pleno	9	11.69%
Expressão cristalizada	0	0.00%
Total	77	100.00%

(Fonte: Nossa autoria)

A partir dos dados da tabela 1, podemos notar que o maior número de ocorrências encontradas para o verbo *tomar* foi como *estendido*, resultando em mais de 50% das ocorrências; a categoria *suporte* teve uma representatividade intermediária, 35%, a categoria *pleno* ocupou quase 12% das ocorrências, enquanto a categoria verbo como parte de uma *expressão cristalizada* não teve nenhuma ocorrência.

De acordo com Ilari e Basso (2014), quando pensamos no uso prototípico do verbo como aquele que desencadeia todo o processo de analogia e que é frequente o suficiente na memória para que seja utilizado como base para a elaboração de novas estruturas, temos em mente a forma plena, com seu esquema construcional completo.

Entretanto, a categoria com maior representatividade nos dados desta pesquisa é a de verbo estendido. Uma possível justificativa para tal ocorrência é de que o contexto de uso de *tomar* como estendido é mais amplo. Nessa categoria, o verbo pode ser associado a diferentes grupos de SN e, a partir das características semânticas do grupo, codificar diferentes acepções. Outro fator que pode ter favorecido o uso da categoria estendido é o gênero *entrevista* com a temática *vida cotidiana*. Como existem diferentes eventos do dia a dia que envolvem o traço semântico de *proximidade corporal*, esses acontecimentos podem ser descritos com o verbo *tomar*, como, por exemplo, *ingerir* (tomar+SN_{ingerível}), *passar a sentir algo* (tomar+SN_{sentimento}) ou *sofrer violência física* (tomar+SN_{tipo de pancada}).

Situação similar ocorre com a categoria *suporte*. A perífrase *tomar+SN* pode ser utilizada no lugar de outros verbos plenos, o que faz dele um verbo “coringa”, como por exemplo, em *tomar decisão/decidir-se* ou *tomar*

banho/banhar-se.

O fato de a categoria verbo *suporte* ter representatividade nas amostras analisadas pode estar associado com o princípio da economia linguística, defendido por Bagno (2012). Em vez de utilizar as flexões verbais dos verbos plenos, é possível que o falante opte apenas pelas flexões do verbo suporte, o que reduz a quantidade de formas necessárias e, conseqüentemente, o esforço mental destinado a descrever o evento, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Conjugação dos verbos *decidir-se*, *banhar-se* e *tomar decisão* e *tomar banho*

Verbos	<i>decidir-se</i>	<i>banhar-se</i>	<i>tomar decisão</i>	<i>tomar banho</i>
Eu	me decidi	me banhei	Tomei decisão	Tomei banho
Você	se decidiu	se banhou	Tomou decisão	Tomou banho
Ele/ela	se decidiu	se banhou	Tomou decisão	Tomou banho
Nós	nos decidimos	nos banhamos	Tomamos decisão	Tomamos banho
Eles	se decidiram	se banharam	Tomaram a decisão	Tomaram banho

(Fonte: Nossa autoria)

Outro fator que pode ter impulsionado o uso do verbo nas categorias *suporte* é a desuso do pronome reflexivo, fenômeno que fica em evidência, principalmente, ao olhar para as ocorrências da perífrase *tomar banho*, que representam 11 dos casos de suporte, como pode ser observado na ocorrência a seguir:

(25)meu sogro... fazia muito fumo... então ele saía, punha os cargueiro de fumo... saía vendeno...nas fazenda... chegô lá em casa... e meu... meu pai esperô ele... ele entrô pra dentro e ele pono sintido... e minha madraستا era custurera... ela só invuivia cum a máquina dela... e quem **tomava conta** da cunzinha era ieu... e meu sogro ficô reparano aquilo... d’eu zelá da cunzinha, fazê cumida, pô na mesa, corrê atrás da criação, cunversa com os irmão, mandano minino **tomá banho**... mandano minino pintiá cabelo... meu sogro viu aquilo... e chegô na casa dele falô assim... “cê sabe que eu cunhici uma... uma minina... que eu desejava ela entrá na minha famía” (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)

Essa permuta pode ter acontecido pela queda do pronome reflexivo na fala goiana. Barros (2011;2016) defende que quando há a necessidade de elaborar um enunciado que, a princípio, seria estruturado com o pronome reflexivo, o falante é motivado a utilizar uma estrutura que permita que o pronome reflexivo não seja realizado.

Barros (2011; 2016) afirma que os brasileiros, de forma geral, não têm empregado o pronome reflexivo com verbos que o exigem. A autora relata que os falantes vêm criando estratégias para que o reflexivo não ocorra e que, inclusive, há uma reorganização do esquema de vozes do Português Brasileiro.

A autora assevera que o verbo *esconder*, por exemplo, é biargumental, ou seja, ele requer dois argumentos para descrever um evento de mundo, quem esconde e o que é escondido. *Ele escondeu a bola*, mas quando o indivíduo esconde a si mesmo, caso no qual ele deveria usar a marca pronominal reflexiva (*ele escondeu-se*), a reflexividade não é utilizada (*ele escondeu*). Essa nova forma de se expressar é chamada pela autora de VRNM (voz reflexiva sem a marca pronominal).

Em perspectiva similar, o verbo *banhar* aciona pelo menos dois argumentos dentro da estrutura argumental. Para descrever um evento de mundo completo, o verbo exige aquele que executa a ação, o agente, aquele que é beneficiado pela ação, o paciente/beneficiário. Normalmente, essa é uma ação na qual o agente e o beneficiário são a mesma pessoa. Dessa forma, a tradição gramatical exige que utilizemos um pronome reflexivo, como em *eu banhei-me*, *ele banhou-se*, mas, seguindo a perspectiva de Barros (2016), teríamos a forma *eu banhei*.

No entanto, quando o beneficiário da ação não é o agente, é comum o emprego da perífrase *dar banho*, como pode ser observado no excerto abaixo:

- (26)ela era muito doente foi meu irmão que cabô assim de mim criá que ela ficava muito internada no hospital direto... direto internada e aqui ficava tomando conta de mim **dava banho** ni mim ela falava qu/ele pentiava meu cabelo né? ele qu/era meu pai ela falava qu/ele era meu pai qu/eu tem que tê muito amor por ele e respeitá ele muito porque foi ele que acabô de mim criá (Fala Goiana, 33 anos, grifo nosso)

Motivado pelo emprego de uma perífrase e pela não realização do pronome reflexivo, o falante emprega a perífrase *tomar banho*. Além disso, esse processo analógico, que tem como base outros processos, acompanha o princípio da economia linguística (Bagnó, 2102), uma vez que há a redução das formas no quadro das flexões, sendo que o verbo *tomar* pode ser utilizado, quando em perífrase, no lugar de diversos outros verbos.

É preciso salientar o próprio traço semântico de que a ação ocorre no corpo, mantida pelo verbo *tomar*. Quando utilizado em uma perífrase, mostra um certo grau de reflexividade, de que a ação volta para aquele que a executa, o que torna *tomar banho* um bom substituto para *banhar-se*.

Essas afirmações fazem-se ainda mais procedentes a partir do momento que concebemos que a língua seja organizada em forma de rede. Conforme mostra Ferrari (2011), diferentes partes do cérebro são utilizadas quando conceptualizamos eventos de mundo, exatamente as mesmas acionadas quando precisamos descrever um evento.

Logo, é por acreditar que a mente é holística e que trabalha com vários processos ao mesmo tempo que podemos dizer que ela opera em rede e, uma vez estabelecida essa premissa, percebemos que vários fatores podem ter contribuído para a alta frequência de uso da categoria *verbo suporte*.

No caso de *tomar banho*, é possível que o uso tenha sido impulsionado pela queda do pronome reflexivo na fala goiana e pela busca por alternativas linguísticas que não requeiram a marca pronominal, pelo existente uso de outra perífrase, *dar banho*, e, também, pelo princípio da economia linguística.

Já as categorias *pleno* e *parte de uma expressão cristalizada* apresentam um contexto de uso mais restrito, com acepção menos variável, o que pode, até certo ponto, justificar uma quantidade menor de ocorrências para essas duas categorias.

Como é provável que o verbo *tomar* seja utilizado de diferentes formas desde sua entrada na língua portuguesa e, como *verbo suporte*, tem um vasto contexto de usos, é mais provável que seja a forma menos gramaticalizada aquela utilizada como base para novas formulações linguísticas.

Assim, podemos perceber que os usos de *tomar* com funções mais gramaticais e que se encontram no meio do *continuum* de gramaticalização são as mais empregadas pela comunidade vilaboense. Algumas considerações a

respeito desses resultados, bem como encaminhamentos para esta e outras pesquisas, serão feitos na próxima seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho é o de averiguar as categorias formadas a partir do uso do verbo *tomar* em contextos específicos. Outro objetivo era propor uma rede construcional para esse verbo. Além disso, esta pesquisa pretendeu investigar os fenômenos linguísticos e cognitivos que podem estar envolvidos na sua multifuncionalidade.

A hipótese inicial era de que o verbo poderia estar passando por um processo de gramaticalização, como aponta o estudo de Jesus (2014), que analisa as ocorrências do verbo *tomar* de forma diacrônica para justificar que o verbo, com o passar do tempo, adquiriu funções mais gramaticais. No entanto, o que pudemos perceber, com o auxílio do Dicionário de verbos do Português Medieval, foi que, se o verbo passou por gramaticalização, esse processo aconteceu previamente à sua implementação na língua portuguesa, uma vez que há ocorrências das quatro categorias propostas desde o século XII.

Outra hipótese referente à expansão da multifuncionalidade do verbo *tomar* está relacionada ao traço semântico que se mantém em todas as categorias, de aproximação corporal, e a outros fenômenos linguísticos e cognitivos que contribuem para a manutenção da rede do verbo estudado.

Pelos dados apresentados na seção anterior, é possível perceber que as categorias *suporte* e *estendido*, com funções mais gramaticais, são as mais utilizadas. A partir da análise da amostra de fala vilaboense, constatou-se que a categoria *estendido* é a mais utilizada. As diferentes acepções semânticas do grupo SN junto ao qual é utilizado possibilitam que o verbo *estendido* tenha uma gama de usos amplificada. Portanto, pode ser utilizado em diferentes contextos e, por isso, tem uma grande probabilidade de ocorrer.

Outra constatação é a de que as categorias nas quais o verbo *tomar* foi classificado estão ligadas em uma rede esquemática de construções. Assim, quando um dos *tokens* é utilizado, toda a rede é acionada (BYBEE, 2010). Além disso, conforme demonstramos na elaboração de uma rede para o verbo *tomar*, o traço semântico de proximidade corporal não é apagado completamente nas categorias *suporte*, *estendido* e *expressão cristalizada*. Desse modo, é possível dizer que quando uma ação que represente essa aproximação corporal é descrita, a rede é acionada como um todo.

Outro fator que corrobora o acionamento da rede é sua manutenção e a maneira como a frequência do uso de um *token* impulsiona o uso de outros *tokens* semelhantes e fortalece o item na memória. Como mostra Bybee (2015), quanto mais um item é utilizado, mais difícil é para que ele seja erradicado da língua e mais fácil para que se torne a base de criação para novas estruturas linguísticas. Dessa forma, como as categorias mais gramaticais são mais facilmente acionadas, parecem ser elas as responsáveis por não só alimentar como também fortalecer a rede esquemática do verbo *tomar*, garantindo a permanência do verbo com toda sua multifuncionalidade.

Ações básicas são facilmente acionadas no nosso sistema cognitivo, principalmente por serem de alta frequência. Por representar uma necessidade cognitiva básica, *adquirir posse*, e por ser recorrente, há a possibilidade de que o verbo *tomar* tenha se tornado multifuncional. Portanto, é provável que, ao ter a necessidade de descrever um evento no qual haja a intenção de se obter algo, o indivíduo empregue o verbo *tomar*.

Em suma, o verbo *tomar* tem uma rede esquemática diversificada e expansiva e seus usos estão, principalmente, associados à *memória rica* e ao processo de *analogia*; quanto aos fenômenos linguísticos, podemos afirmar que o não uso do pronome reflexivo pode ter impulsionado a maior frequência da categoria *suporte*, como forma de o falante se esquivar de significados que requerem o uso de verbos reflexivos.

As categorias verbo *pleno* e verbo como *parte de uma expressão cristalizada* são utilizadas em contextos específicos, com uma relação quase unívoca entre forma e significado. Logo, expressões como *toma lá, dá cá*, são acionadas juntamente com o contexto, em um princípio de iconicidade.

Wilson e Martelotta (2009) determinam que a maneira como nós nos relacionamos com o mundo afeta a maneira como estruturamos a língua. A língua pode ser vista, então, como resultado da motivação de fatores icônicos. No caso do verbo *tomar*, o traço semântico de *aproximação corporal* apresenta forte representação nas construções da categoria pleno. Portanto, esse traço se mantém em todas as outras categorias.

A expressão cristalizada, sobretudo *toma lá, dá cá*, por ter um uso que foge ao padrão da língua, mais coloquial e por ser utilizada em um contexto de uso mais restrito, assume sempre a mesma acepção e é empregada mais

esparsamente do que as outras categorias. É possível que, por suas características peculiares, a expressão cristalizada seja acionada em contextos específicos, como o literário. Paralelamente aos dados de fala que analisamos, foram extraídas ocorrências de *tomar* como parte de uma expressão cristalizada em uma amostra escrita, composta pela obra *Estórias da casa velha da ponte* de Cora Coralina (2012).

As categorias verbo suporte e verbo estendido, por terem contextos de uso amplos, por estarem inseridas em outros processos de mudança linguística, como a queda do pronome reflexivo e o princípio da economia linguística, e por serem frequentes na língua, tendem a agregar novas estruturações como: *tomar ranço*. Isso amplia os contextos no qual o verbo pode ser empregado e fortalece a rede esquemática já existente.

O verbo *dar* pode ser considerado o outro lado da interação na qual o verbo *tomar* está envolvido, uma vez que *tomar* codifica *adquirir posse* e *dar*, *ceder posse*. Um estudo desses dois verbos pode trazer novas respostas relacionadas à relação cognitiva e ao modo que lidamos com língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. Mudanças Linguísticas In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F (Orgs.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p.09-34.

BARROS, D. M. **Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana**. Dissertação de mestrado. 2011, 214. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

_____. **Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional**. Tese de doutorado. 2016, 177. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BORTONI-RICARDO, S.M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BYBEE, J. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CORALINA, C. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Global, 2012.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge, 2004.

CRUSE, D. A. **A Glossary of Semantics and Pragmatics**. George Square, Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2006.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FLICK, A.; FALCK, A.; TORP, A. **Vergleichendes Wörterbuch der Indogermanischen Sprachen**. Göttingen Vandenhoeck und Ruprecht, 1909.

FORTUNATO, I. V. **Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte**. Domínio de Linguagem, Ano 3, nº 1 – 1º Semestre 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. Pressupostos teóricos In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GARCÍA, A. L. **Gramática del español**. II. La oración simple. Arco/Libros: Madrid, 1996, 615 pp.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. **Mind, code and context: Essays in Pragmatics.** University of Oregon. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey London, 1989.

_____. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction.** v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. **Bio-Linguistics: The Santa Barbara Lectures** John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, Philadelphia, 2002.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work: The nature of generalization in language.** New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S.C.L. et al. Tratado Geral sobre gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNADES, M.C.; GONÇALVES, S.C.L. **Introdução à gramaticalização.** São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.

HAIMAM, J. **Iconic and economic motivation.** Language. v. 59, p. 781-819, 1983. Disponível em < https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/10-CompetingMotivations/pdf/Haiman_1983_Iconic_economic_motivation.pdf> Acesso em: 01 abr. 2018.

HEINE, B. **Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization.** New York: Oxford University Press. 1993.

HOPPER J.P.; THOMPSON, S.A. **Transitivity in Grammar and Discourse.** **Source:** Language: Linguistic Society of America v. 56. n. 2 (jun, 1980) p. 251-

299. Disponível em <: <http://www.jstor.org/stable/413757>.> Acesso em 28 mai. 2016.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O Verbo. In: ILARI, R.; (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: palavras de classe aberta. v. 3. São Paulo-SP: Contexto, 2014.

JESUS, L. R. **O uso do verbo tomar no Português escrito dos séculos XIV, XVII e XX**. Tese de Doutorado. 2014. 239f. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Sanford University Press, 1987.

_____. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008

_____. **Investigations in Cognitive Grammar**. Mouton de Gruyter Berlin, New York, 2009

_____. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S. CEZÁRIO, M.C. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MAY, G. H. . **Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo**. Working Papers em Linguística (Impresso) , v. 10, p. 69-79, 2009.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006.

NADER, K. et al. Fear memories requires protein synthesis in the amygdale for reconsolidation after retrieval. In: **Nature** 406: 722–6, 2000.

NEVES, M. H. M. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. In _____: **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. UNESP. São Paulo, 2002.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

RIBEIRO, P. R. O.; LACERDA, P. F. A. da C. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. In: **Revista Linguística**. Rio de Janeiro: UFRJ. v. 9, nº 2, 2013. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões, In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs). **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 36-50

SANDERS, E. F. **Lost in Translation**: An Illustrated Compendium of Untranslatable Words from Around the World. Ten Speed Press, California, 2014.

SANTOS, E. S. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva**. Tese de doutorado. 2016, 252f. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011

SILVA, H. H. B. Os processos de gramaticalização e discursivização do aí usado por falantes de distintos graus de instrução. In: **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SILVA, L. A. **Os usos do até na língua falada na Cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. Dissertação de Mestrado. 2005, 187f. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

_____. **As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro**. Tese de doutorado. 2012, 284f. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical Constructionalization. In: BARÐDAL, J. et al. **Diacronic construction grammar**. Amesterdão: John Benjamins 2015. p. 51-79.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge: MIT Press, 2008.

_____. **Why we cooperate**. Cambridge: MIT Press, 2009.

VASCONCELOS, A. P. D. **Diccionario homophonologico da língua portuguesa**. Porto, Figueirinhas, 1901.

VIEIRA, M. S. **Aí, daí e então em Campo Grande e São Paulo: análise sociofuncionalista no domínio da causalidade**. Tese de doutorado. 2016, 209f. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009 p. 71-85.

XAVIER, M.F.; M.G. VICENTE; CRISPIM, M. L. (orgs). **Dicionário de Verbos Portugueses do Século 13**, Lisboa, Linha de Investigação 1 do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 1999.

_____. **Dicionário de Verbos do Português Medieval - Séculos 12 e 13/14**, Lisboa, Linha de Investigação 1 - Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 2002.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Tomei a liberdade de fazer este estudo: o uso do verbo tomar na fala e na escrita da cidade de Goiás”. Meu nome Cleiton Ribeiro e Oliveira sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é Análise e Descrição de Línguas. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubricque todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail cleitondg@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): 62 984637921/62 33714023. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás, pelos telefones (62) 99169-2257 e (62) 3328-1439.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 Título: Tomei a liberdade de fazer este estudo: o uso do verbo tomar na fala e na escrita da cidade de Goiás

Justificativa: Utilizando um corpus específico da Cidade de Goiás, será possível traçar um perfil social, o vilaboense, e como ele utiliza o verbo *tomar* e suas diferentes acepções.

Objetivo Geral: Compreender e descrever a gradação de transitividade do verbo *tomar* sob as perspectivas teóricas da gramaticalização, discursivização e construcionalização na fala e na escrita da Cidade de Goiás.

Objetivos: Específicos:

Descrever as diferentes acepções do verbo *tomar* na fala e na escrita da Cidade de Goiás;

Classificar as diferentes acepções do verbo *tomar* de acordo com sua transitividade;

Desenhar um parâmetro que possa ilustrar como a mudança de transitividade do verbo pode incidir nos fenômenos: gramaticalização, discursivização.

1.2 Procedimentos utilizados da pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

Nossa entrevista será gravada e posteriormente transcrita para que a análise dos dados possa ser executada de forma mais precisa;

() Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Tomei a liberdade de fazer este estudo: o uso do verbo tomar na fala e na escrita da cidade de Goiás”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Cleiton Ribeiro e Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiás, de de

- () Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a)

Ocorrências do verbo *tomar* retiradas do “Fala Goiana”

Ocorrências com verbo pleno
Feminino 28 anos
1. e todo mundo qué robá:::... qué fazê maldade... a nem... esses tempo mesmo... pegaram meu primo... e tomo o dinheiro dele Doc. Sérió? Inf. Deu um chute nele...
2. aí minha prima falô precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não... falei num vai memo...
Feminino 33 anos
3. mas prima minha nós já brigô muito assim de brincaderinha mesmo de ficá de mal... de tomá um boneco uma dá otra já teve muito esses tipo de briga de escola não..
Feminino 48 anos
4. Acho qu/era cruzero... aí es dava... í meu pai tomava [CRUZEIROS] pra bebê pinga... aí nosso Deus... mais é... foi legal
Feminino 65 anos
5. não... cunzinhava só fugão caipira... aqui pru lado da Bagage aqui nós catava lenha aqui... nós tirava muita madêra aqui... pra fazê barraco... hoje tá tudo... tomado... aqui tinha o Asilo... era um triêro pra nós í lá pru Asilo... nesse xistia Asilo... nós pegava era o triêro... num tinha rua, num tinha casa, num tinha nada...
Masculino 25 anos
6. É... () assim lá... as veizi usá o meu num devolver ô tomá o que é meu e ficá por isso né.
Masculino 38 anos
7. Uai... porque ele queria tomá as muié nossa lá da... as menina da nossa rua... aí nós num dexô... aí juntô a turma nossa a turma dele i:::... i nós rolô no chão lá...
8. É::: os/otro qué dá o cano na gente... é os/otro... os os/otro que queria vendê picolé tamém queria tomá minha freguesia ô as veis até::: eu vendia picolé::: vendia bastante picolé:::

Masculino 72 anos
<p>9. aí ele:::.... ele num feis... ele vendeu... quem comprô dele ia fazê né... época de ano tinha passado da metade... tomano metade do meu terreno</p> <p>Doc. Nossa...</p> <p>Inf. Aí eu num dexei... () falei qui:::.... i vortô lá... não tem que/cê reto... falei então cê sorta um pedaço do qu/é seu... memo tanto... i pra podê...</p>

Ocorrências com verbo estendido
Feminino 28 anos
<p>1. cô cum medo mais num teve nada não... nem foi no médico tamém... tomei só...</p> <p>Doc. Sei...</p> <p>Inf. Remédio casero... ela passô remédio só... teve perigo não</p>
<p>2. mais passô:::.... cabô o susto... tomei uma água ((risos))</p> <p>Doc. ((risos))</p> <p>Inf. Ah::: Nossa Senhora... mais é difícil</p>
<p>3. tinha dia qu/eu vomitava tanto... mais tanto... qu/eu pensava qu/eu ia morrê... i::: tomano remédio... tomano remédio... juntano só remédio</p> <p>4. casero né... qu/eu tomava... qu/eu num gos... num sô muito chegada de i em hospital...</p>
Feminino 33 anos
<p>5. falei irmã Regina eu num quento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha toma remédio pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da ora de durmi...</p>
<p>6. falei Irmã Regina num vô caçá mais casa num vô fazê mais nada vô ficá é aqui... inda falei assim se o Osmar quizé tomá as providença dele</p> <p>7. ele pode tomá qu/eu num vô mexê com nada larguei de tu... larguei de mão num vô caçá casa mais não eu vô é orá...</p>

8. eu vô pagá o aluguel procêis todo mês eu mando aluguel procêis cê toma as providência e arruma uma casa pra alugá e fu... aí eu peguei e comecei nem falei pro meu esposo não aí um dia...
9. socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né? aí depois disso ele tomo medo ... ele ficô com medo... a gente ficô com medo foi lá na () isso aqui num é pra nós não...
Feminino 43 anos
10. Foi. Aí depois que ele morreu eu peguei a toma remédio pra mim não volta a depressão.
11. Tomo. Tomo (Ocardil).
12. Agora pra dormi, eu durmo as custa de remédio. Essa noite mesmo eu levantei dez hora pra toma remédio mai eu num dormi.
13. Tem que tomá se não num dorme não.
14. É a vitamina eu tomei , aí... voltou um pouco da vontade de comida mais num sou boa pra come igual era antigamente.
15. Eu gostava do meus ex-noivo, mais depois ele passou a bebe chega lá em casa bebo. Aí eu peguei e tomei raiva dele. Eu cabei mais o casamento foi por isso.
Feminino 65 anos
16. não... do meu pai eu nunca tomei um tapa ... Doc.: - Não... ? Inf.: - Não...
17. aqui pro carretão... aí que eu criei as fiarada... sete fío eu criei aqui no carretão... tudo na roça... nunca cunheceu médico... nunca nunca nunca nunca nunca... tomei um comprimido ... pra gravizez nem parto nem nada de médico...
Feminino 70 anos
18. eu tornei a muntá nessa égua e fui... aí:: ele... eu tomei os remédio ... quando foi pra mim vortá... que já tava já...
19. Uai... eu tomava os remédio ... miorava... eu mesma apicava injeção nimim por causa das vista... injeçaozona assim...
20. Tem que tomá cuidado né...

21. MÃE eu vô ali comprá umas camionete pra nós puxá areia... e saiu né... ele saiu... quando nós tava tomano café o Zé chegô::: com/a camionete...
22. Tem café uai... vamo tomá um cafezim ?
23. Vamo tomá um cafezim uai... vai sent... vai sentano q/eu vô buscá
Masculino 25 anos
24. É tem um irmão meu já gosta de gastá mais já gosta bem de tomá uma bebida ... agora eu já gasto muito mais já num é cum bebida as vez é... já coisa pra comê né... as vez é uma coisa... um som né... algum aparelho de som... e muito difíci
25. tomá um pouquim [da bebida] , mais num é viciado não.
Masculino 30 anos
26. puis o cochão e tinha uma moita de capim eu::: dormi dentro dessa moita... aí eu fui trabalhando com es... e foi tomano confiança em mim... aí::: i eu continuava dormindo lá dentro dessa moita de capim lá... aí eu peguei passei a conhecê otas pessoa...
27. É num aceitava... ele já tomô confiança em mim... ele já viu que podia confiá e aquilo ali num esqueno de trazê sempre o pensamento firme em... em Deus...
Masculino 36 anos
28. aí minha pegô e falô... Josmazim vai lá chamá seu pai pá vim almoça... e ele tava lá tomano seus gole dele lá e eu já fui assim tremeno... qu/eu sabia com/é qu/ele era... que quando ele chegava bêbado ele pegava minha mãe e batia né?...
29. e eu fui lá tremeno de medo corri fui lá no João Francisco falei papai mamãe tá chamano pa í amoça ele falô per aí só um poquim... aí tá ele tomô seu último gole dele lá i eu vim tremeno... aí chegô lá meu irmão falô papai Mazim furô a minha bola...
30. tomano sorvete e o dinherim qu/eu peguei esse dia lá eu gastei tudim junto com os colega e sorvete por conta...
31. e eu gostava demais de istilingui... mais cum esse istilingui memo eu tomei uma taca ... mais foi daques boa...

<p>32. falô cê respeita o menino... ele tá ganhano o dinherim dele tá trabaiano proque precisa... e ele tava tomano uns golim é... é nessa época tamém até o Miton de Soza... o Mito Soza mexia com buteco aqui em cima aqui...</p>
<p>33. e/u lá na esquina lá de cima lá e/u com o estilingui lá eu pequei e mirei o istilingui top e foi bem na testa dela...foi uma só... e/u fiz brincano num foi por maldade... oh dia qu/eu tomei taca tamém... mais foi uma surra mais foi daquela...</p> <p>Doc.Nossa! ((risos))</p> <p>Inf. Foi daquelas gostosa... mais eu num fui cum maldade era brincano...</p>
<p>34. já tava casado... foi um probrema que teve lá em casa lá e eu como se diz tinha tomado um gole peguei caí...</p>
<p>Masculino 72 anos</p>
<p>35. É... aí meu pai vei/qui... ele... consurtô... levô remédio pra mim... i tomano remédio direto mais custô... levei mais de noventa dia... pra mim recuperá...</p>
<p>Masculino 75 anos</p>
<p>36. eu fui um caboco assim, antes d'eu casá, i depois qui eu casei, eu nunca sentei, numa mesa assim pá participar duma bebiba, nunca, nunca sentei num bar assim, pá tomar uma cerveja, pareci que eu tenho vergonha, sabe</p> <p>Entrevistador: Uhum</p> <p>Informante 1: É criado na roça cê já viu né</p>
<p>37. Naum, naum, tava um cento e pocos, só, ai eu vou mingua, a minina falo, mingua o doce, eu tinha comido muito doce, tomado muito refrigeranti, i fui lá tirá, a diabeti, ai deu né, agora eu vo fazê im jijum, pra vê. Mas tá boa, to trabaiano,</p>
<p>38. Agora, pra hansenía naum precisa né, cê usano os remédio, eu tomei</p> <p>Entrevistador: Naum, ai cê usou os remédio certinho?</p>
<p>39. Informante 1: dois ano, tomano comprimido, quando acabava cê ia lá i</p>

40. Eu só... era na Ozego lá em riba, o remédio era grati vinha di fora, eu **tomava a mão cheinha de comprimido** i saia correno pra num gumita, porque naum podia gumita o remédio, chegava lá, ali no só gelo alí ô,

41. me dá um guaraná di gelo ai qui eu... ai ele trazia o guaraná, eu **tomava o guaraná** pra podê caba di estabiliza o remédio no meu estomago, graças a Deus, tô aqui, dano intrevista pro cê, um grandí, grandí estudioso,

Ocorrências com verbo suporte
Feminino 33 anos
1. nem ia na igreja... num ia mais meu esposo aí eu resolvi tomei uma decisão i passei pra igreja de Cristo hoje graças a Deus eu sô crente não arrependo de sê crente gosto muito...
2. porque no mundo que nós tamo vivo hoje... é só drogas e tudo né?... então eu penso muito foi uma decisão boa qu/eu tomei porque do jeito qu/eu tava... não dava pra ficá... porque nós... eu bebia muito de veis em quando bebia...
3. meu esposo levô tudo na brincadera né? sempre brincano né? assim... ele tamém queria mais () que nem eu tomava decisão de í pra lá e nem ele né? e a gente foi ficano foi ficano igual ela falava costumô né?
4. ela ficava muito internada no hospital direto... direto internada e aqui ficava tomando conta de mim dava banho ni mim ela falava qu/ele pentiava meu cabelo né?
5. É...porque eu tomei um passo viu?... um passo grande porque::: [Doc. () Inf. É... porque sem Deus nós num somo ninguém mesmo né?...
Feminino 48

6. a irmã entregô uma profecia pra mim... qu/era pra mim tomá muito cuidado ... que ia contencê um acidente comigo... aí eu num sei... se eu fiquei preocupada com isso...
Feminino 65 anos
7. um existe isso mais uai... se menino ficá na frente de hospital... sai cum ele doido no carro aí tomano vente caiqué maneira... e antigamente num podia... quando nós desceu... minha mãe desceu de resguardo... de mim... eu vim muito bem empacotada...
8. e minha madrasta era custurera... ela só invuivia cum a máquina dela... e quem tomava conta da cuzinha era ieu... e meu sogro ficô reparano aquilo...
9. corrê atrás da criação, cunversá com os irmão, mandano minino tomá banho ... mandano minino pintiá cabelo... meu sogro viu aquilo... e chegô na casa dele falô assim...
10. chegô lá na casa dele, pois ela lá... teve que pagá um sermão pra ele lá... prele tomá conta dela, que a responsabilidade era grande... num sei o quê, num sei o quê, num sei o quê... ela ficô... lá...
Feminino 70 anos
11. Tem que tomá cuidado né...
Masculino 25 anos
12. Aí istudava e trabaiava e estudava. Aí, trabaiava um pouco aí tomava bain muçava e ia pra escola, voltava ia trabaiá de novo.
13. meu avô contava caso de onça que:::.... eu... uma veis disse que tinha um posto assim...na mata só... só a onça que bebia água lá né? aí então um dia... os macaco juntô tudo lá... reuniu a turma e marrô ela na... na árvore né? e aí foi tomá banho no poço dela lá com ela oiano () ela veno tudo né?
Masculino 30 anos
14. eu paguei bem antes do prazo... e terminei de pagá o quichute e aí eu fui tomano uma independência já trabalhava... já ganhava um dinhêro aí comecei a trabalhá pr/outro...

15. eu fui e comprei pra minha mãe... aí nesse dia que eu comprei o sofá eu resolvi tomá umas cachaça pela primeira veis ((risos)) passei muito mal... minha mãe chorô muito...
16. e aí quando foi a noite... eu jantei... tomei banho... tô por ali::: e aquelas mulheradas bebeno e tudo...
Masculino 36 anos
17. i lá pro fundo da carioca onde é o carioca né? que antigamente num era carioca ia pra lá... ia lá toma baim as veis quase morri lá tamém qua/do desse negoço... minha mãe tamém quase mim matô de taca tamém por causa disso
18. que lá era oto nome antigamente num era carioca não... aí nós ia pra lá pra í tomá baim... i lá esquicia... aí minha mãe chegô lá na rodoviara procurano por mim... adê eu i eu lá pra bera do rii... só... como se diz tomano baim i:::
Masculino 38
19. ssa época eu já era maió um poquim já né? já... bem dizê já tava tomano conta de todo mundo já aí nós... aí ele foi pescá um dia na bêra do rii aí escondido de nós falô que ia pá aula e ia pescá
Masculino 72 anos
20. recramano sua saudade... se vois qué casá com outro... eu não pego suas vontade... eu subi naquele arta e somente pra ti enxergá pra tomá amor () as minha corage não dá... vô tocá minha viola... somente pra disfarçá...
Masculino 75 anos
21. antigamente, nois tomava banhu , noi tinha um manjolo, 22. noi tomava banhu na bica do manjolo, naum tinha chuveiro. Entrevistador: Aham 23. Informante 1: O fazendero lá tinha chuvero, mais a casa do vaquero naum tinha chuvero, noi tomava bain no corgo, 24. tomava bain na beira do manjolo, 25. era isso ai, tomava banhu assim, [risos]

26. Noventa i seis, a minha mãe me ajudado muito, muito, muito, muito, muito memo, a minha mãe derradeira fazenda qui eis **tomo conta** aqui no doutro Carducio, uma fazendona qui tem, cheia de gado aqui, di lá da cachoera grandi, ela fazia queijo, eu já tinha a banquinha lá já né, tava faturano um dinherim, graças a Deus, já tava surtino a casa, ela mandava queijo, mandava ovo, pra mim vendê pra mim, ai eu punhava aqueli dinherim, já ajudava,

ANEXO

Ocorrências do verbo *tomar* retiradas do DMVP

O Dicionário de verbos do Português Medieval (DVPM) registrou, nos séculos 12, 13-14, 361 ocorrências do verbo *tomar*.

TOMAR. De orig. Obsc. Ocorrências 361. **1 tomar, ingerir: alguém toma algo** [- SN] e aa vesp(er) a da çea santa de Nosso Senhor toma o santo corpo E o sangue de Nosso Senhor Jhesu Cristo; E de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teer aa praya em que nos tomamos agoa. **2 tomar, receber, apropriar-se:** alguém toma alg de/a alguém. [- SN SP] Quê ouro ou p(ra)ta tomar doutrĩ e o falsar mizc(ra)ndo cū out(ro) metal peyor aya a pãa [...] sub(re)dicta; E esto he mesmo de qual quer que toma algũa coussa dos romeiros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestytujr a seus herdeiros, e sse cõ outra entẽçon o tomar peca mortalmẽte; E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese ./ nom curaram de lhe tomar nada E asy o mandaram com tudo. **3 tomar, aceitar:** alguém toma (a/em) alg [- (a/em) SN] e elles deitavõ-lhas e ante que cayssem ã terra tomavõ-nas cõ tenazes de ferro acessas.; Mais dá-lo-edes em panos tomar, se vo-los derem, e ēn'os guardar e em vendê-los em aquel mercado.; Quem toma peendemça as portas da ygreia e torna mays aquel pecado. Alguém toma alguém por algo [- SN SP] E chegou a hũa prouícia ã que nõ auia rey, e os homẽs daquela terra uirã-no homẽ nobre e pera muyto e sabedor e tomarõ-no por seu rey. **4 sentir alguém toma algo** [-SN] chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que tomava grãde nojo mayormẽte que nom avia outra filha nõ filho; E o ãuejosso de ligeiro toma sanha contra aquele que ha enueja.; E aly se metiam #iij ou #b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam tomar pee . **5 agarrar, segurar alguém** toma alg [-SN] E o ango desapareceo entom e os dyaboos ((L)) logo cercarõ a alma de todallas partes. e tomarõ-na ((L)) e derom cõ ella dentro na casa.; lh(es)u Cr(ist)o Nosso Sen(hor) v(er)dadeiro De(us) e hom(ẽ) quando q(ui)s <F 58d> rreceb(e)r morte por salvar o mũdo estabeleceu p(er) ssy p(ri)meyram(ẽ)t(e) este sac(ri)fficio p(er) ssy meesmo aa q(ui)nta feyra da cea q(uan)do comeu cõ sse(us) deçip(o)los tom(ou) [o] pam e ho vinho nas ssas mãos; E entam pera o castical como que avia tambem prata ./ mostraran lhes hum papagayo pardo que aquy o capitam traz ./ tomaram no logo na mão E acenaram pera a terra como que os avia hy. Alguém toma a alguém por algo [-SP SP] E estas palavras asy p(er) el d(i)ctas <F 76v> tomou a mÿ per a mao como avia de custume ((L)) e assy ãtramos muyto a pressa em ssua camara ((L)).; O .xiiij. se alguũ toma por força a algũa mulher e se casa con ella nom ha tãta pena por rrazom do matrimonio como se a forçase en outra maneyra e se nõ se casasse com ella.; E meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos E eles folgauam E Riam E amdauam com ele muy bem ao soom da gaita . toma-se alg [-SN] ca sabudo he que todo porco que pello asopee vem dereito nunca se toma, salvo se he de aventura, ainda que o monteyro estê abastoso de alaão pera guardar a armada.; E entam o capitam

feze se tomar ao colo de dous homeês E pasou o Rio E fez tornar todos . 6 assumir funções, tomar a seu cargo alguém toma algo [-SN] mais tu toma este trabalho e cava ((L)) a terra p(er)a podermos soterrar o santo corpo ((L)); e por minha desaventura sendo estas primeiras armas que eu thomei pera o servir, pareceme que he fforçado que as perca. **7 colocar alguém toma algo a lugar** [-SN SP] Enp(er)ouve-a de tomar ao pescoço. e entrou ((L)) cõ ella pella ponte. **8 interpretar alguém toma algo** (por algo) [-SN (SP)] e eu o nõ ((L)) queria tomar por tal que gaanhasse mais meus ((L)) amigos do meu maaõ desejo; E depois mostrou o dedo pera o çeeõ coma que lhes dizia alguũa cousa de bem E nos asy o tomamos. Toma-se algo por algo [-SN SP] E entom se toma por singullar e por plular sem deferença.; Em outra maneira sse toma por as pesoas eclesiásticas. **9 seguir alguém toma algo** [-SN] E escolheo tomar vida ((L)) de monge. em os moesteyros de Palestina; Pequey outrosy nõ seẽdo homildoso nem tomo o enxemplo de Ihesu Christo. **10 optar, escolher alguém toma algo** [-SN] mais ante toma ((L)) plaz(er) e aleg(ri)a com os angeos porque Paia tomou ((L)) e escolheo a mylhor parte a q(ua)l av(er)a e posuira ((L)) p(er)a senp(er).; E tanto que a comcrusam foy tomada . pregumtuõ mais se seria boo tomar aquy per força huõ par destes homeês pera os mandar a vosa alteza; Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e toma a Lançalot. **11 encontrar alguém em determinada situação toma-se alguém com alguém** [-SN SP] Mas nom sabia quem era Galaaz, ca em niũa guisa nom se tomaria com ele. **TOMAR (A) CONTA** 1 Administrar alguém toma conta de algo [- SP] Poẽdolhe huõ tal exẽplo dizendo: Semelhauel he o regno dos ceos a huõ rey que quis auer conta cõ seus seruos e comẽçãdo a tomar a cõta huõ seruo lhe deuia doze mil marcos de prata nõ teẽdo per u lhos pagar, e mãdou que fosse uẽdido ele e a molher e os filhos; E, por que o iffante dõ Johã era casado cõ sua filha, atrevẽdosse ã ele, dizia que querya tomar conta das rendas do reyno e saber como se despendiã, pareçendolhe que nõ eram despesas como devyã. **TOMAR A DIANTEIRA** 1 Passar à frente alguém toma a dianteira a alguém [- SP] Os da villa sahirõ a elles: Pero Rodriguez com dez de cavallo, e seteemta e çimquo homeês de pee; e forom os de cavallo per outra parte, por lhe tomar a deanteira; e ja os de pee tiinhã as cabras tiradas aos corredores, e os de cavallo forom dar na çellada; a quall descuberta, leixaromsse todos hir dereitamente aa villa que era muito açerca. **TOMAR AGUA** 1 Abastecer- se de água potável alguém toma água [-] ja casy noute a dormjr aa segunda feira depois de comer saimos todos em tera a tomar agoa. **TOMAR CONHECENÇA** 1 Tomar conhecimento toma conhecença alguém [-SN] a elles porem he muyto mais que a outro nehũ, mayormente quando tomam conhecença, converssaçom e famyliarydade com algũa molher que he ou parece spiritual. **TOMAR CUIDADO** 1 tomar cuidado alguém toma cuidado [-] que prol tem i ou quegenda o que toma tal cuidado com' há posta ta fazenda.; E porẽ sandeu he o homẽ pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e toma grande cuydado de auer morada sollepne cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamẽtos notauees. **TOMAR DE ÇAFARA** 1 Fazer ou promover a procriaçãõ de animais alguém toma de çafara algo [-SN] E em todo tempo ã seu termho criam muy bõs açores que hy tomã de çaffara, que husam mais caça e som melhores que os outros e son muy fremosos. **TOMAR DE TALAM** 1 tomar a decisãõ, fazer a sua vontade alguém toma de talam de fazer/acontecer [- (de) Vinf] com aguça que tomou de talam de casar cedo, nom hou' i conrairo. **TOMAR EXEMPLO** 1 adoptar como exemplo alguém toma exemplo em alguém de fazer [- (SP) de V inf] E esto por tomarmos nos outr(os) exẽplo ((L)) de fazer

bem. ã nos guardarmos de mal. **TOMAR HÁBITO** 1 Ordenar-se padre ou monge, entrar para o convento alguém toma hábito [-]E, quando vyo que era acerca da morte, tomou o avito de Santiago e morreo en elle. **TOMAR HOSPICIO** 1 hospedar-se alguém toma hospício em lugar [-SP] Junctados asy os ((L)) dictos bispos, o bispo da çidade mandou que tomassẽ ((L)) e ouvessem hospicio e pousada na ig(re)ja do bem ((L)) aventurado m(ar)tir Sam Giãão. **TOMAR ORDEM** 1 tornar-se um homem do clero alguém toma ordem [-]Entrando ena ordẽ algũũ homẽ ou molh(e)r deue estar huũ ano en proua o q(ue) quiser tomar ordẽ de rreligiõ.; E os clerigos que toman ordẽ de relegion que chaman conuersos cortam os cabelos darredor e non rapan ãçima a cabeça por que, como quer que deixem os beẽs temporaees, nom sse ocupan nos ofiços diuinaees. **TOMAR PELAS MÃOS** 1 Dar as mãos alguém toma as mãos a alguém [-SP] E a alem do Rio amdauam mujtos deles damçando E folgando huũs ante outros sem se tomarem pelas maãos E faziam no bem . pasou se emtam aalem do Rio diego dijz almoxarife. **TOMAR PENHOR** 1 tomar penhor, dar garantia alguém toma penhor por algo a alguém Um escudeiro vi hoj' arrufado por tomar penhor a Maior Garcia, por dinheiros poucos que lhi devia; Jtem o segundo agrauamento que el tijna os sseus fferregiees e as ssas vinhas tapadas como conprium e que lhis nom mandara nem mandaua tomar penhoras ssen Razom. **TOMAR (POR) MULHER** 1 casar- se alguém toma (por) mulher alguém [-SN] este homẽ bóo tomou por molher hũa qual (con)pria a sseu linhagẽ; Nam queiras tomar molher da geraçã de Canahaã mas vayte a Mesopotanya e toma molher das filhas de Labã teu tio; Quẽ prometeo simplezmente de entrar em hordẽ e depois leixou o uoto que fez tomãdo molher deue de fazer peendencia tres anos. **TOMAR POSSE** 1 Empossamento alguém toma posse de algo [-SP] e Aç(er)ca do logar daRanha p(or)tos o d(i)to Johã vjçent(e) ((L029)) tomou pose da d(i)ta vj~nha p(er)a o d(i)to moestey'ro (e) ã nome do d(i)to moesteiro ((L030)) p(er) t(e)rra (e) p(er) Eruas (e) Çepas (e) vides da d(i)ta vj~nha Asj. **TOMAR PRAZER** 1 alegrar-se alguém toma prazer (em lugar) [- (SP)] Alegra-te asaz, filha de Sion, toma prazer em no coração, filha d'Israel, ex o teu rey vem a ty sancto e salvador, elle meesmo prove sobinte sobre a sua' etcetera.; Item todo homem que se delecta em o pecado que ia fez e quando lhe uem em mẽte e toma hy prazer. **TOMAR TRABALHO** 1 transtornar-se, preocupar-se alguém toma trabalho [-] ssenhor por que tomaste tanto trabalho p(er)a ((L)) viir a nós.